

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade De Filosofia e Ciências Humanas
Programa De Pós-Graduação em Psicologia

Walter Aristóteles Oliveira Miez

**DESCORTINANDO ESTUDOS EM MASCULINIDADES: os caminhos da pesquisa em
psicologia sobre homens no brasil**

Belo Horizonte
2020

Walter Aristoteles Oliveira Miez

**Descortinando estudos em masculinidades: os caminhos da pesquisa em psicologia sobre
homens no brasil.**

Versão final

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof^a. Dra. Ingrid Faria Gianordoli-Nascimento.

Belo Horizonte
2020

150 Miez, Walter Aristóteles Oliveira.
M632d Descortinando estudos em masculinidades [manuscrito] : os
2020 caminhos da pesquisa em psicologia sobre homens no brasil /
Walter Aristóteles Oliveira Miez. - 2020.
147 f.
Orientadora: Ingrid Faria Gianordoli-Nascimento.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Inclui bibliografia.

1. Psicologia – Teses. Masculinidade - Teses. 3. Identidade – Teses. 4. Psicologia social – Teses. I. Gianordoli-Nascimento, Ingrid Faria. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



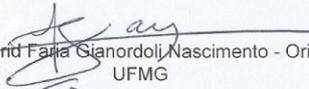
FOLHA DE APROVAÇÃO

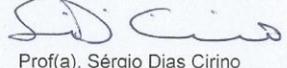
DESCORTINANDO OS ESTUDOS EM MASCULINIDADES: OS CAMINHOS DA PESQUISA EM PSICOLOGIA SOBRE HOMENS NO BRASIL

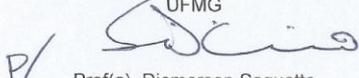
WALTER ARISTOTELES OLIVEIRA MIEZ

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA, como requisito para obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA, área de concentração PSICOLOGIA SOCIAL, linha de pesquisa Cultura, Modernidade e Processos de Subjetivação.

Aprovada em 14 de fevereiro de 2020, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Ingrid Faria Gianordoli Nascimento - Orientador
UFMG


Prof(a). Sérgio Dias Cirino
UFMG


P/ Prof(a). Diemerson Saquetto
IFES

Belo Horizonte, 14 de fevereiro de 2020.

AGRADECIMENTO 1

Muito obrigado, axé!

AGRADECIMENTO 2

Eu sou a bicha que nasceu nos anos 90; que chocou a dentista ao dizer que seria a Power Ranger Rosa quando crescesse; que usou o chapeuzinho de festa rosa no aniversário de 5 anos contrariando os pedidos de mamãe pra usar o azul; que mal sabia três ou quatro palavras em inglês, mas cantava Wannabe como ninguém; que fingia ser a Baby Spice e só mais tarde foi entender que ser a Ginger era muito mais legal; que sabia todas as coreografias das Chiquititas; que aguardava todas as noites tocar Thalia na abertura de alguma novela para poder dançar como ela; que nunca pode aprender a andar de patins ou era constrangido quando queria jogar queimada porque não era coisa de menino; que torcia pra ficar no banco de reserva na aula de educação física pra não ter que jogar futebol; que mudava de caminho pra fugir dos xingamentos homofóbicos antes mesmo de dar significado à própria sexualidade; que ouvia por todos os lados que deveria falar, andar e se portar como homem; que era amiga das amigas; que foi ameaçado ter as pernas quebradas se dançasse; que enfrentou o militarismo machista e LGBTfóbico nos 6 anos que estudou no colégio militar e foi o primeiro bailarino de lá; que ficava deslumbrado com vilãs como Soraia Montenegro, Paola Bracho, Laura Prudente, Nazareth Tedesco, Bia Falcão, Flora e Carminha; que despertou pra militância ao construir sua identidade a partir da amizade com viadinhos, travestis, sapatões, dragqueens, pretas(os), macumbeiras(os) e faveladas(os); que saiu de casa, ainda menor de idade, porque negar a si mesmo não era uma opção; que vibrou ao ser dispensado do serviço militar; que um dia acreditou que o corpo sarado, a roupa de marca, o cabelo descolado e o perfume importado era o que mais importava ao conhecer alguém; que descobriu depois que é possível ser alguém para além de uma cultura de consumo e futilidade; que dança Beyoncé na balada; que quer casar, ter filhos, dois cachorros e uma horta; que não vê elogio algum ao ser confundido com um heterossexual; que nunca fez questão de ser macho; que escolheu o conforto e o suporte de amigas(os) à hipocrisia e o moralismo da família; que beija em público não para afrontar, mas porque saber que o amor também é político; que sabe que é susceptível à violência, mas faz desse enfrentamento constante uma luta por respeito e liberdade em memória de todas(os) aquelas(es) que compuseram e ajudam a construir essa trajetória...

DESCORTINANDO ESTUDOS EM MASCULINIDADES: OS CAMINHOS DA PESQUISA EM PSICOLOGIA SOBRE HOMENS NO BRASIL¹

RESUMO

A Psicologia como campo de saber é chamada a compreender processos de invisibilização e subalternização de experiências, tais como o processo de masculinização de homens.

Os estudos em masculinidades e sobre homens é contemporâneo e reflexo dos movimentos feministas, sendo só a partir da década de 1990 que essas discussões ganham espaço nas universidades e passam a fomentar políticas públicas pensadas a partir das assimetrias de gênero.

Sendo as produções acadêmicas fundamentais para instituição de campos do saber e linhas de pesquisa, partindo da metodologia do Estado da Arte, realizamos a meta-análise de dois estudos a partir de dados dispostos no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Ao aproximarmos e distanciarmos os resultados de estudos acerca de pesquisas em masculinidade e sobre homens produzidos pelos Programas de Pós-Graduação em Psicologia entre os anos de 1994 e 2018, obtivemos um panorama sobre quem, onde e a partir de que lentes esses são construídos.

A partir da análise desse panorama parece-nos que estudos sobre homens em Psicologia ainda reconhecem esse termo como representante de uma categoria universal que referencia o ser humano e estão interessados em pensar a experiência de ser homem na vivência cotidiana, voltando, assim, seus interesses para aspectos microssociais. Já os estudos em masculinidade parecem voltados para aspectos macrossociais como as dimensões que constroem homens nessa cultura.

Destacamos também a importância de se introduzir critérios socioculturais como filtros em catálogos de indexação de pesquisas. Essa estratégia possibilita entender quem tem pesquisado sobre determinado campo teórico e dialogar de maneira mais afinado com as(os) interlocutoras(es) em uma pesquisa, auxiliando na promoção da inserção social, critério de avaliação estabelecido pela CAPES.

Palavras-chave: Psicologia; Pós-Graduação; Masculinidades; Homens; Meta-análise.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

ABSTRACT

Psychology, as a field of knowledge, is called upon to understand processes of invisibility and subalternation of experiences, such as the masculinization process of men.

Studies on masculinities and on men are contemporary and a result of feminist movements, and only from the 1990s on, have these discussions gained space in universities thus beginning to foment public policies based on gender asymmetries. Since academic productions are fundamental for the establishment of fields of knowledge and lines of research, based on the State-of-the-Art methodology, we conducted a meta-analysis of two studies based on data provided in the Catalog of Theses and Dissertations of the Coordination for the Improvement of Personnel of Higher Education (CAPES).

By comparing and contrasting the results of researches on masculinity and on men produced by the Graduate Programs in Psychology from 1994 through 2018, we have obtained an overview of about whom, where and from which perspectives those studies are built.

From the analysis of this scenario, it seems that studies on men in Psychology still recognize this term as representing a universal category that references the human being, and such studies are interested in thinking about the experience of being a man in everyday life, thus focusing their interests on micro-social aspects. Studies in masculinity, on the other hand, seem to focus on macro-social aspects such as the dimensions that build men in this culture.

We also highlight the importance of introducing sociocultural criteria as filters in search indexing catalogs. This strategy makes it possible to understand who has been researching on a certain theoretical field and to dialogue more closely with the interlocutors in a research, helping to promote social inclusion, an evaluation criterion established by CAPES.

Keywords: Psychology; Postgraduate studies; Masculinities; Men; Meta-analysis.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1

Número de PPG/Psi nas diferentes modalidades no ano de 2016 e de 2019

Tabela 2

Contagem relacionada a presença de orientador(a) na banca ao longo dos anos

Tabela 3

Contagem relacionada a presença de orientadoras(es) na banca ao longo por estado

Tabela 4

Contagem relacionada a presença de orientadoras(es) na banca ao longo por sexo

Tabela 5

Expectativa de atuação distribuída por estado

Tabela 6

Distribuição dos tipos de gestão ao longo dos anos

Tabela 7

Distribuição dos tipos de gestão por sexo

Tabela 8

Distribuição dos tipos de gestão por estado

Tabela 9

Distribuição de trabalhos em masculinidade(s) por IES

Tabela 10

Distribuição de linhas de pesquisa ao longo dos anos

Tabela 11

Distribuição de Palavras-Chave por sexo

Tabela 12

Distribuição de Palavras-Chave em cursos de Pós-Graduação

Tabela 13

Distribuição de Palavras-Chave por tipo de gestão de IES

Tabela 14

Distribuição de Palavras-Chave por região do país

Tabela 15

Distribuição de Palavras-Chave por ano

Tabela 16

Distribuição de produções de Doutorado por região

Tabela 17

Distribuição de produções de Mestrado por região

Tabela 18

Distribuição de produções por região e ano

Tabela 19

Distribuição de produções por região e sexo

Tabela 20

Localização do buscador por curso de Pós-Graduação

Tabela 21

Contagem relacionada a presença de orientador(a) por curso de Pós-Graduação

Tabela 22

Contagem relacionada a presença de orientadoras(es) na banca ao longo por sexo

Tabela 23

Distribuição de bolsas por agências de fomento em cursos de Pós-Graduação

Tabela 24

Tempo de distribuição de bolsas em cursos de Pós-Graduação

Tabela 25

Distribuição de bolsas por agências de fomento por local de vínculo empregatício

Tabela 26

Distribuição de bolsas por agências de fomento por local de vínculo empregatício

Tabela 27

Distribuição de bolsas por agências de fomento por ano

Tabela 28

Distribuição de bolsas por agências de fomento por estado

Tabela 29

Expectativa de atuação após a formação em cursos de Pós-Graduação

Tabela 30

Tipo de gestão em cursos de Pós-Graduação

Tabela 31

Tipo de gestão em cursos de Pós-Graduação por estado

Tabela 32

Tipo de gestão em cursos de Pós-Graduação por sexo

Tabela 33

Distribuição de trabalhos sobre homens por IES 1

Tabela 34

Distribuição de trabalhos sobre homens por IES 2

Tabela 35

Distribuição de linhas de pesquisa por curso de Pós-Graduação

Tabela 36

Distribuição de linhas de pesquisa por sexo

Tabela 37

Distribuição de Palavras-Chave por sexo

Tabela 38

Distribuição de Palavras-Chave no Mestrado

Tabela 39

Distribuição de Palavras-Chave no Doutorado

Tabela 40

Distribuição de Palavras-Chave por tipo de gestão

Tabela 41

Distribuição de Palavras-Chave por região

Tabela 42

Distribuição de Palavras-Chave por ano

Tabela 43

Distribuição de produções por região

Tabela 44

Distribuição de produções por regiões e sexo

Tabela 45

Distribuição de produções de Doutorado por região

Tabela 46

Distribuição de produções de Mestrado por região

Tabela 47

Distribuição de produções por estado

Tabela 48

Distribuição de produções por cidade

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1. Distribuição de produções na Área de Concentração Psicologia.
- Figura 2. Produções com buscador Homem ou Homens e Masculinidade ou Masculinidades.
- Figura 3. Produções com buscador no Título, resumo e palavra-chave
- Figura 4. Ausência de orientador(a) na banca por estudo.
- Figura 5. Ausência de orientador(a) na banca de doutorado por estudo.
- Figura 6. Distribuição de bolsas em 2013 e 2018.
- Figura 7. Pesquisadoras(es) com expectativa de Ensino e Pesquisa.
- Figura 8. Distribuição de sexo por estudo.
- Figura 9. Comparativo sobre o tipo de vínculo empregatício entre os estudos.
- Figura 10. Disponibilidade de trabalhos com anexo para download entre 1994 e 2018
- Figura 11. Disponibilidade de trabalhos com anexo para download entre 2013 e 2018.
- Figura 12. Área de concentração a qual os trabalhos desse estudo pertencem.
- Figura 13. Termo utilizado como buscador por tipo de curso de Pós-Graduação.
- Figura 14. Localização do buscador por curso de Pós-Graduação.
- Figura 15. Presença de orientadoras(es) na banca em cursos de Pós-Graduação.
- Figura 16. Distribuição de bolsas por agências de fomento em cursos de Pós-Graduação.
- Figura 17. Expectativa de atuação após a formação em cursos de Pós-Graduação.
- Figura 18. Expectativa de atuação após a formação por sexo.
- Figura 19. Tipo de gestão em cursos de Pós-Graduação.
- Figura 20. Distribuição de produções ao longo dos anos.
- Figura 21. Distribuição de produções por tipo de curso de Pós-Graduação.
- Figura 22. Distribuição de produções por sexo.
- Figura 23. Áreas do conhecimento nos cursos de Mestrado.
- Figura 24. Áreas do conhecimento nos cursos de Doutorado.
- Figura 25. Distribuição de produções por região.
- Figura 26. Distribuição de produções por estado.
- Figura 27. Distribuição de produções por cidade.
- Figura 28. Distribuição de produções nas capitais por curso de Pós-Graduação.
- Figura 29. Distribuição de produções por capital e sexo.
- Figura 30. Distribuição de produções por sexo.
- Figura 31. Distribuição de produções por sexo e ano.
- Figura 32. Tipo de vínculo empregatício por sexo.

- Figura 33. Local de vínculo empregatício por sexo.
- Figura 34. Disponibilidade de trabalhos com anexo para download entre 2013 e 2018.
- Figura 35. Área de concentração a qual os trabalhos desse estudo pertencem.
- Figura 36. Composição da banca.
- Figura 37. Distribuição de bolsas por agências de fomento por sexo.
- Figura 38. Expectativa de atuação após a formação em cursos de Pós-Graduação por sexo.
- Figura 39. Distribuição de produções ao longo por curso de Pós-Graduação.
- Figura 40. Distribuição de produções ao longo dos anos por sexo.
- Figura 41. Distribuição de produções ao longo dos anos.
- Figura 42. Áreas do conhecimento nos cursos de Mestrado.
- Figura 43. Áreas do conhecimento nos cursos de Doutorado.
- Figura 44. Distribuição de produções em capitais por curso de Pós-Graduação.
- Figura 45. Distribuição de produções por cidade por curso de Pós-Graduação.
- Figura 46. Distribuição de produções por sexo.
- Figura 47. Distribuição de produções por sexo e curso de Pós-Graduação.
- Figura 48. Distribuição de produções por sexo em capitais.
- Figura 49. Tipo de vínculo empregatício.
- Figura 50. Local de vínculo empregatício.
- Figura 51. Página do buscador do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES

LISTA DE SIGLAS

APA	American Psychological Association
BH	Belo Horizonte
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
ESH	Educação Sem Homofobia
FAFICH	Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
GDE	Gênero e Diversidade na Escola
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IES	Instituições de Ensino Superior
LabInt	Laboratório de Interação Social Humana
LEFAM	Laboratório de Estudos da Família, Relação de Gênero e Sexualidade
LGBTQI+	Lésbicas, Gays, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais
NMRPS	Núcleo de Pesquisa Memória, Representações e Práticas Sociais
PANAISH	Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem
PPG/Psi	Programas de Pós-Graduação em Psicologia
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-RS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
RedePso	Rede de Estudos e Pesquisas em Psicologia Social
RHEG	Rede de Homens pela Equidade de Gênero
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

Agradecimento 1	04
Agradecimento 2	05
1 Apresentação	15
2 Introdução	18
3 Objetivos	21
4 Políticas de Pós-graduação e a produção de conhecimento em Psicologia no Brasil	22
5 Para pensar gênero e masculinidades	26
5.1 Gênero e norma: convites e coerções sobre como se comportar	27
5.2 A masculinização de homens a partir de um referencial rígido e violento	31
5.3 Política pública para homens	34
5.4 Os estudos em masculinidade(s) e sobre homens	35
6 Metodologia	42
7 Análise e resultados – Pesquisas em Masculinidade(s) e Pesquisas sobre Homem e Homens	52
8 Dentro e fora de categorias	74
9 Considerações finais	76
Referências	78
Anexo 1 Tratamento De Dados – Estudo 1 - Pesquisas em Masculinidade(s)	83
Anexo 2 Tratamento De Dados – Estudo 2 - Pesquisas Sobre Homem E Homens	113
Anexo 3 Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES	143

1 APRESENTAÇÃO

A forma como o gênero e a sexualidade foram pensados e repensados ao longo da história teve forte articulação com as lutas dos movimentos feministas, negros, LGBTQI+ (Lésbicas, Gays, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais...) e passaram se firmar como fértil campo de estudos para diversas áreas do conhecimento, dentre elas a Psicologia e mais especificamente os estudos masculinistas² e sobre homens.

A Psicologia é palco de lutas com avanços e recuos na construção da cidadania, fomentando processos de exclusão e inclusão social. Firmado em seus princípios éticos, ela é convocada a se comprometer com a promoção da inserção social e os processos de reparação histórica, deixando claras as intenções do saber que constrói.

A Psicologia é, portanto, um saber que versa sobre as questões de gênero e sexualidade, dado que os papéis e as expectativas pensadas para homens e mulheres estão sustentados em ideais de masculinidade e feminilidade que normatizam e organizam as mais diversas esferas da vida cotidiana. Esses signos são produzidos e reiterados nessa e por essa cultura, orientando nosso comportamento, pautado nas diferenças entre o masculino e o feminino.

A masculinidade hegemônica funciona como um desses modelos que normatizam e idealizam a masculinização de homens visando garantir lugares de privilégio, acesso, controle e dominação àqueles lidos socialmente como machos, ao mesmo tempo em que propõe que a subjetividade desses sujeitos se construa de forma rígida.

Longe de intencionarmos generalizar a experiência de ser homem, entendemos que essa categoria social é construída a partir de processos que dialogam dinâmicas macrossociais – masculinidades enquanto fenômeno social e microssociais – ser homem na experiência cotidiana; que os processos interseccionais reverberam na construção de identidades sociais; e que as masculinidades hegemônicas devem ser pensadas em três níveis de análise: local, regional e global. Entendemos que há muito está posto em nossa cultura uma métrica que referencia o processo de construção dessas masculinidades a partir de referenciais estereotipados e normatizados

² São estudos e movimentos sociais e acadêmicos que em certo sentido, buscam analisar a "construção da identidade masculina e os problemas dos homens em relação ao gênero". (West, 2000, p. 177)

Assim, este termo tem sido aplicado em vários campos do conhecimento acadêmico e dos movimentos sociais, para se referir aos elementos de construção e identidade social que seriam próprios dos direitos ou necessidades dos homens, como à adesão ou promoção de opiniões e comportamentos socioculturais considerados próprios das experiências e vivências dos homens.

chamados aqui de masculinidade hegemônica, contudo, reconhecemos também que os homens têm sido convidados a reinventar-se dada a organização e implicação dos movimentos feministas em denunciar e propor possibilidades de ser mulher de outras maneiras que não estejam sustentadas em disparidades de gênero.

Estudos sobre homem ganham interesse também das mais diversas áreas do saber, especialmente das políticas públicas de saúde porque ter se estabelecido a correlação entre a experiência de ser homem à inúmeras formas de vulnerabilidade, apontando a masculinidade hegemônica como um referencial que ao mesmo tempo que protege, coloca os homens sob os mais diversos tipos de risco.

A Psicologia como um todo, em especial a Psicologia Social, não pode se furtar de compreender fenômenos de subalternização e inferiorização em nossa cultura. Contudo, compreender esses processos também é compreender em que contexto esses saberes são produzido, como são narradas as produções sobre os saberes desses processos, e como os dados gerados são disponibilizados para as(os) demais pesquisadoras(es).

Por tanto, tendo como base a plataforma Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, propomos no presente trabalho a meta-análise de dois estudos: o primeiro se debruça sobre o mapeamento de dados bibliográficos relacionados a pesquisas em masculinidade e masculinidades produzidas pelos Programas de Pós-Graduação em Psicologia e Psicologia Social entre os anos de 1994 (ano do primeiro trabalho relacionado ao tema) e 2018 (último ano com dados acessíveis na plataforma); o segundo se debruça sobre o mapeamento de dados bibliográficos relacionados a pesquisas sobre homens produzidas pelos Programas de Pós-Graduação em Psicologia e Psicologia Social entre os anos de 2013 (ano em que a plataforma passou a disponibilizar resumos como dado bibliográfico) e 2018 (último ano com dados acessíveis na plataforma).

O estado da arte como estratégia metodológica foi pensado pelo interesse em acessar o acúmulo de produções de conhecimento de um determinado tema ou campo do saber, mapear e analisar as transformações a partir de seu contexto sócio-históricos. Essas transformações não são apenas de cunho epistemológico, mas também de cunho prático, como o sexo das(os) pesquisadoras(es) que estão produzindo determinado conhecimento, a região e a instituição de ensino superior que em que esses trabalhos são produzidos, como essas produções oscilam ao longo do tempo, quais palavras-chave têm sido acionadas para representar essas produções, bem como que agências de fomento tem se proposto a investir nesses trabalhos.

Acreditamos na importância de voltarmos nossa pesquisa para compreender o processo histórico e os caminhos que a Ciência tem percorrido, o contexto em que produções científicas acontecem e sua relação com as demandas trazidas pelas comunidades externas à academia.

A nossa pesquisa visa contribuir, portanto, para a compreensão do conjunto de trabalhos que se propõem a produzir diálogos e ações sociais relacionadas as questões de gênero e masculinidades em nosso país.

Assim sendo, esta produção está dividida em 9 sessões: a primeira é a **Apresentação** que situa o(a) leitor(a) no presente trabalho, seguimos com a **Introdução** na qual intencionamos sinalizar a pertinência dessa proposta de pesquisa, seguida pelos **Objetivos**. Posteriormente temos as sessões **Políticas de Pós-graduação e a produção de conhecimento em Psicologia no Brasil**, na qual tratamos sobre a Psicologia como campo do conhecimento atravessada por disputas de poder; e **Para pensar gênero e masculinidade**, na qual discutimos o processo de masculinização de homens, os homens como sujeitos alvo de políticas públicas e a história de pesquisas sobre homens e masculinidade.

Tendo feito a revisão bibliográfica dos temas que atravessam esse trabalho, apresentamos a **Metodologia**, sessão na qual apresentamos o caminho trilhado para realizarmos a presente pesquisa.

Chegamos, então, à sessão **Análise e resultados**, na qual demarcamos as aproximações e distanciamentos dos dois estudos em masculinidades e sobre homens, bem como arrematamos a análise dos dados apresentados

Na sessão **Dentro e fora de categorias**, discutimos problemáticas relacionadas e que critérios têm sido levados em consideração para se organizar um catálogo, e, então, fazemos as **Considerações finais** sobre a pesquisa desenvolvida.

Por fim, na sessão dedicada aos anexos, apresentamos o **Tratamento dos dados – estudo 1 - pesquisas em masculinidade(s)** e **Tratamento dos dados – estudo 2 - pesquisas sobre homem e homens**, nas quais apresentamos os dados referentes aos dois estudos que propomos para a realização desse trabalho.

2 INTRODUÇÃO

Os papéis e as expectativas pensadas para homens e mulheres estão sustentados em ideais de masculinidade e feminilidade que organizam e norteiam as diversas esferas da vida cotidiana.

Signos sobre masculinidade e feminilidade estão presentes em nosso processo de socialização desde antes do nosso nascimento (Nascimento & Gianordoli-Nascimento, 2012). É a partir de referências do que é coisa de homem e coisa de mulher que nos organizamos como sociedade, construímos discursos, educamos corpos e pautamos o que é esperado para homens e mulheres na nossa cultura.

Para o desenvolvimento desse trabalho, o gênero será utilizado como categoria de análise fundamental para a compreensão da heteronormatividade e da masculinidade hegemônica. É a partir da percepção dual que iniciamos nossas provocações sobre as diferenças sexuais dado que é aí que se ancoram símbolos e significados do que se compreende como sendo homem e mulher, coisas de homem e de mulher, papéis de homem e de mulher, lugar de homem e de mulher (Scott, 1990).

Homens e mulheres constituem-se no seu meio social a partir das representações que se tem de masculino e feminino. Assim, à medida em que somos socializados, incorporamos discursos sobre como a conduta deve estar em acordo ao esperado para o seu gênero. A performance dessas identidades de gênero se dão a partir de insistentes negociações e lapidações fundadas também na microcultura. Contudo, expectativas sociais de gênero são sustentadas por uma matriz organizadora chamada heteronormatividade. Essa, dá forma e legitima inúmeras práticas socioculturais de fim regulatório. Através dela nossa socialização se dá em um modelo que normatiza, regula e orienta as ações, diferenciando quem está dentro desse e quem está fora da norma desse referencial (Butler, 2003).

Toneli e Becker (2010), por sua vez, apontam o caráter violento da norma por ser primária e sustentar inúmeras outras violências, dado que cria modos estanques de enxergar a masculinidade e a feminilidade legítima e respeitável, apagando outras possibilidades de ser.

Acionamos, assim, o conceito de masculinidade hegemônica, um ideal sustentado pela heteronormatividade para orientar a masculinização de homens. Dessa forma, esses sujeitos desde o nascimento são postos diante de um referencial engessado de masculinidade que sustenta uma série de privilégios, garantias e acessos para homens, ao passo que também pode produzir sofrimento psíquico (Trindade & Nascimento, 2004).

O estudo de Lattanzio (2011) aponta que, no processo de construção da subjetividade masculina, homens são ensinados a responder de forma mais agressiva diante das mais diversas situações, sob justificativa de defender a própria honra e reafirmar sua masculinidade. Por mais dispendioso que possa parecer a reafirmação desses signos de masculinidade, para homens forjados nesse esquema e que incorporaram esses discursos, não agir de forma agressiva, defensiva e rígida pode promover sofrimento. Por exemplo, é possível que para um homem cunhado na masculinidade hegemônica seja mais violento falar dos próprios sentimentos que forçar-se a um ato sexual sem vontade.

Devemos atentar ao fato de que grupos diferentes não partilham necessariamente da mesma interpretação sobre um determinado fenômeno, assim quando tratamos de questões que pela nossa lente possa parecer falar de opressão ou violência, essa percepção, como pudemos ver acima, não é generalizável.

Contudo, cientificamente é percebido a forte correlação entre dinâmicas de gênero e políticas públicas, fazendo dos estudos sobre homens pauta interessante para o poder público. Por exemplo, o trânsito no Brasil, que é alvo de constante preocupação das políticas públicas dada a notória violência nas vias e a agressividade dos condutores, tem se tornado campo de pesquisas que correlacionam o gênero às transgressões de leis e ao comportamento agressivo de homens no trânsito (Telbaldi & Ferreira, 2004; Miranda & Nascimento, 2018).

Portanto, a importância desse estudo está na necessidade de compreendermos por quem, onde e como tem se dado a produção de conhecimento em masculinidade(s)³ e sobre homens nos Programas de Pós-Graduação em Psicologia e Psicologia Social no Brasil.

Devemos lembrar que estudos de gênero, masculinidade(s) e sobre homens não são exclusivos da Psicologia, esses são interesse de outros campos de conhecimento também, ainda que cada um traga perspectivas e lentes próprias de análise (Carson, 1995).

Contudo, como apresenta Camino e Ismael (2004), a Psicologia é um campo de lutas com avanços e recuos na construção da cidadania, fomentando processos de exclusão e inclusão social. Assim, conforme apontado nos Princípios Fundamentais da(o) Psicóloga(o)⁴, essa deve estar intimamente comprometida com o desenvolvimento da inclusão social, explicitando as intenções da sua produção de saber.

³ Optamos por essa estratégia de escrita para acoplar em um único termo os buscadores masculinidade e masculinidades, porém não tratando esses como sinônimos.

⁴ Os Princípios Fundamentais da(o) Psicóloga(o), dispostos no Código de Ética Profissional. O código está disponível no seguinte site: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>

Compreender a trajetória do campo de estudos em masculinidade(s) e sobre homem, bem como mapear os dados sobre estudos relacionados a essa temática nesse campo nos permitem um panorama interessante sobre passado e presente para analisar o percurso histórico da Psicologia Social Brasileira, seu reflexo no processo de construção do conhecimento em masculinidade(s) e sobre homens e os possíveis passos para avançarmos nesses estudos contribuindo para uma sociedade mais equânime.

Entendemos a Psicologia como um campo do saber que passa por disputas e está inscrito numa cultura heteronormativa, por vezes validando e difundindo saberes que alimentam ou denunciam dinâmicas de exclusão pautados no gênero e na sexualidade. Ainda que acompanhada do rigor científico e metodológico, a produção em Psicologia muitas vezes se furta de discutir os processos sócio-históricos e políticos que atravessam a construção do conhecimento que chamamos de Ciência (Camino e Ismael, 2004).

Quem faz ciência? Como se faz ciência? Onde se faz ciência? Para que se faz ciência? Para quem se faz ciência? Essas são perguntas importantes que devem acompanhar o pesquisador em seu processo de produção para que não esqueçamos que pesquisar não é apenas satisfazer a curiosidade de quem pesquisa, é reconhecer que, com o aval e baseado na produção científica, conceitos aplicáveis são construídos, políticas públicas são pensadas e acessos e tecnologias podem ser gerados.

3 OBJETIVOS

Gênero e sexualidade são categorias de análise que tem passado por inúmeras transformações e atravessamentos teóricos, se instituindo como campos férteis de conhecimento. A relação entre esses estudos, a pauta dos movimentos sociais e a consequente instituição de marcos legais, faz com que analisar a trajetória desses estudos na Pós-Graduação nos fale não só do que temos produzido, mas do contexto em que se produz e do cenário podemos prospectar para essas produções.

Assim, objetivamos mapear e analisar a produção de estudos em masculinidade(s) e sobre homens pelos Programas de Pós-Graduação em Psicologia e Psicologia Social disponíveis no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.

Para tanto, buscamos: (1) identificar e compreender como os estudos sobre gênero descrevem o processo social de masculinização de homens em culturas ocidentais; (2) identificar como pesquisas em masculinidade(s) e sobre homens se tornaram interesse de produções científicas; (3) mapear dados relacionados aos estudos em masculinidade e sobre homens produzidos pelos Programas de Pós-Graduação em Psicologia disponíveis no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES; (4) compreender como/se determinados marcos históricos impactam a produção de conhecimento em masculinidades e sobre homens em Psicologia; (5) identificar como a pesquisa pode impactar a produção de conhecimento em Psicologia, o campo da Psicologia Social e a formação do profissional de Psicologia; (6) identificar se as pesquisas propostas sinalizam meios que possam instrumentalizar políticas públicas para homens.

4 POLÍTICAS DE PÓS-GRADUAÇÃO E A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM PSICOLOGIA NO BRASIL

A Ciência cunha seus objetos de investigação das inquietudes das vivências cotidianas, bem como as representações de mundo presentes na vida social são constituídas por influências de um saber científico e também popular, o chamado senso comum (Geertz, 1998). Assim, dificilmente dissociamos a produção de conhecimento de uma vivência social e política. Esse amálgama de conhecimentos que circulam e produzem as representações e práticas sociais que orientam os comportamentos da sociedade, suas dinâmicas de interações grupais com suas redes identitárias de pertencas e diferenciações, seus valores, crenças e matrizes culturais, dentre outros elementos; têm sido alguns dos objetos de interesses das investigações das Ciências Humanas e Sociais, e em especial a Psicologia Social.

A Psicologia há muito tem seu saber apropriado, naturalizado e generalizado pelo senso comum, fomentando consequências políticas e podendo sustentar processos que podem gerar opressão, como os referenciais heteronormativos e a masculinidade hegemônica.

Assim, marcamos nosso empenho em contribuirmos para a construção de uma sociedade menos assimétrica e para uma produção científica de cunho social que rompe com o paradigma da neutralidade, questões fundantes para a psicologia social contemporânea e em especial a latino-americana postulada por Mantin-Baró (1996) e Maritza Monteiro e Montenegro (2006), que passou a ser historicamente denominada Psicologia Social crítica e na qual grande parte da produção científica brasileira em psicologia social se fundamenta, como tão bem explicita Ferreira (2010):

Em revisão recente sobre a Psicologia Social Crítica em seu país, Montero e Montenegro (2006) assinalam que ela se caracteriza principalmente por questionar os modos de produção de conhecimento e prática da Psicologia e perseguir a transformação social e a relevância social da pesquisa e intervenção sobre os problemas sociais que assolam o país. Para tanto, coloca-se contra as abordagens positivistas e experimentais, a neutralidade científica e as perspectivas individualistas de abordagem dos fenômenos psicossociais, defendendo, ao contrário, a produção de um conhecimento contextualizado, participante e coconstruído por pesquisadores e atores sociais, como forma de contribuir para a solução dos problemas sociais que vivenciam e transformar sua realidade social (Ferreira, 2010, p. 59).

No Brasil, o sistema de pós-graduação⁵ é o principal locus de produção de conhecimento científico, alocado em sua maioria nas Instituições Federais de Ensino Superior, ou seja, nas

⁵ Para compreender melhor o processo histórico da construção da Pós-graduação no Brasil, ver artigo Costa, A. L. F., & Yamamoto, O. H. (2017). 50 anos de pós-graduação stricto sensu de Psicologia no Brasil. Memorandum:

Universidades públicas Brasileiras. Historicamente a Coordenação de Apoio a Pesquisa, - CAPES é a instituição pública responsável pela produção de políticas, diretrizes, avaliação e classificação periódica de cursos e programas de Pós-Graduação *stricto sensu* do Sistema Nacional de Pós-Graduação. Embora seja um órgão administrado pela política de governo brasileiro, é uma instituição na qual as(os) próprias(os) pesquisadoras(es), por meio de representações de áreas do conhecimento, participam e constroem os parâmetros, os objetivos, e a aplicação de políticas e estratégicas que respeitam a diversidade e a características de objetos da produção científica.

Tais parâmetros são produzidos e explicitados no Documento de Área, que é a principal ferramenta de pesquisadoras(es) e instituições de formação e pesquisa das Universidades para a construção e implantação de Programas de pós-graduação *Stricto Senso*.

O Documento de Área é um relatório elaborado pela CAPES apresentando o panorama anual com números, perspectivas, impasses e projeções para os Programas de Pós-Graduação de uma determinada área do conhecimento. O Documento de Área da Psicologia (Brasil, 2019) traz dados que apresentam um cenário positivo no âmbito da Pós-Graduação *Stricto Sensu*, mas também aponta alguns desafios e mudanças necessárias nesse panorama, como: instituir Programas de Pós-Graduação *stricto-sensu* em Psicologia no Acre, Amapá, Roraima e Tocantins, visando a formação de docentes e o aprimoramento no exercício da profissão; construir um ambiente de produção conectado às demandas atuais da sociedade, possibilitando maior interação entre pesquisadoras(es) e programas; introduzir espaços de discussão sobre ética na pesquisa; e estimular a relação entre a academia e a educação básica.

Segundo o documento (Brasil, 2019), o estímulo à diversidade de pesquisadoras(es), temas, produções, redes de pesquisa, trocas de saber são fortemente apontadas como propulsores de uma produção científica de qualidade, entendendo que o método de avaliação que se tem ainda está aquém da versatilidade de linguagens e perspectivas para pensar Ciência.

As ações citadas são reconhecidas como avanços apresentados na Avaliação Quadrienal 2017, contudo a inserção social é marcada como estratégia fundamental para o alargamento da atuação acadêmica e técnica em favor sociedade.

O documento traz um diagnóstico de área que nos aponta o seguinte cenário: temos um total de 164 cursos, 64 de Doutorados, 86 de Mestrados acadêmicos e 14 de Mestrados Profissionais, distribuídos em 100 Programas de Pós-Graduação.

Acredita-se que os Programas de Pós-Graduação têm atendido a uma formação de qualidade e versátil, visto que seus egressos têm se inserido não apenas em instituições de ensino superior mas também no mercado profissional.

O documento aponta também que ainda palco de assimetrias em relação à distribuição geográfica, nota-se que paulatinamente a Psicologia tem se expandido para outras regiões e não estando mais centradas no Sul e Sudeste do país.

Já em relação ao espaço onde essas produções acontecem, o documento apresenta as IES Públicas como grandes protagonistas da produção científica em Psicologia abarcando certa de 72% das produções.

Sobre a potente internacionalização da Psicologia, essa parece se dever ao fato de haver um diálogo frequente com diversas autoras e autores, à pluralidade de estratégias de intervenção reproduzíveis em vários contextos, à sua rica complexidade metodológica e à intensa e ininterrupta publicação em periódicos nacionais (Brasil, 2019).

Sobre a interdisciplinaridade da Psicologia, essa é apontada como “fronteira de inúmeras outras áreas de conhecimento e de atuação profissional”. A Psicologia traz inquietudes e lentes que dialogam com perspectivas biologicistas e também socioculturais, ampliando seu espectro de visão bem como partilhando objetos de interesse com inúmeros campos do saber (Brasil, 2019, p. 11).

Sobre o futuro da área, presume-se: a implementação de ações que reafirmem a Psicologia como um campo que valoriza a diversidade e se implica com o impacto dos programas na sociedade, a partir do aprimoramento das técnicas de avaliação, como também através da inserção social; a construção de conhecimento e tecnologias que contribuam para o desenvolvimento da sociedade, impactando o desenvolvimento regional, bem como o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do país; a descentralização dos cursos nas regiões Sul e Sudeste, redução, assim, assimetrias regionais e intrarregionais; o aumento na interação entre a academia e a educação básica ou outros setores da sociedade.

Hoje a avaliação de cursos e programas de Pós-Graduação coordenada pela CAPES se dá a partir dos seguintes quesitos: Proposta do Programa; Corpo Docente; Corpo Discente, Teses e Dissertações; Produção Intelectual; e Inserção Social (Brasil, 2019).

Desde a partir da reformulação da ficha de avaliação em 2003, a Inserção Social surge como critério avaliativo compondo-se de três itens: Impacto Regional e Nacional; Integração e Cooperação; e Visibilidade/Transparência. No Relatório de Avaliação Quadrienal de 2017

(Psicologia), o quesito deteve 15% da nota total atribuída aos programas acadêmicos⁶ em Psicologia, apontando a importância da circulação do saber científico para outros espaços e sujeitos fora da academia, bem como o interesse por produções científicas aliadas à responsabilidade social, contribuindo para a solução de problemas e estimulando o desenvolvimento da região onde a pesquisa ocorre (Brasil, 2017).

Como pudemos notar, seja como quesito avaliativo, seja como estratégia para qualificação do conhecimento produzido, a inserção social aparece de maneira recorrente reafirmando o compromisso científico com o meio social em que se produz.

Segundo Maccari, Martins e Almeida (2015) o estímulo à inserção social tem acontecido especialmente com a implementação de projetos com oferta de Mestrados e Doutorados interinstitucionais em regiões consideradas carentes, contudo, esses ainda falham com o descompromisso da produção científica com as demandas sociais regionais e nacionais.

Reconhecemos que para a inserção social se dar é importante que a fonte de conhecimento esteja clara, acessível e com o maior detalhamento possível para crivar as produções apresentadas nos catálogos. Assim, intrigados com a consideração apresentada por Maccari, Martins e Almeida (2015) e com as conjecturas postas no documento de área de 2019, interessamo-nos em entender, a partir dos dados dispostos no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, o cenário que os estudos em masculinidade e sobre homens estão se constituindo como objeto de produção de conhecimento da Psicologia no Brasil.

⁶ Para Mestrados Profissionais, o quesito Inserção Social vale 25 pontos.

5 PARA PENSAR GÊNERO E MASCULINIDADES

Os papéis e as expectativas pensadas para homens e mulheres estão sustentados em ideais de masculinidade e feminilidade que normatizam e organizam as mais diversas esferas da vida cotidiana. Esses signos são produzidos e reiterados nessa e por essa cultura, reverberando na produção de memórias e na constituição identitária orientando-nos a nos comportarmos pautados nas diferenças entre o masculino e o feminino.

A socialização é orquestrada a partir de discursos partilhados e reiterados no meio social que não só orientam a construção da subjetividade como organizam os seres humanos e suas relações (Belloni, 2007). Estamos inseridos numa cultura pautada em modelos que normatizam as ações, assim, a norma ao mesmo tempo em que nos orienta como fazer, regula nossa conduta sobre o que e como fazer socialmente, demarcando, assim, critérios para garantir a diferenciação entre quem está dentro e quem está fora dela.

Dentro das dinâmicas do gênero e da sexualidade, a norma social para o gênero e a sexualidade se organiza propondo modelos hegemônicos de ser homem e ser mulher, norteados por formas seguras e engessadas de ser nessa cultura, impactando na constituição mnemônica e identitária dos sujeitos (Butler, 2003; Jelin, 2002; Silva, 2011).

Connell (1995) define masculinidade hegemônica como uma idealização cultural do caráter masculino em um determinado cenário sócio - histórico. A masculinidade hegemônica se torna portanto, um conceito e uma matriz analítica útil para a identificação de padrões de práticas masculinas que perpetuam a desigualdade de gênero, envolvendo tanto a dominação dos homens sobre as mulheres como o poder de alguns homens sobre outros, ou seja, embora o pilar do conceito esteja na composição de pluralidade e hierarquia das masculinidades e do gênero, não está calcado em uma concepção que expresse um único padrão de poder (Connell & Messerschmidt, 2013). Daí a importância de explicitar que Masculinidades no plural, como bem salienta Kimel (1998), variam em diferentes contextos socioculturais no transcorrer de determinado período de tempo, de lugares, potenciais de identidade; logo, no decorrer da vida de qualquer homem e no decorrer de um tempo social.

Nesse sentido, o conceito de masculinidade hegemônica surge como um aporte teórico organizador que identifica, caracteriza, problematiza e acima de tudo explicita como que um tipo de construção social de masculinidade, forjado na cultura social, se torna definidor de um ideal de ser homem (Connell & Messerschmidt, 2013). Logo, no que tange o nível social e coletivo, tal modelo que se apresenta como hegemônico em nossa cultura ocidental sobre “ser homem” sustenta um modelo de sociedade em que a tônica masculina ganha o lugar de

orientador do sistema social que baliza ideologias e linguagens, instituindo uma sociedade machista que inferioriza outros modelos tanto de ser homem quanto de ser mulher. Para tanto, no nível individual o modelo hegemônico masculiniza sujeitos nascidos com pênis⁷ e institui socialmente visando garantir um lugar de privilégio, acesso, controle e dominação àqueles lidos socialmente como machos, ao mesmo tempo em que exige que a subjetividade desses sujeitos se construa orientada por esses elementos.

Sendo assim, toda essa construção de masculinidade calcada na agressividade/violência como ferramenta de construção de autoconfiança, rigidez de sentimentos e afetos, etc. são apontados por estudos de diversas áreas de conhecimento, das ciências humanas e sociais e as da saúde, relacionando a experiência de tornar-se/ser homem a um conjunto de elementos que favorecem a vulnerabilidade individual dos homens a suicídios, homicídios, dependência química, doenças sexualmente transmissíveis, exposição a violência, envolvimento em acidentes de trânsito, etc. Assim, tal rigidez não somente é causadora de inúmeros processos de adoecimentos psíquicos, como sustenta crenças limitantes, incita defesas e reafirmações dessa masculinidade colocando o fato de ser homem nessa cultura, como um fator de risco à saúde de si e do outro.

Ainda assim, Connel & Messerschmidt, (2013) não nos permitem esquecer que o conceito de hegemonia adotado trata do reconhecimento que as disputas entre grupos e modelos são contínuas e constantes e os elementos que definem e caracterizam o hegemônico estão sempre em disputa, o que acaba por caracterizar a potencialidade de contestação, mudança e acima de tudo na atualidade a potencialidade de um modelo mais democrático de masculinidades.

Todos esses aspectos ganham um contorno fundamental para a análise do material científico a ser analisado nessa pesquisa, portanto trataremos de forma mais aprofundada ao longo do texto o lugar dessas reflexões na temática estudada.

5.1 GÊNERO E NORMA: CONVITES E COERÇÕES SOBRE COMO SE COMPORTAR

As expectativas de gênero pensadas para homens e mulheres estão sustentadas em ideais de masculinidade e feminilidade que organizam e normatizam as práticas sociais. Esses signos são partilhados e reiterados nas interações sociais convidando e coagindo os sujeitos a

⁷ A genitalização aqui exposta no argumento é proposital e intenciona reforçar como os estereótipos de gênero estão sustentados numa lógica biologicista que empobrece as discussões sobre a complexidade e a multiplicidade de possibilidades de pensar e exercer as identidades de gênero para além do que se entende como pênis ou vagina.

comportarem-se de acordo com uma coerência heteronormativa pautadas na diferença entre o masculino e o feminino (Scott, 1990; Toneli & Becker, 2010).

Para o desenvolvimento dessa proposta, utilizamos o gênero como categoria de análise fundamental para a compreensão da masculinidade hegemônica. Para Scott (1990), o gênero é uma categoria de análise que se ancora na percepção dual sobre as diferenças sexuais. Dessa forma, símbolos e significados surgem a partir e reforçando o que se compreende como sendo homem e mulher, coisas de homem e de mulher, papéis de homem e de mulher, lugar de homem e de mulher.

O conceito de gênero surgiu para se contrapor à ideia de uma essência (masculina ou feminina) natural, universal e imutável, enfatizando os processos de construção ou formação histórica, linguística e socialmente determinadas (Butler, 2003; Perucchi, 2009; Scott, 1990).

A matriz binária heterossexual de gênero é baseada nas diferenças percebidas entre os sexos e significada de modo a sustentar hierarquias de poder. Essas, ainda que possam ser flexibilizadas em alguns níveis, pensam e partilham socialmente os ideais de masculinidade e feminilidade de modos estanques. Assim, para ser humano é preciso se encaixar nas dicotomias: masculino/feminino; ativo/passivo; mente/corpo; público/privado (Scott, 1990).

Scott (1990) apresenta o gênero como uma categoria de análise através da qual é pensada a organização social da relação entre os sexos. Ele rejeita o determinismo biológico a partir dos quais se propõe a constituição de homens e mulheres, especialmente ancorado na sexualidade, e vem pensar como sócio-históricamente e culturalmente masculinidades e feminilidades são construídas.

O patriarcado como organização social sustentada numa lógica heteronormativa auxilia na construção das subjetividades associando a masculinidade a dominância, poder, virilidade e racionalidade, enquanto a feminilidade está associada a subordinação, emoção e cuidado. Assim, o homem se constitui enquanto tal a partir da contenção de qualquer característica atribuída à feminilidade (Saffioti, 2004; Silva, 2014).

Para entendermos as dinâmicas do gênero precisamos compreender as nuances das identidades de gênero que é o modo subjetivo que sujeitos percebem e constroem suas identidades a partir de referenciais mais ou menos colados à ideia de masculinidade ou feminilidade. Assim, homens e mulheres constituem-se no seu meio social a partir das representações que se tem de masculino e feminino e à medida em que esses são socializados, incorporam ou rejeitam discursos sobre como sua conduta deve estar em acordo ao esperado para o seu gênero. Assim, o gênero não só é uma construção social, mas uma ficção cultural que é reiterada no nosso discurso, sustenta hierarquias, lógicas de poder e se inscreve em nossa

linguagem (Perucchi, 2009; Santos, Carvalho, Amaral, Borges & Mayorga, 2016; Toneli & Becker, 2010).

Desta forma, identidade de gênero é construída de forma subjetiva e constante. Ela perpassa essa inserção na linguagem - esta não diz respeito apenas à palavra, mas significações e simbolizações anteriores ao que se fala, lê ou escreve construindo sentido para as experiências tidas, interpretação e representação do que é ser homem ou mulher (Perucchi, 2009; Toneli & Becker, 2010).

Porém, o binarismo masculino/feminino não dá conta da multiplicidade de possibilidades, ainda que essas identidades de gênero sejam construídas partindo de processos sócio-históricos de legitimação de opressões, hierarquias e relações de poder baseadas nas diferenças sexuais. Portanto, o gênero deve ser pensado em seu caráter interseccional, levando em consideração não apenas o sexo, mas como categorias como classe e raça criam simbolizações e apropriações específicas na construção de homens e mulheres (Louro, 2000; Oliveira, 2018b; Santos et al., 2016; Scott, 1990).

Dentro das dinâmicas do gênero e da sexualidade, a norma social propõe modelos hegemônicos de ser homem e ser mulher, norteando formas ideais, desejáveis e seguras de ser nessa cultura.

Butler (2003) nos explicita que a socialização se dá em um modelo que normatiza as ações, assim, a norma ao mesmo tempo em que nos orienta como fazer, regula nossa conduta sobre o que e como fazer socialmente. A norma demarca, assim, critérios para garantir a diferenciação entre quem está dentro e quem está fora dela. Para Butler, existe uma relação direta entre a norma, a formação e orientação das ações; assim como a normalização desse modelo promove e sustenta convites e coerções sociais. A norma é paradoxal à medida em que funciona tanto para o reconhecimento e construção de laços sociais como para a exclusão de corpos que não correspondem às determinadas regras, princípios e padrões compartilhados socialmente. A norma apresenta-se em um modelo criado a partir da compreensão social de determinado fenômeno, e este modelo se sustenta por um discurso que o coloca em posição de hegemonia em relação aos demais.

A hegemonia do padrão heterossexual foi historicamente construída baseando-se nas posições subalternas às quais foram submetidas sexualidades que representavam uma quebra com a heteronormatividade, as chamadas sexualidades dissidentes (Prado & Machado, 2008). A partir da normalização do modelo heterossexual, esse é legitimado, colocando numa posição de anormalidade qualquer outro existente. Assim, sujeitos que se afastam desse ideal

regulatório, são estigmatizados, marginalizados, invisibilizados e assujeitados, assinalando a diferença de quem cabe no padrão heteronormativo (Butler, 2003).

Os corpos são violentados sistematicamente à medida que existem normas que fixam ideais de gênero. Esses acabam por se dar numa socialização repleta de práticas discursivas que vão ensinar formas “corretas” de se comportar, tomando como ponto de partida o sexo biológico. É oferecida, assim, uma ilusão de coerência entre o natural e o social à medida em que se emparelham as categorias sexo e gênero (Louro, 2000; Pereira & Brito, 2018; Scott, 1990; Toneli & Becker, 2010).

Assim, como apresenta Maheirie (2002), corpos e sujeitos, sendo pensados, construídos e moldados a partir da violência normativa, sustentam a representação a partir da qual o gênero é pensado. Esses, que são marcados por lugares sociais e compreensões de masculinidade e feminilidade, vão constituir a subjetividade, entendida por nós como dimensão que arquiteta e significa as experiências afetivas e reflexivas.

Deste modo, a normatização do gênero e da sexualidade faz com que os sujeitos se submetam à matriz binária heterossexual e é somente quando eles partilham esses signos que são reconhecidas como sujeitos de direito, garantindo-lhes inteligibilidade. Assim, a heterossexualidade compulsória se dá a partir de uma produção social dessa identidade sexual, fazendo com que sujeitos sejam socializados sob uma falsa normativa que supõe um único caminho coerente e emparelha gênero, sexo e desejo (masculino, homem, desejo direcionado para o sexo feminino; feminino, mulher, desejo direcionado para o sexo masculino) (Butler, 2003; Scott, 1990; Toneli & Becker, 2010).

Rios (2011) e Toneli e Becker (2010) observam esse processo político na experiência pessoal ao mencionar que as lógicas de poder e hierarquização que atravessam os sujeitos são colocadas pré-discursivamente e acabam por impactar na construção de suas subjetividades. É através de exercícios de poder que se produz o sofrimento psíquico à medida em que inúmeras possibilidades de ser são desqualificadas e que a naturalização das diferenças sexuais apaga o caráter de produção dessas identidades.

Assim, podemos entender a norma como organizadora das nossas relações, contudo seu cunho violento é primário, e sustentador de inúmeras outras violências. A violência normativa é anterior à subjetividade, pensada no e pelo discurso, codificada, institucionalizada e transformada em lei. Seu esquema de construção social é disfarçado e nomeado como natural, privando sujeitos da liberdade de outros possíveis, para além de uma padronização heteronormativa.

5.2 A MASCULINIZAÇÃO DE HOMENS A PARTIR DE UM REFERENCIAL RÍGIDO E VIOLENTO

Os homens, até mais que as mulheres, estão acorrentados a papéis de gênero (Anzaldúa, 1987, p. 84, tradução nossa).

As expectativas de gênero atribuídas aos homens, como atividade, engenhosidade, racionalidade e dominação são sustentados pela norma social do gênero. Essa lógica não só valida uma série de violências, como dá forma e legitima inúmeras práticas socioculturais de fim regulatório, como o processo de masculinização e heterossexualização de sujeitos nascidos do sexo masculino afim de garantir sua apreensão e partilha de símbolos que compõem a masculinidade hegemônica (Scott, 1990; Toneli & Becker, 2010).

Entendemos como masculinidade hegemônica um ideal inalcançável de masculinidade que orienta o modo de homens se comportarem visando garantir lugares de privilégio, acesso, controle e dominação àqueles lidos socialmente como machos. Ao mesmo tempo, é exigido desses sujeitos que sua subjetividade se construa de forma rígida, marcada por uma defesa constante da masculinidade, pelo medo do rompimento com os papéis de gênero, pela valorização de uma noção de masculinidade estereotipada e sofrida, impedindo, assim, modos mais livres de exercê-la (Lattanzio, 2011; Oliveira, 2018b; Silva, 2000; Nascimento & Gianordoli-Nascimento, 2012; Trindade & Nascimento, 2004).

Anunciando o impacto da masculinidade hegemônica na subjetividade de homens, os estudos de Lattanzio (2011) e de Minayo (2005) nos permitem apontar que homens tendem a responder de forma mais agressiva diante das mais diversas situações, sob justificativa de defender a própria honra e reafirmar sua masculinidade.

Connell e Messerschmidt (2013), por sua vez, atualizam as discussões sobre masculinidade hegemônica, apontando sua influência nos estudos de gênero, sinalizando como os estudos em masculinidade(s) e sobre homens tem se expandido. Ao mesmo tempo em que o conceito de masculinidade é marcado como fundamental dado sua potência crítica ao essencialismo, esse desmonta modelos que traduzem essa dimensão como uma simples repetição de signos de masculinidade no meio social

A partir do entendimento da heterogeneidade das masculinidades, entendemos também que os movimentos sociais e as masculinidades subalternas exigem que as hegemônicas se reiventem e reorganizem seus esquemas de dominação. Não há, portanto, uma hierarquia unidimensional, com um modelo de masculinidade versus os demais, existem, grupos em

interação e disputa por legitimidade e poder, interessados na prevalência de determinados discursos, códigos e signos que pautem a masculinidade em detrimento de outros (Connell & Messerschmidt, 2013).

Em relação à partilha e incorporação desses signos, entendemos que desde o momento da descoberta do sexo do bebê, são depositadas expectativas sociais em cima de meninos e meninas de modo a se comportarem dentro de uma lógica normativa e patriarcal na qual o homem deve ocupar o lugar de atividade, racionalidade e dominação, enquanto a mulher deve ocupar o lugar da passividade, da sensibilidade e do cuidado. À medida que esses sujeitos de alguma forma não correspondem às expectativas sociais e não cumprem os papéis de gênero designados para cada sexo uma série de nomeações pejorativas é feita de modo a demarcar o caráter subversivo desse rompimento (Nascimento & Gianordoli-Nascimento, 2012).

Como propõe Nascimento e Gianordoli-Nascimento (2012), a norma social do gênero faz uma série de demarcações a fim de delimitar espaços masculinos e femininos e corroborar para a apreensão das expectativas sociais que se tem para cada gênero: homens trabalham fora, ganham dinheiro, sustentam e são chefes de família, enquanto mulheres cuidam do lar, das tarefas domésticas e da educação dos filhos e filhas. Assim sendo, serão tidas como “coisa de menino”, brincadeiras, esportes e ocupações que incentivem a agressividade, a atividade, a dominação, o raciocínio lógico, as engenharias, bem como a conquista do espaço público. Em contrapartida, serão tidas como “coisa de menina” aquelas que incentivem a docilidade, a sensibilidade, o cuidado, e a maternidade, já que lhe é delegada o espaço privado. Para além dessas estratégias funcionais de delegação de papéis existem outras como demarcação de cores, roupas (inclusive a possibilidade de utilizá-las ou não), cortes de cabelo, formas de andar e falar que irão diferenciar a estética masculina e feminina: meninos – a cor azul, a utilização de roupas menos ajustadas ao corpo, a possibilidade de não usar camiseta, o cabelo curto, o andar mais rígido, a fala forte e imponente; meninas – a cor rosa, a utilização de roupas mais ajustadas ao corpo, bem como saias e vestidos que devem ser utilizados sempre com as pernas fechadas, o cabelo mais longo, o andar suave e a fala dócil.

Longe de uma tentativa de generalização, não podemos discordar que esses estereótipos são fundados numa territorialização pautada no gênero. Bordieu (2002) demarca que historicamente o espaço público é socialmente pensado e destinado ao masculino, dado que é atribuído ao homem a sua conquista para a garantia do sustento da casa e o espaço privado destinado às mulheres tidas como responsáveis pelo cuidado doméstico e dos filhos.

A masculinidade especificamente é adquirida de forma muito dispendiosa e sua fragilidade é tamanha que é circundada por uma constante defesa, dado que se é adquirida,

também se pode perder. Por isso, é preciso rechaçar o masculino efeminado, e tudo o que é a ele atribuído, para se constituir enquanto homem: é preciso violentar para dominar e controlar, defender-se de tudo o que ameaça sua masculinidade, não chorar, não demonstrar afeto, não levar desaforo para casa, contar vantagem, etc. Deste modo, a subjetividade dos homens é construída a partir de uma promoção da violência e do sofrimento psíquico. A alteridade é apresentada socialmente para sujeitos nascidos com pênis⁸ como uma ameaça e a homofobia é exercitada nesse processo de masculinização como uma forma de se sobressair em relação ao outro, em defesa própria (Lattanzio, 2011; Oliveira, 2018b; Silva, 2000; Trindade & Nascimento, 2004).

Embebidos nas discussões sobre o atravessamento interseccional das masculinidades (Connell & Messerschmidt, 2013), reconhecemos a interseccionalidade, pela perspectiva de Mello e Gonçalves (2012, p. 165), como “uma categoria analítica que permite a leitura do social a partir das múltiplas opressões que atravessam a existência singular de cada sujeito, em todos os contextos sociais” e entendemos a existência de modos diferentes em que essas masculinidades serão constituídas seja por se relacionarem com categorias como classe, raça, geração, seja pela dinâmica individual de apropriação e negociação de discursos socialmente partilhados. Todavia, assim como apresenta com Lattanzio (2011) e Trindade e Nascimento (2004), apesar da masculinidade não ser absoluta e linear, as suas múltiplas expressões são subsidiadas por um referencial de masculinidade hegemônica.

[...] a forma de masculinidade predominante, tradicional, mais valorizada e idealizada em um determinado contexto cultural e histórico. Pode-se pensar que processos de socialização configuram simbologias, valores, crenças, comportamentos, atitudes e expectativas de idêntica ‘tonalidade’ que, mesmo com variações no grau de importância, fundam os estereótipos que são parte integrante da representação do *homem de verdade* na sociedade ocidental (Trindade & Nascimento, 2004, p. 146).

Meninos que se afastam da expectativa social para masculinidade passam a ser nomeados socialmente pelos pares como “veadinhos”, “bichinhas”, “mariquinhas”, etc. Essas nomeações funcionam de modo a constranger esses sujeitos, demarcar que não é possível ser homem abdicando das características atribuídas à masculinidade, inibir os comportamentos “femininos” e principalmente mostrar que a única masculinidade possível é a hegemônica.

⁸ A genitália apesar de fundamental para disparar os discursos sobre como os corpos devem ser geridos e se comportar socialmente, sua presença não parece suficiente para que haja um reconhecimento social desse sujeito como homem macho. Assim, para forjar-se como esse homem nessa cultura espera-se a partilha de signos lidos como masculinizadores, tais como apontado no parágrafo.

Essas violências não têm o absoluto propósito de falar do desejo afetivo-sexual desses sujeitos e sim, de desqualificar seus comportamentos afeminados de modo a não colocar em cheque o privilégio e a força da aliança hegemônica (Lattanzio, 2011; Oliveira, 2018b; Silva, 2000).

Dessa forma, a violência normativa que compõe a socialização gera sofrimento psíquico ao assinalar uma subalternidade em homens que rompem com o ideal de masculinidade. Nessa lógica, a punição social opera fortemente em homens que transgridam a norma social, pois ao se deslocar do lugar social atribuído ao masculino, há o rompimento e enfraquecimento do lugar de privilégio e das alianças hegemônicas que sustentam a masculinidade hegemônica (Lattanzio, 2011; Trindade & Nascimento, 2004).

Assim, após acompanharmos um percurso histórico dentro da Psicologia Social até a emergência da perspectiva psicossocial no Brasil; compreendermos como se articulam processos individuais e sociais e sua relação com as dinâmicas de gênero; compreendermos os impactos dessas dinâmicas na constituição de memórias e de identidades que heteronormalizam e masculinizam homens nessa cultura, fomos instigados a mapear as produções *stricto-sensu* desse conhecimento no país, bem como a analisar as articulações entre esses dados e a importância da produção do conhecimento em Psicologia.

5.3 POLÍTICA PÚBLICA PARA HOMENS

Apesar de os estudos sobre homens constantemente revelarem dados que se relacionam à produções advindas dos estudos masculinistas, nem todos consideram o gênero como uma categoria de análise, tão pouco evocam as perspectivas teóricas que pensam masculinidade, contudo, isso não faz com que esses sujeitos estejam fora das lentes acadêmicas.

Segundo Minayo (2005), os homens são percebidos pelas políticas públicas como um grupo absolutamente vulnerável e susceptível à violência seja pelos dados da exposição de meninos e meninas de rua, seja pelos infratores serem em sua magnitude do sexo masculino, seja por estarem encabeçando os dados de mortalidade e de morbidade por acidentes, seja pelos óbitos por homicídio, sendo vítimas ou agressores, seja pela vulnerabilidade para uso de drogas ou para o suicídio.

As estatísticas colocam os homens à frente em quase todas as causas específicas de mortalidade, em comparação às mulheres. Segundos dados da Tábua de Mortalidade de 2016

⁹do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, mulheres vivem, em média, 7 anos a mais que homens.

Assim, é fundamental que se pense os vários aspectos das desvantagens masculinas quanto à saúde, mostrando que os estudos de gênero devem se debruçar não apenas em questões relacionadas às mulheres, como vem sendo conduzido historicamente, mas também considerar homens nessa pauta e pensar propostas que contemplem as especificidades das masculinidades. O masculino é construído e pensado como sujeito da sexualidade e o feminino como objeto, cabendo a ele então a ação, a decisão, a chefia da rede de relações familiares, a paternidade como sinônimo do prover material, sendo percebido, socializado e masculinizado como agente do poder da violência, da dominação, da guerra e da conquista. Portanto, a autora (2005) aponta que situações que homens estatisticamente protagonizam e que preocupam as autoridades em saúde e políticas públicas, como o estupro, a violência doméstica, o homicídio e incluo aqui também a agressividade no trânsito, estão ancoradas em processos que constroem, regulam e normatizam a masculinização pautado em um ideal de masculinidade hegemônica.

A necessidade de corresponder às expectativas de um padrão macho que não sofre, não tem fraqueza e não se deixa levar pelas emoções coloca os homens em uma posição de rigidez e de constante defesa da alteridade, colocando a preservação da honra como uma cartada a ser utilizada em quaisquer situações que reconheça sua identidade enquanto homem desqualificada, garantindo a possibilidade de acionar condutas negligentes, ameaçadoras e até violentas em defesa da masculinidade que o constitui (Minayo, 2005).

Com a discussão feita até aqui assinalamos a existência de um terreno científico que embasa a importância compreender como a masculinidade hegemônica articula o processo de masculinização e produção de identidade sexuais em homens gays cisgênero.

Reconhecemos, portanto, a masculinidade hegemônica como uma referência no processo de masculinização de homens, na compreensão de fenômenos que deslegitimam outras possibilidades de exercício da masculinidade e na instrumentalização de políticas voltadas para a população masculina.

5.4 OS ESTUDOS EM MASCULINIDADE(S) E SOBRE HOMENS

⁹ Para acessar a Tábua de Mortalidade de 2006 fornecida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, basta recorrer ao link: ftp://ftp.ibge.gov.br/Tabuas_Completas_de_Mortalidade/Tabuas_Completas_de_Mortalidade_2016/tabua_de_mortalidade_2016_analise.pdf

Silva (2000) nos apresenta que o termo sexualidade como conhecemos é cunhado apenas na sociedade moderna. Assim, até o século XVIII não haviam estudos que pensavam a diferença entre os sexos e a ciência masculinista ocidental sustentava todas as leituras que se tinham sobre reprodução, sexo e orgasmo. A partir do one-sex-model a mulher, até então, era entendida como um sujeito menos desenvolvido, um homem invertido, marcando aí uma representação da soberania masculina sobre o que é feminino.

No fim do século XVIII e início do século XIX, um novo modelo de representação da sexualidade surge, o two-sex-model. Alimentado pela queda do conceito de perfeição e unicidade do corpo masculino, o novo modelo passa a perceber a mulher como o inverso do homem. Ao homem era possível, então, ocupar um lugar social no espaço público, político, participando das interações sociais, já à mulher era possível apenas ocupar o espaço privado, ocupando-se das demandas familiares e domésticas (Silva, 2000).

Apesar da reprodução de desigualdades pautadas na naturalização da diferença entre os sexos, o século XIX, faz surgir um novo ser social, o “invertido sexual”. Nesse caso, não falamos das mulheres, mas de um termo que faz alusão ao que entendemos hoje como homossexualidade (Vieira, 2009).

Assim, a patológica aproximação do feminino ao homem que devia ser passível de estudo, tratamento e repúdio, instaurou um culto à masculinidade.

Da mesma forma como alguns homens costumam se descrever hoje, “ser homem” no século XIX significava “não ser mulher”, e sobre todas as hipóteses jamais ser homossexual. A identidade sexual e de gênero do homem vitoriano, estava intrinsecamente ligada à representação do seu papel na sociedade. Os traços que os descreviam, voltavam-se para a forma de se vestir, a forma de andar, a maneira de se comportar, a entonação de voz, etc., assim como também era ressaltado a forma física, a musculatura, os contornos do corpo masculino, a elegância, o vigor físico e a beleza, e por fim, as qualidades psicológicas do homem como a agilidade, a coragem, a distinção, a bravura, o heroísmo... (Silva, 2000, p. 11).

Já no fim do século XIX e início do século XX, a valorização da virilidade, da potência e da força passam a não ser suficientes para a sustentação da soberania masculina. Quando mulheres brancas e de classe média, que já ocupavam espaços de trabalho fora do contexto doméstico, vão às ruas demandando direito à cidadania tal qual os homens, a emancipação das mulheres se torna uma pauta pública. O movimento feminista inaugura os estudos de gênero e traz a diferença entre os sexos como uma disputa teórica e política.

Com a saída das mulheres do espaço privado para o público, como decorrente das duas guerras mundiais, da industrialização e do

movimento feminista que ora tentava se firmar, o resultado foi uma verdadeira avalanche de pesquisas, discussões e redefinições de papéis sociais cujo o gênero foi tomado como ponto de partida para a discussão, e herdeiro dos gender's studies. [...] Os men's e women's studies foram decorrentes do movimento feminista, como forma de compreender as diferenças entre homens e mulheres. Se por um lado, os women's studies passaram a procurar uma definição do papel feminino mais condizente com a sua importância na sociedade na segunda metade deste século, por outro, os men's studies passaram a rediscutir a masculinidade, procurando criar um papel masculino que melhor descrevesse o novo modelo que se redefinia na contemporaneidade (Silva, 2000, p. 12).

A chamada crise da masculinidade, marca o momento em que o homem perde a referência de um modelo identitário hegemônico e é convidado a admitir outras possibilidades de exercício da masculinidade e a se reinventar para dar conta dos adventos trazidos pela modernidade, como: mulheres no mercado de trabalho, tecnologias a serviço da sexualidade, pluralidade de identidades de gênero, redefinição do papel de pai/mãe, transformações no lidar com o corpo e estética masculina, etc.

De fato, como decorrente do aparecimento dos estudos de gênero masculino na Europa e Estados Unidos, os homens passariam a reivindicar uma nova qualidade no espaço social, redefinindo a si mesmo, não mais como um “macho” inveterado, onde sua virilidade estaria intocada. O novo homem agora admitia sua fraqueza, sua fragilidade; o corpo já não servia para impor uma condição masculina. A sensibilidade feminina também passaria a fazer parte das novas subjetividades masculinas. A forma de vestir, de falar, de se comportar, já não mais se sustentariam por si só. Até mesmo uma possível quantidade de feminilidade já passava a ser admitida pelos homens. Mas nem sempre, esse novo conjunto de características masculinas contemporâneas, conseguiu dizer da verdadeira identidade masculina. Ela não conseguiria descrever a todos os homens, promovendo, com isso, a atual crise de identidade masculina (p. 13).

A arte é entendida aqui pelos movimentos sociais como potente estratégia de militância colaborando para a emergência dessas discussões num cenário público. Colling (2018) nos conta que os movimentos negro e feministas “perceberam que as artes e os produtos culturais em geral são potentes estratégias para produzir outras subjetividades capazes de atacar a misoginia, o sexismo e o racismo” (p. 157).

O papel dos artistas tem sido fundamental para o maior alcance de pautas e a difusão de discussões para além dos muros da academia. Colling (2015, pp. 161-162) nos fala sobre as estratégias políticas protagonizadas por artistas, apontando que essas(es):

(1) priorizam as estratégias políticas através do campo da cultura, em especial através de produtos culturais, pois os/as ativistas entendem que os preconceitos nascem na cultura e que a estratégia da sensibilização via manifestações culturais é mais produtiva; (2) criticam a aposta exclusiva nas propostas dos marcos legais, em especial quando essas estratégias e marcos reforçam normas ou instituições consideradas disciplinadoras das sexualidades e dos gêneros; (3) explicam as sexualidades e os gêneros para além dos binarismos, com duras críticas às perspectivas biologizantes, genéticas e naturalizantes; (4) entendem que as identidades são fluidas e que novas identidades são e podem ser criadas, recriadas e subvertidas permanentemente; (5) rejeitam a ideia de que, para serem respeitadas ou terem direitos, as pessoas devam abdicar de suas singularidades em nome de uma “imagem respeitável” perante a sociedade.

Nascimento (2018) nos situa em como no Brasil na década de 1980 as universidades já promoviam encontros e grupos de discussão para pensar temas que atravessam “essa história de ser homem” e já nos anos 90, sustentados pela “crise da masculinidade” e pelo fortalecimento dos movimentos feministas e homossexuais no espaço público, “assistimos a proliferação de estudos sobre masculinidades e intervenções sociais voltadas para os homens” (p. 18).

Na década de 1990, vemos temas como paternidade, violência, sexualidade e identidades provocar discussões não apenas nas universidades, mas na sociedade como um todo. Em 1995, a socióloga transexual Raewyn Connell, na altura ainda identificada pelo seu antigo nome de registro, lança o livro *Masculinities*. Discutindo as dimensões socio-históricas, culturais, políticas e econômicas da construção da masculinidade, a estudiosa cunha o conceito de masculinidade hegemônica, que sustentou e ainda sustenta inúmeras produções que versam sobre esse campo (Nascimento, 2018).

O início de produções na Pós-Graduação é fundamental para a consolidação de linhas de pesquisa, estudos temáticos e perspectivas teóricas, a possibilidade de correlação entre as produções, a observação da interação entre os núcleos de pesquisa e os locais que se instituem e a instituição de um campo sólido de conhecimento. Notamos na década de 90 uma sequência de trabalhos como os de Trindade (1991), Lyra (1997), Medrado (1997) e Arilha (1999) que se propunham, sob os olhos da psicologia, desenvolver uma produção acadêmica que representasse e atendesse demandas e reflexões postas no meio social, tais como direitos sexuais e reprodutivos, saúde, mídia, violência.

A consolidação do interesse pelos estudos em masculinidade e sobre homens pela comunidade acadêmica desembocam em marcos políticos vão reafirmando a necessidade de uma implicação política sobre essas questões.

A Conferência sobre as Mulheres, realizada em Pequim em 1994, e a Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento no Cairo, em 1995, afirmavam, por meio de suas plataformas de ação, a necessidade de inclusão e atenção aos homens jovens e adultos no campo dos direitos sexuais e reprodutivos. Essa demanda apresentada aos países para que buscassem incluir os homens nos seus esforços de planejamento reprodutivo e nas discussões sobre equidade e igualdade de gênero ajudou a produzir e ampliar o interesse e investimento em pesquisa com o intuito de compreender a relação entre a construção social das masculinidades e suas interfaces com a saúde, os direitos sexuais e reprodutivos, a violência contra as mulheres, a paternidade, a homossexualidade, o racismo e a manutenção de culturas patriarcais e machistas, entre outros temas (Nascimento, 2018, p. 19).

Nascimento (2018) nos conta que em 2001 surge a Rede de Homens pela Equidade de Gênero (RHEG), primeira rede de homens debruçada sobre as questões de gênero no Brasil, que contava com universitários e membros da sociedade civil e se dedicavam a pensar ações para a promoção de equidade.

Colling (2018) nos aponta como o crescimento no número de universidades no Brasil a partir de 2013, resultado do governo Lula, possibilitou o crescimento dos estudos de gênero e sexualidade no Brasil colaborando para a grande profusão do ativismo, como apontamos acima.

Em 2006, temos um significativo marco no enfrentamento à violência de gênero com o sancionamento da Lei Maria da Penha, implicada em conter a violência doméstica, que até então era socialmente legitimada pela expressão popular “em briga de marido e mulher não se deve meter a colher”. A sociedade, refletida numa frase, e conivente com a violência doméstica tem agora um marco legal que ganha alcance midiático e chama a população a repensar os mais diversos contextos de violência doméstica (patrimonial, psicológica, física, etc.). Maria da Penha, mulher atingida a tiros pelo marido e feita paraplégica torna-se o rosto da realidade vividas por inúmeras mulheres, contudo, essa realidade agora se torna compromisso do estado que reconhece um ciclo de violência que não é episódica, mas retrato de um fenômeno social. Uma inovação nesse processo é a transição penal como alternativa ao encarceramento. A partir dessa estratégia, é proposto aos homens autuados por esse crime o comparecimento a grupos reflexivos responsabilizantes para repensarem questões relacionadas ao gênero, à construção da masculinidade e à violência, a exemplo do trabalho realizado pelo Instituto ALBAM¹⁰, na cidade de Belo Horizonte.

¹⁰Mais informações sobre o Instituto ALBAM podem ser encontradas no site: <http://albam.org.br/>

Já em 2007, fica instituído por lei o Dia Nacional de Mobilização dos Homens pelo Fim da Violência Contra as Mulheres, 06 de dezembro. A data faz alusão à Campanha do Laço Branco, iniciada em Montreal em decorrência do massacre de um grupo de mulheres estudantes de engenharia assassinadas por um jovem que as acusou de estarem ocupando o lugar dos homens (Nascimento, 2018).

Nascimento aponta que em 2008 houve a curiosa instituição da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PANAISH) pelo Ministério da Saúde.

O curioso nesse processo é que a pauta não aparece a partir de um grupo de homens pleiteando políticas voltadas para si, mas do entendimento por parte da instituição que a condição de ser homem por si só traz riscos à saúde.

Contudo, as causas externas, sobretudo a violência e os acidentes de trânsito, persistem como aquelas que mais geram agravos à população masculina, particularmente entre os jovens. Concepções culturais de masculinidade que produzem exposições a riscos e violências, a ideia de vulnerabilidade como demonstração de fragilidade e questões estruturais de exclusão social são alguns dos problemas relacionados à baixa procura por serviços de saúde por parte dos homens (Nascimento, 2018, pp. 21-22).

Para além das questões relacionadas à saúde física do homem, Nascimento (2018) apresenta outros campos de saber se organizaram a partir de provocações trazidas pelos estudos em masculinidades e sobre homens. A educação foi entendida como espaço de formação do gênero e que a Escola precisaria se implicar em sensibilizar a juventude para as assimetrias de gênero. Projetos de caráter nacional como Gênero e Diversidade na Escola (GDE) e Educação Sem Homofobia¹¹(ESH), formalizam essas pautas como políticas públicas.

Nesse período, entende-se que falar de homofobia passa a não ser uma temática interessante exclusivamente para pensar homens gays e bissexuais, mas todo o processo de masculinização de homens. O entendimento da homofobia como um exercício de reafirmação da masculinidade, que é parte da interação e constrói homens, nos alerta sobre a importância de pensarmos essa dinâmica não apenas atravessando discussões relacionadas a orientações sexuais, mas também identidades de gênero.

Iniciativas locais que caminham numa direção semelhante também têm seu espaço, sejam articuladas pelo poder público, como o BH Sem Homofobia¹², projeto municipal

¹¹Mais informações sobre o Projeto Educação Sem Homofobia podem ser encontradas no site: <http://www.fafich.ufmg.br/nuh/educacao-sem-homofobia/>

¹²Informativo do Diário Oficial do Município do lançamento do Projeto BH Sem Homofobia disponível no site: <http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1136528>

proposto pela Prefeitura de Belo Horizonte, sejam pela sociedade civil como os cursinhos pré-vestibular TransEnem e TransVest.

Em 2015 temos a instituição de mais um marco legal importantíssimo na luta contra a violência pautada no gênero com a Lei do Feminicídio a partir da qual entende-se que homicídios podem ser cometidos em contexto de violência doméstica ou familiar ou pautado no menosprezo à condição de mulher. Qualificar alguns homicídios contra mulheres como feminicídio traz o reconhecimento legal de que mulheres são vítimas de violência por misoginia.

A discussão sobre paternidades responsáveis também reaparece trazendo questões relacionadas ao exercício do afeto, bem como o reconhecimento do homem como sujeito passível de cuidar, dado que essa característica é desenvolvida e treinada no meio social (Nascimento, 2018).

Em 2015, tivemos na Universidade Federal da Bahia, o Seminário Internacional Desfazendo Gênero, que reuniu cerca de duas mil pessoas, dentre grandes nomes, da filósofa Judith Butler, teórica fundamental para os estudos de gênero e sexualidade. O Seminário foi um rico espaço de diálogo demarcando a importância da interlocução entre arte, política e ciência.

No Desfazendo Gênero, ao contrário do que ocorre em muitos outros eventos da área das humanidades, a produção artística ativista não aparece apenas para momentos lúdicos e festivos. Ela é entendida, assim como na área das artes, como produtora de saber tal qual as demais formas de produção de conhecimento mais consolidadas e respeitadas no ambiente acadêmico. (Colling, 2018, p 162)

Contudo, dado que estamos diante de um cenário de retrocessos e ataques públicos dos setores da política, os avanços em pautas pró-equidade de gênero têm sofrido algumas interferências.

Após um período em que tínhamos a sensação de uma maior liberdade em relação à diversidade sexual e de gênero, gerada, em boa medida, pela maior visibilidade de questões LGBT e pelo reconhecimento do casamento entre pessoas do mesmo sexo no Supremo Tribunal Federal, determinados setores, em especial religiosos, começaram a se articular para eleger as pessoas LGBT como seus principais alvos. Esses setores conseguiram barrar e acabar com determinadas políticas públicas que estavam em gestação, a exemplo do programa “Escola sem homofobia”. Uma vez articulados e com grande incidência na mídia, inclusive por meio de seus próprios canais de comunicação, assistimos ao recrudescimento de uma onda conservadora no Brasil nos últimos anos (Colling, 2018, p. 159).

Cultura e comportamento vão se moldando às exigências do tempo, a política muda, nós mudamos... A ampliação das discussões sobre gênero nos espaços midiáticos, como programas de TV, novelas e filmes, o acesso às novas tecnologias, especialmente com o uso das redes sociais, e o surgimento de novos sujeitos protagonizando as mais diversas expressões identitárias marcam a expansão das discussões sobre gênero e sexualidade, antes mais restritas à academia e aos movimentos sociais, para os mais diversos setores da sociedade, convidando a todas(os) a se posicionarem frente a essas emergências (Colling, 2018).

Por fim, Nascimento (2018) nos convida à reflexão sobre o importante papel da academia para a desconstrução do status quo que sustenta as assimetrias de gênero.

Acredito que o debate sobre masculinidades acontece em várias frentes e de diferentes maneiras. A academia tem um papel relevante na produção de reflexão teórica e epistemológica, assim como as iniciativas comunitárias e populares, a mídia, as políticas públicas e a sociedade como um todo têm força na desconstrução/reconstrução das masculinidades. [...] as masculinidades não dizem respeito somente aos homens. Elas estão presentes nas perspectivas dos sistemas econômicos, políticos, jurídicos, de governo, entre outras formas de organização social (p. 25).

Silva (2000) é otimista ao intuir que apropriados da nossa história talvez não cometamos os mesmos erros no futuro. Apesar de ler conceitos identidades de gênero e sexuais como reducionistas à nossa experiência, o autor nos desafia a respeitar nossa singularidade a partir do reconhecimento do processo sócio-históricos e cultural que nos constitui. Nascimento (2018), por sua vez, nos convida a compreendermos na historicidade das relações de gênero que bebe de movimentos sociais importantes tais como: feministas, negros, LGBTQI+. Assim, ao reconhecermos o processo histórico que nos traz até aqui e a potência de sermos o que somos, estamos mais conscientes e presentes no mundo e em nossas relações, bem como somos convidados a nos implicar na construção de uma sociedade mais equânime.

6 METODOLOGIA

Ainda que nos sintamos tentados a apreender um fenômeno em sua absoluta completude e complexidade, nem a abordagem qualitativa, nem a quantitativa dão conta de sua compreensão total. Cada perspectiva tem lentes próprias e se propõe a esquemas específicos de observação, a depender dos objetivos da investigação. Isso possibilita não só que um fenômeno seja analisado por abordagens diferentes, como demarca o possível caráter complementar das investigações.

Ao pesquisar, devemos nos propor também a revisitar nossa conduta vaidosa e compreender que os parâmetros para pensar a nossa pesquisa cabem num dado momento histórico. Assim, posto que as variáveis estão em constante transformação, o conhecimento que produzimos não é estanque no tempo e no espaço.

Para pensarmos as diferenças entre a abordagem qualitativa e quantitativa, entendemos sob a perspectiva de Minayo e Sanches (1993) que as metodologias quantitativas se debruçam sobre a compreensão da realidade a partir de indicadores ou progressões generalizáveis para uma ou mais populações.

É o trabalho sobre as dimensões abstratas que vai demarcar a diferença principal da abordagem qualitativa em relação à quantitativa em investigações científicas. Assim, não há nas metodologias qualitativas a ambição de compreender o fenômeno como generalizável e representativo de um todo (Paulilo, 1999).

Segundo Souza (2009, p. 74), a abordagem qualitativa “é aplicável ao universo de valores, crenças, significados, aspirações, atitudes, tendo por objetivo identificar e aprofundar a complexidade de processos e fenômenos privados ou coletivos que extrapolam os dados quantificáveis”.

Outro aspecto fundamental a se considerar é que as lentes da metodologia qualitativa consideram a interação pesquisador e objeto como dinâmica, interdependente e indissociável no que diz respeito às questões objetivas e subjetivas que atravessam o sujeito (Chizzotti, 1991).

Posto isso, buscamos um rigor metodológico de modo a garantir a cientificidade da investigação proposta. Contudo, num contexto no qual a validação e o financiamento científico estão mais orientados ao saber positivista, universalizante, laboratorial e “prático”, acreditamos que a escolha metodológica, para além de técnica, é também uma escolha política. Portanto, propondo outras formas de fazer ciência, acreditamos que a relevância desse trabalho não está pautada em probabilidades, mas na articulação de conhecimentos que instrumentalizem o trabalho pela garantia de direitos (Minayo & Sanches, 1993).

Nesse mesmo caminho, Chauí (1999, p. 6) traz críticas muito pertinentes em relação aos elementos que constituem a medida de produtividade acadêmica e como a universidade se cunha como uma organização social que instrumentaliza e legitima saberes.

‘qualidade’ é definida como competência e excelência cujo critério é o atendimento às necessidades de modernização da economia e desenvolvimento social; e é medida pela produtividade, orientada por três critérios: quanto uma universidade produz, em quanto tempo produz e qual o custo do que produz. [...] Observa-se que a pergunta pela produtividade não indaga o que se produz, como se produz, para quem ou para que se produz, mas opera uma inversão tipicamente ideológica da qualidade em quantidade.

A Psicologia como palco de lutas com avanços e recuos na construção da cidadania, fomenta processos de exclusão e inclusão social. Contudo, esse campo é proposto a partir de princípios que o acionam a comprometer-se com a promoção da inserção social e os processos de reparação histórica, deixando claras as intenções do saber que constrói (Camino e Ismael, 2004).

Partindo de uma construção teórica que versa sobre uma geografia das masculinidades e fungindo de perspectivas que essencializam o processo de masculinização, Connell e Messerschmidt (2013) propõem três níveis de análise para pensarmos produções teóricas sobre masculinidades hegemônicas: o local, o regional e o global. Assim, a negociação de signos relacionados à masculinidade acontece não apenas a nível individual, mas também grupal, marcando a heterogeneidade dos modos de apropriação desses discursos.

As pesquisas de nível local se desenvolvem a partir da esfera da microcultura, como família, escola, trabalho, comunidade, demarcando essa como uma interação reguladora, porém mais pessoalizada. Já as de nível regional se interessam pelas dinâmicas culturais, análises de políticas públicas e as masculinidades enquanto construções discursivas. Finalmente, as pesquisas de nível global trazem as lentes de análise para processos macroculturais como política, globalização e mídia.

Tomando partida das geografias das masculinidades, estamos de acordo com Oliveira (2018a) quando o autor aponta como o estado da arte permite acessar pesquisas das mais diferentes geografias e compreender como essas se articulam e retroalimentam:

Instituições globais pressionam ordens de gênero regionais e locais, ao passo que ordens de gênero regionais fornecem materiais culturais adotados ou retrabalhados em arenas globais e também modelos de masculinidade que podem ser importantes para as dinâmicas de gênero locais (Connell & Messerschmidt, 2013, p.267).

Diferentemente da proposta trazida pela revisão sistemática de literatura, não ambicionamos “concentrar em um só trabalho os resultados de vários outros e definir o atual status do conhecimento sobre um determinado problema de pesquisa” (Figueiredo, Paranhos, Silva, Rocha, & Alves, 2014). Interessados na apreensão do cenário em que o conhecimento se desenvolve, que permita compreender aproximações e distanciamentos entre os saberes, buscamos uma metodologia de cunho bibliográfico e descritivo, o Estado da Arte (Maria Cintra da Silva, Marques Barbosa, Guimarães Pedro, & Carvalho Muniz, 2014).

O Estado da Arte pretende o mapeamento e discussão de uma produção científica apresentando um panorama acerca da temática objeto do estudo. Dessa forma, é possível compreender caminhos trilhados a partir de critérios como gênero, época ou lugar.

Assim, Melo (2006) nos aponta a potência do Estado da Arte como metodologia de pesquisa:

[...] esse tipo de pesquisa não é apenas uma revisão de estudos anteriores, mas busca, sobretudo, identificar as convergências e divergências, as relações e arbitrariedades, as aproximações e contrariedades existentes nas pesquisas e apresentam indícios e compreensões do conhecimento a partir de estudos acadêmicos (p. 62).

Os acessos promovidos pelos catálogos como fonte documental tem facilitado absolutamente as(os) pesquisadoras(es) que enveredam pelo caminho bibliográfico. O que antes exigia uma extensiva dedicação à biblioteca impressa, hoje, pode contar com uma tecnologia que oferece um banco de dados cada vez mais completos e assertivos no cruzamento de dados. Assim nos é possibilitado apreender estudos a partir dos mais diferentes filtros, deixando o catálogo de ser um buscador, para se tornar um corpulento acervo digital. Para isso, os catálogos não devem apenas disponibilizar a produção científica para consulta, mas oferecer filtros que deem conta de atender as mais diversas demandas e cruzamentos de dados necessários a quem pesquisa. Além disso, também cabe, não só ao banco de dados, mas também ao pesquisador, atentar para que os dados bibliográficos das produções estejam claros e devidamente preenchidos.

Como nos apresenta Ferreira (2002), os catálogos servem não só às exigências das instituições reguladoras da produção científica como também aos interesses das instituições de ensino superior e das agências de fomento em terem seus trabalhos divulgados. Dessa forma, endossamos o compromisso de fazer a ciência, ainda que minimamente, socialize sua produção acadêmica, alcance a comunidade externa à universidade e preste serviços a ela.

Os catálogos são organizados pela ideia de *acumulação* – reunir tudo o que se tem de avanço da ciência em um único lugar; pelo fascínio de se

ter a *totalidade* de informações – dominar um campo de produção de um conhecimento, visão absoluta de poder; pela possibilidade de *otimização* da pesquisa – ganhar tempo, recuperar velozmente informações, com menor esforço físico; pelo mito da *originalidade* do conhecimento – pesquisar o que não se conseguiu ainda, fazer o que ainda não foi feito; pela imagem de *conectividade* – estar informado com tudo que se produz em todos os lugares. Além disso, há várias outras razões e estratégias de organização do catálogo: a disputa por verbas para bolsas, convênios estimulando certos estudos, o sentimento de poder das instituições que o produzem, um marketing da própria pesquisa acadêmica que está colocada no mercado como qualquer outra mercadoria. Os catálogos fazem, portanto, parte da disputa política no interior dos Institutos de Ensino Superior (pp. 260-261).

O presente trabalho é cunhado em dois estudos, um sobre masculinidade e masculinidades e outro sobre homens. Ambas as propostas foram realizadas a partir de um levantamento bibliográfico apreendendo aspectos qualitativos (palavras-chave) e quantitativos (dados estatísticos) dos estudos em questão.

Buscamos nos estudos mapear e nos apropriar dos dados bibliográficos das produções em masculinidades e sobre homens realizadas pelos Programas de Pós-Graduação em Psicologia entre os anos de 1994 e 2018 disponibilizados no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.

Os PPG/Psi repassam à CAPES informações¹³ relacionadas a teses, dissertações e seus alunos e alunas para serem disponibilizadas em seu catálogo.

¹³ A seguinte informação foi disponibilizada através da seguinte mensagem enviada por e-mail pela Central de Relacionamento do Ministério da Educação. Segue a mensagem: “Prezado(a) Sr(a) Walter Miez, O protocolo de nº 4180741, foi finalizado em 14/01/2020 09:01:12 .

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior >> Atendimento >> Demandas encaminhadas ao e-mail Fale Conosco

Solução: Em resposta à sua mensagem encaminhada ao Fale Conosco da Capes/MEC, segue o posicionamento da área técnica: A partir de 2013, após a defesa da tese/dissertação, o programa de Pós-Graduação (PPG) da Instituição de Ensino Superior (IES) é responsável por preencher um formulário e incluir a tese/dissertação no módulo Coleta da Plataforma Sucupira. Após esse procedimento, há uma sincronização automática semanal entre os dados coletados na Plataforma Sucupira e os disponibilizados no Catálogo de Teses e Dissertações.

Para mais detalhes, favor entrar em contato com a Central de Atendimento do Ministério da Educação , pelo telefone 0800616161 ou pelo Fale Conosco no Portal do MEC (<https://faleconosco-mec-cube.call.inf.br>) Colocamo-nos à disposição para atendê-lo(a).

Agradecemos seu contato.

Esta mensagem foi enviada por um sistema automático. Favor, não respondê-la.”

O Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES é uma plataforma virtual que reúne e disponibiliza trabalhos de Mestrado e Doutorado realizados nos Programas de Pós-Graduação *stricto sensu* no país.

A plataforma conta com trabalhos desde o ano de 1987 e permite que tenhamos acesso a uma infinidade de trabalhos e suas fichas catalográficas com nome do pesquisador, título da pesquisa, data da defesa, número de folhas, tipo de curso de Pós-Graduação (Mestrado/Doutorado), nome e localidade da instituição de ensino e nome da biblioteca onde se encontra o trabalho. A partir do ano de 2013 as(os) pesquisadoras(es) foram convidados a informar mais detalhes relacionados à sua produção como palavras-chave, resumo, presença de anexo disponível para download, área de concentração, linha de pesquisa, projeto de pesquisa, nome do orientador, composição da banca, agência de fomento (caso recebimento de bolsa), número de meses de bolsa recebida, tipo de vínculo empregatício, tipo de instituição a qual se tem vinculação empregatícia e expectativa de atuação profissional.

Escolhemos o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES como nossa fonte para o banco de teses porque acreditamos que é o catálogo mais completo, dado o fato dele ser alimentado pelos Programas de Pós-Graduação e que esses têm interesse na divulgação de suas produções para continuar existindo.

Os dois estudos foram construídos a partir de dois bancos de dados: um banco sobre pesquisas em masculinidade(s) entre os anos de 1994 e 2018 e outro banco de dados de pesquisas sobre homens de 2013 a 2018. O primeiro banco pode ser construído considerando a condição dos buscadores MASCULINIDADE e MASCULINIDADES de evocar de maneira precisa estudos relacionados a esses temas, sendo o primeiro estudo em PPG/Psi realizado no ano de 1994, chegando ao número de 135 trabalhos.

Assim, o segundo banco foi construído com um intervalo de tempo menor posto que os buscadores HOMEM e HOMENS são utilizados não apenas para referenciar sujeitos do sexo masculino, mas trazem culturalmente a representação universal do humano (Silva, 2000). Entre os anos de 1987 e 2018, encontramos 2086 trabalhos com esses buscadores em PPGs/Psi. Optamos por construir o banco de dados entre os anos de 2013 e 2018 dado que ao nos debruçarmos sobre os resumos disponibilizados a partir desse primeiro ano, conseguiríamos averiguar se as pesquisas a que tipo de homem ou homens a pesquisa versava, selecionando apenas os trabalhos que não entendiam homem como categoria universal, chegando ao número de 163 trabalhos.

Finalizamos nossos bancos de dados em 2018 por ser o último ano completo com dados bibliográficos disponíveis.

Apesar desse dado não ter relevância no presente trabalho, estranhamos o fato de todos os trabalhos disponíveis no Catálogo até o ano de 2012 os apresentavam a data de defesa no dia primeiro. Suspeitamos dessas informações estarem em desacordo com a data real, e ao averiguarmos, isso se confirmou, por exemplo: o trabalho “Entre punição, prevenção e assistência : repertórios e jogos de posicionamento de profissionais sobre homens na rede de atenção à violência contra a mulher em Recife-PE”¹⁴, de Anna Renata Pinto de Lemos Cordeiro, de acordo com o Repositório Digital da Universidade Federal de Pernambuco foi defendido no dia 31 de janeiro de 2008, mas consta no catálogo como defendido no dia 01 de fevereiro de 2008; outro exemplo é o trabalho “Jovens do sexo masculino de famílias de camadas populares: sociabilidade, identidade, subjetividade, masculinidade”,¹⁵ de Eduardo Name Risk, de acordo com a Biblioteca Digital da Universidade de São Paulo, foi defendido no dia 24 de abril de 2012, mas consta no catálogo como defendido no dia 01 de abril de 2012.

O presente trabalho trata-se de uma meta-análise, na qual ambicionamos, a partir do cruzamento e análise dos bancos de dados, obter um panorama que nos permita compreender quem, onde, como as(os) pesquisadoras(es) apresentam suas produções em masculinidade e sobre homens na plataforma do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.

Sobre meta-análise, Roscoe e Jenkins (2005) afirmam que essa “consiste em colocar diferentes estudos juntos em um mesmo banco de dados e utilizar metodologias analíticas e estatísticas para explicar a variância dos resultados utilizando fatores comuns aos estudos” (p. 54). Porém, diferente do que propõe Figueiredo et. al. (2014), não nos propomos a resolver disputas teóricas.

A meta-análise traz em si a potência de estimar dados que por vezes não são tão informativos quando em estudos únicos ou podem ter tamanho de amostra insuficiente. Construir um trabalho a partir da meta-análise nos permite entender quando um conceito vira referência para pensar determinadas produções sobre um grupo ou objeto. É partindo dessa proposta que grandes revisões são feitas e manuais são desenvolvidos. Assim, propomo-nos a comparar os resultados das pesquisas realizadas a partir de dois bancos de dados: Masculinidade(s) e Homens.

¹⁴ O trabalho “Entre punição, prevenção e assistência : repertórios e jogos de posicionamento de profissionais sobre homens na rede de atenção à violência contra a mulher em Recife-PE”¹⁴, de Anna Renata Pinto de Lemos Cordeiro, está disponível no Repositório Digital da Universidade Federal de Pernambuco e pode ser acessado pelo site: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/8295>

¹⁵ O trabalho “Jovens do sexo masculino de famílias de camadas populares: sociabilidade, identidade, subjetividade, masculinidade”,¹⁵ de Eduardo Name Risk, está disponível na Biblioteca Digital da Universidade de São Paulo e pode ser acessado pelo site: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-10102013-165031/pt-br.php>

Inspirados na proposta de Cooper (2010) para a realização da meta-análise, seguimos os seguintes passos: 1 Identificação e formulação do problema de pesquisa; 2 Revisão bibliográfica (livros, artigos, teses, documentos, artigos não publicados, etc.); 3 Coleta dos dados provenientes de cada estudo; 4 Avaliação qualitativa dos estudos; 5 Sistematização dos resultados dos estudos; 6 Análise dos dados coletados; 7 Apresentação dos resultados de pesquisa.

Sobre o passo 1, problema de pesquisa, temos a seguinte pergunta: como pesquisadoras e pesquisadores de Programas de Pós-Graduação em Psicologia e Psicologia Social apresentam dados bibliográficos referentes aos seus trabalhos em masculinidade(s) e sobre homens no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES?

Assim como apontamos na apresentação, o passo 2, referente à revisão bibliográfica sobre os temas, está presente nas sessões 4 e 5. Na sessão 4 tratamos sobre a Psicologia como campo do conhecimento atravessado por disputas de poder. Já na sessão 5, discutimos o processo de masculinização de homens, a história de pesquisas sobre homens e masculinidade e os homens como sujeitos alvo de políticas públicas.

Sobre o passo 3, coleta de dados¹⁶, os dados da pesquisa foram coletados no período do mês de Julho de 2019 utilizando-se os buscadores¹⁷ MASCULINIDADE e MASCULINIDADES e posteriormente HOMEM e HOMENS. Durante as buscas filtramos os dados por ÁREA DE CONHECIMENTO buscando pesquisas exclusivamente nas categorias PSICOLOGIA E PSICOLOGIA SOCIAL. Os dados não foram organizados dentro de um mesmo banco de dados, como propõe Roscoe e Jenkins (2005), justamente para que pudéssemos ter mais clareza sobre as potenciais aproximações e distanciamentos entre os estudos. Ambos foram organizados em planilhas que continham as mesmas categorias e através da análise individual dos dados presentes em cada categoria e do cruzamento de categorias diferentes dentro de um mesmo banco, chegamos aos resultados de cada estudo. Para a meta-análise seguimos pela mesma estratégia metodológica, analisando os dados dos dois estudos dentro de uma mesma categoria, e, também, cruzando mais de uma categoria. Os gráficos e tabelas foram gerados pela ferramenta Power BI¹⁸.

¹⁶ Verificar em anexo a cópia de tela do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.

¹⁷ Optamos pelo termo buscador por entendermos que diferentemente do descritor, não necessariamente o que busco é o que aparece como descrição do trabalho.

¹⁸ O Power BI é uma ferramenta desenvolvida pela Microsoft que permite visualizações interativas de dados e indicadores em formatos gráficos diversos e a geração de relatórios de maneira sintetizada. A ferramenta pode ser acessada pelo link a seguir: <https://powerbi.microsoft.com/pt-br/>

Os bancos de dados dos dois estudos, MASCULINIDADE(S) e HOMENS, foram organizados de acordo com o aparecimento das informações:

1. Número da pesquisa – registro numérico unicamente para fins de identificar e organizar as produções das mais antigas para as mais recentes;
2. Nome do(a) pesquisador(a);
3. Sexo – masculino ou feminino;
4. Título da pesquisa;
5. Data da defesa – dia/mês/ano;
6. Número de folhas;
7. Tipo de curso de Pós-Graduação - Mestrado ou Doutorado;
8. Área do conhecimento do Programa de Pós-Graduação – grande área dentro do campo do saber que dá nome ao programa, no caso dessa pesquisa, utilizamos o filtro Psicologia, Psicologia Social, tendo encontrado também derivações desse filtro;
9. Tipo de gestão da Instituição de Ensino Superior - pública ou privada;
10. Nome da Instituição de Ensino Superior;
11. Localidade - região, estado, cidade (qual cidade e se é a capital do estado) da Instituição de Ensino Superior;
12. Nome da biblioteca onde se encontra o trabalho;
13. Buscador utilizado – Masculinidade/Masculinidades ou Homem/Homens;
14. Onde consta o buscador no catálogo bibliográfico - título, resumo e/ou palavra-chave;
15. Palavras-chave do trabalho;
16. Resumo do trabalho;
17. Área de concentração – segmentação dentro da área de conhecimento;
18. Linha de pesquisa – segmentação dentro da área de concentração;
19. Projeto de pesquisa;
20. Nome do orientador;
21. Orientador principal compôs a banca do discente - sim ou não;
22. Composição da banca - orientador, docente interno e/ou participante externo;
23. Agência de fomento - caso recebimento de bolsa;
24. Número de meses de bolsa recebida;
25. Tipo de vínculo empregatício – bolsa de fixação, CLT, colaborador, servidor público;

26. Tipo de instituição a qual se tem vinculação empregatícia - ensino e pesquisa, empresa pública, empresa privada ou outros;
27. Expectativa de atuação profissional – ensino e pesquisa, profissional autônomo, pesquisas, empresa ou outras;
28. Presença de anexo da pesquisa disponível para download até o dia 31/07/2019 – sim ou não.

Ao longo da pesquisa deparamo-nos com um grande problema: entendemos que gênero é uma categoria de análise importantíssima para ler os dados, contudo, não há informações sobre o sexo ou o gênero do(a) pesquisador(a) no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, assim, fizemos esse mapeamento a partir do que entendemos como nome de homem e nome de mulher. Como era de se esperar nos deparamos com nomes que podem ser encontrados tanto em pessoas do sexo masculino quanto do feminino, assim tivemos que fazer uma busca mais detalhada sobre a(o) profissional afim de elucidar a questão. O caso se deu com as(os) pesquisadoras(es) Cleonides Da Silva Sousa Dias, Sirlei Alves, Brune Coelho Brandão, Cigala Peirano Iglesias, situação em que tivemos que recorrer à pesquisa desses nomes no site da Google, para que a partir de fotos fizéssemos uma leitura da identidade de gênero das(os) pesquisadoras(es) e alocássemos elas e eles nas categorias feminino ou masculino.

Cabe destacar que, sustentados na perspectiva de Scott (1990) e Butler (2003), entendemos que sexo e gênero são categorias diferentes e que a leitura binária de sexo e gênero não dá conta da bem-vinda e recente heterogeneidade das(os) pesquisadoras(es) que vem cada vez mais ocupando espaços na academia. A divisão proposta é absolutamente limitada, partindo de uma lente binarista e utilizada apenas para fins estatísticos.

A avaliação qualitativa dos estudos e a sistematização dos resultados dos estudos, passos 4 e 5, estão dispostos nas seguintes sessões: Resultados – Pesquisa Masculinidade(s); Resultado – Pesquisa Homens.

Já a análise dos dados coletados e síntese dos resultados de pesquisa, passos 6 e 7, acompanhamos nas sessões Análise de resultados – Pesquisa Masculinidade(s) e Homens.

Em relação à análise das produções, Ferreira (2002) nos aponta que majoritariamente as pesquisas que se utilizam do estado da arte realizam suas análises a partir do resumo, porém esse traz informações de uma maneira compilada e enxuta, sendo assim insuficiente para apanhar a complexidade de uma produção científica, devendo, portanto, retomar o texto original do trabalho para sua melhor compreensão.

Posto que esse trabalho se interessa pelo modo como os dados de uma pesquisa são apresentados pelas(os) pesquisadoras(es) no Catálogo de Teses e Dissertações, nossa análise

qualitativa foi exclusivamente considerando as palavras-chave e seus sentidos enquanto termos ou conceitos importantes para a representação do todo de uma pesquisa e sua relação com os buscadores utilizados para a triagem. Já a análise quantitativa levou em consideração a apresentação das demais categorias que compõem o banco de dados, bem como o cruzamento desses dados entre si.

Assim, distribuimos nossa análise sobre os dois estudos ao longo das 15 categorias a seguir, apresentadas em ordem alfabética: presença de anexo disponível para download; área de concentração; buscadores; composição da banca; distribuição de bolsas; expectativa de atuação; gestão; instituições de ensino superior; linhas de pesquisa; palavras-chave; produção/ano; programa; região; sexo; vínculo empregatício.

Valendo-se dessas estratégias metodológicas, juntamente à revisão de literatura, acreditamos trazer dados consistentes sobre a realidade de pesquisas e de pesquisadoras(es) em masculinidade e sobre homens nos Programas de Pós-Graduação de Psicologia e Psicologia Social.

7 ANÁLISE E RESULTADOS – Pesquisas em Masculinidade(s) e Pesquisas sobre Homem e Homens.

Tomando por base os dois estudos - Pesquisas em Masculinidade(s) e Pesquisas sobre Homem e Homens¹⁹ – e embasados na proposta de Cooper (2010), realizamos um trabalho de meta-análise através da qual comparamos e analisamos a interação dos dados colhidos a partir dessas pesquisas.

Essa análise se dará a partir das mesmas categorias utilizadas pelos dois estudos: presença de anexo disponível para download; área de concentração; buscadores; composição da banca; distribuição de bolsas; expectativa de atuação; gestão; instituições de ensino superior; linhas de pesquisa; palavras-chave; produção/ano; programa; região; sexo; vínculo empregatício.

Da mesma forma, os valores em % também foram arredondados considerando uma casa decimal e os dados serão apresentados em ordem decrescente.

PRESENÇA DE ANEXO DISPONÍVEL PARA DOWNLOAD

Até a data da coleta dos dados, dia 30/07/2019, notamos que os trabalhos sobre homens estão 8% menos disponíveis que os trabalhos em masculinidade(s), apontando que apesar das produções em masculinidade(s) serem menos numerosas, contamos com mais implicação das(os) pesquisadoras(es) em disponibilizar suas produções no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO

Em comparação com as pesquisas em masculinidade(s), notamos que pesquisas sobre homens são mais frequentes chegando a ser até três vezes mais em áreas de concentração como PSICOLOGIA. Esses dados apontam como homens parecem sujeitos de um estudo mais interessantes a pesquisadoras(es).

¹⁹ O tratamento dos dados dos dois estudos pode ser acompanhado no anexo 1 e 2 desse trabalho.

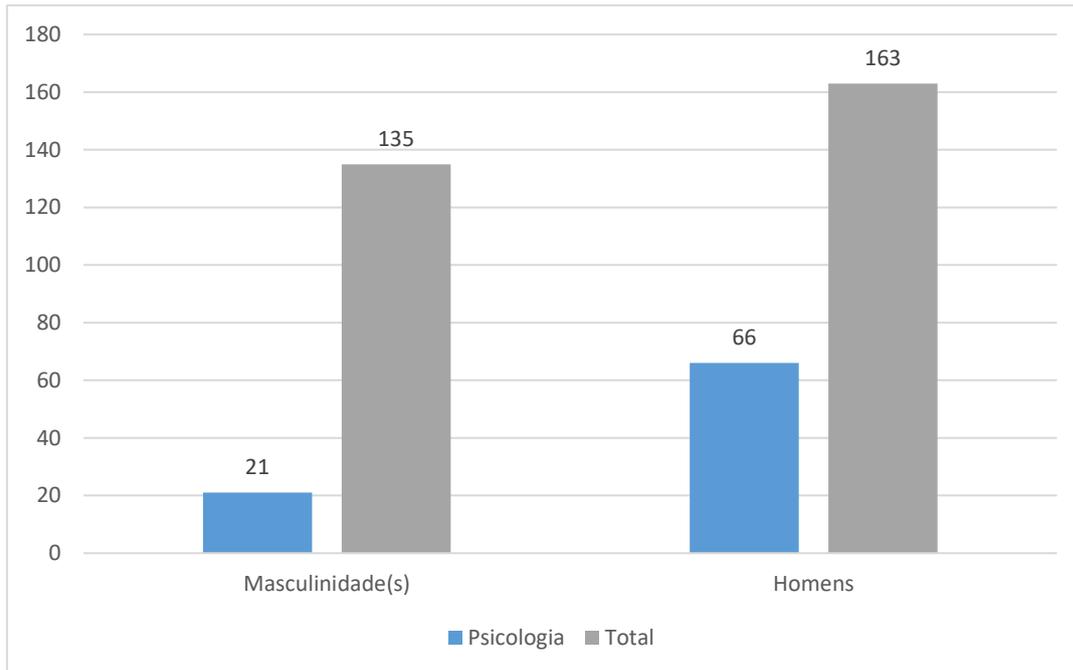


Figura 1. Distribuição de produções na Área de Concentração Psicologia.

BUSCADORES

Apesar de durante as buscas termos filtrado os trabalhos por Programas de Pós-Graduação em PSICOLOGIA e PSICOLOGIA SOCIAL, o filtro não deu conta de barrar Programas em Psicologia com ênfase em algum campo do saber. Essas geralmente vêm apresentadas como PSICOLOGIA (ÊNFASE), por exemplo: PSICOLOGIA (PSICOLOGIA CLÍNICA), PSICOLOGIA (PSICOLOGIA SOCIAL), etc. O filtro também não deu conta de barrar Programas associados à Psicologia Social, tais como: Psicossociologia de Comunidade e Ecologia Social, Psicologia Social e Institucional, etc. Cientes que PPG/Psi diferentes não tratam necessariamente da mesma lente de análise, mantivemos as escolhas que o filtro fez para compreender que campos do saber conversam quando nos debruçamos por pesquisas em masculinidade(s) e sobre homens sob o olhar da Psicologia.

Nos dois estudos temos 51 pesquisas que trazem os buscadores MASCULINIDADE(S) e HOMEM/HOMENS, contudo, quando comparado ao montante de produções exclusivamente entre os anos de 2013 e 2018, temos mais 10% a mais de pesquisas em masculinidade(s) com o buscador Homem ou Homens que pesquisas sobre homens com os buscadores Masculinidade ou Masculinidades.

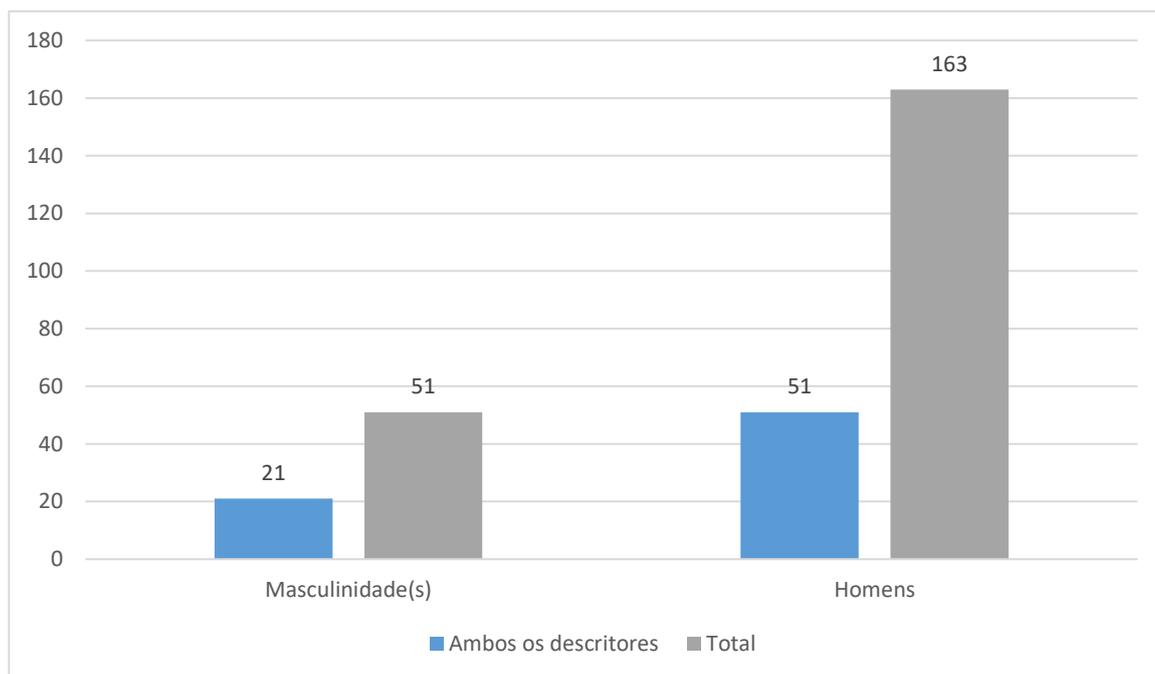


Figura 2. Produções com buscadores Homem ou Homens e Masculinidade ou Masculinidades.

Isso nos leva a crer que enquanto pesquisas em masculinidade(s) consideram questões relacionadas aos homens, pesquisas sobre homens consideram outros processos para além da dimensão da(s) masculinidade(s). Ou seja, parece ser mais fácil falar de homens sem falar de masculinidade(s) que falar de masculinidade(s) sem falar de homens. Temos percebido a abertura para um campo que possibilita compreender a diferença entre estudos em masculinidade e estudos sobre homens. Assim como num processo histórico os estudos de gênero pareciam fazer menção ao ser mulher, posteriormente pudemos compreender que não necessariamente esses interesses de estudo estão associados.

Chama-nos atenção que apesar da participação nesses estudos ser majoritariamente de pesquisadoras, em se tratar de trabalhos que consideram MASCULINIDADE(S) e HOMENS notamos que o protagonismo é relativamente maior dos pesquisadores (52%) que parecem ocupar-se mais no alinhamento das duas discussões em um único trabalho.

Cerca de 53% dos trabalhos em masculinidade(s) trazem os buscadores no título, no resumo e nas palavras-chave, contra apenas 3% dos trabalhos sobre homens. Observar essa informação é importante, pois estamos interessados em compreender como pesquisadoras(es) tem apresentado os dados de sua pesquisa no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.

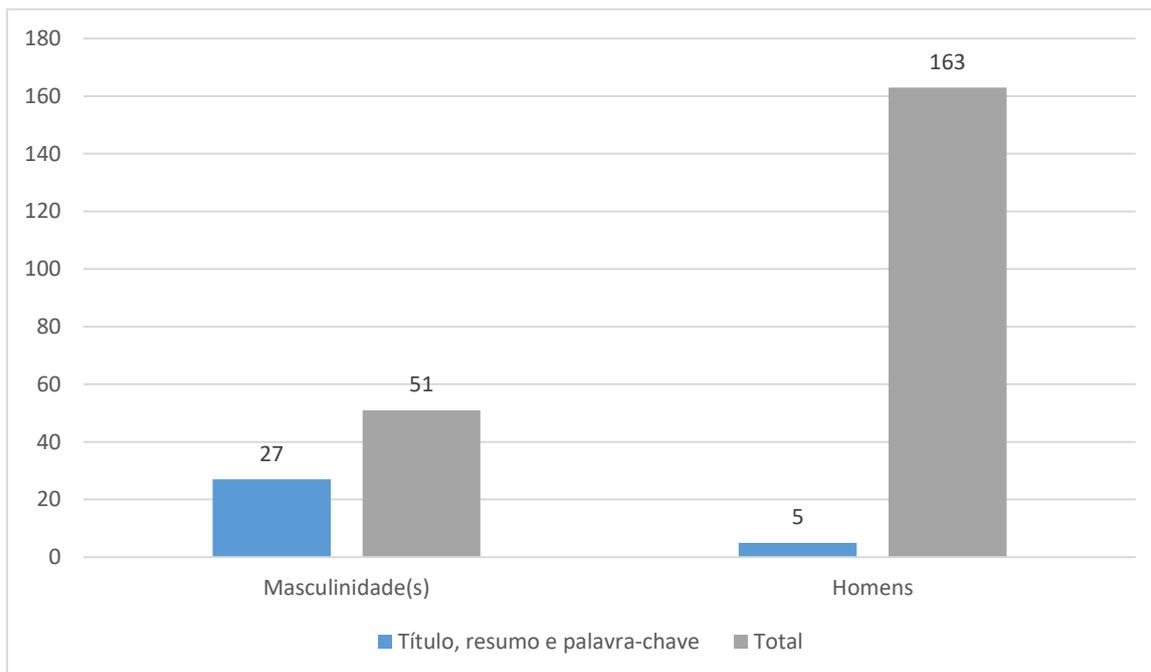


Figura 3. Produções com buscador no Título, resumo e palavra-chave

Enquanto pesquisadoras(es), compreender os termos chave de um trabalho nos permite descrevê-lo de maneira representativa, consistente, estabelecendo uma relação coerente entre título, resumo e palavras-chave. Esses não são apenas elementos de formatação, mas também de produção (Brandau, Monteiro e Braile, 2005).

Na análise feita, verificamos uma coerência entre os títulos e o conteúdo revelado nas palavras-chave e nos resumos em ambos os estudos.

Quando trabalhamos com dados que dão conta de representar devidamente um trabalho, temos um banco de dados potente, dado que uma vez escolhidos os buscadores fundamentais para a coleta, conseguimos mapear adequadamente os dados, triar o que está dentro e o que está fora do que se pretende pesquisar e propor análises verossímeis e questionamentos pertinentes (Ferreira, 2002).

Para além da contribuição para as pesquisas bibliográficas, a catalogação adequada é importante para todas(os) as(os) pesquisadoras(es), dado que o mapeamento do campo que se pretende pesquisar é parte fundamental para a construção de uma pesquisa (Ferreira, 2002).

Como posto anteriormente, apenas em 2013 o Catalogo de Teses e Dissertações da CAPES passa a contar com informações bibliográficas mais detalhadas em relação às que eram disponibilizadas até então. Portanto, em se tratar de pesquisas realizadas até o ano de 2012, a triagem de produções é feita a partir do que foi apresentado como título do trabalho.

A partir de 2013, o(a) pesquisador(a) que até então triava trabalhos pelo título, ganha outros dois campos para análise: palavras-chave e resumo. Assim, cruzando as informações desses três campos é possível que cheguemos com mais agilidade a produções alinhadas ao que pretendemos pesquisar.

A análise proposta nos possibilitou enxergar diferenças em relação ao uso dos buscadores Homem ou Homens e Masculinidade ou Masculinidades como buscadores. Homem/Homens são sujeitos interessantes para as mais diversas áreas do conhecimento, inclusive as de cunho interdisciplinar (Minayo, 2005). Podemos perceber a força desses buscadores em pesquisas em Psicologia e Psicologia Social quando vemos que entre os anos de 1987 e 2018 tivemos 2086 trabalhos; entre 2013 e 2018 tivemos 375 trabalhos, sendo apenas 163 trabalhos (43%) voltados para um olhar sobre o homem como categoria social não universal. Esses buscadores oferecem análises complexas e substanciais sobre como tem se desenhado o campo da pesquisa sobre homens na Psicologia. Portanto, mesmo sabendo que homens são entendidos como sujeitos de relevância para inúmeros campos do saber, esses buscadores ainda evocam representações universais de ser humano em PPGs/Psi.

Já quando nos propomos a estudar masculinidade(s), debruçamo-nos sobre um objeto de estudo que também é campo teórico fazendo-se interessante apenas a perspectivas específicas, em geral interessadas por questões de gênero, levando em conta processos grupais, econômicos e políticos (Silva, 2000).

Como dispõe o **Manual Para O Uso Não Sexista da Linguagem**²⁰, publicado pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul (2014), a sobreposição do masculino sobre o feminino é apresentada desde a construção de discursos nos quais homens são referências universais a seres humanos, sejam homens ou mulheres. Essa realidade independe de a língua ser neutra ou generificada. Na língua portuguesa, na qual o gênero é explicitado em substantivos e adjetivos, também convencionou-se o uso do masculino para referenciar o universal, marcando até na sutileza da linguagem a tentativa de apagamento do feminino.

COMPOSIÇÃO DA BANCA

²⁰ O *Manual Para O Uso Não Sexista da Linguagem*, publicado pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul, está disponível para download no site: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3034366/mod_resource/content/1/Manual%20para%20uso%20n%C3%A3o%20sexista%20da%20linguagem.pdf

Em relação à composição da banca, em pesquisas sobre homens, notamos maior ausência de orientadoras(es) em banca de pesquisadoras que pesquisadores, contudo essa discrepância é acompanhada o fato que elas são maioria nessas produções.

Ainda que entre os anos de 2013 a 2018 tenhamos três vezes mais trabalhos sobre homens que em masculinidade(s), esse último conta com 6% mais ausência de orientador(a) na banca.

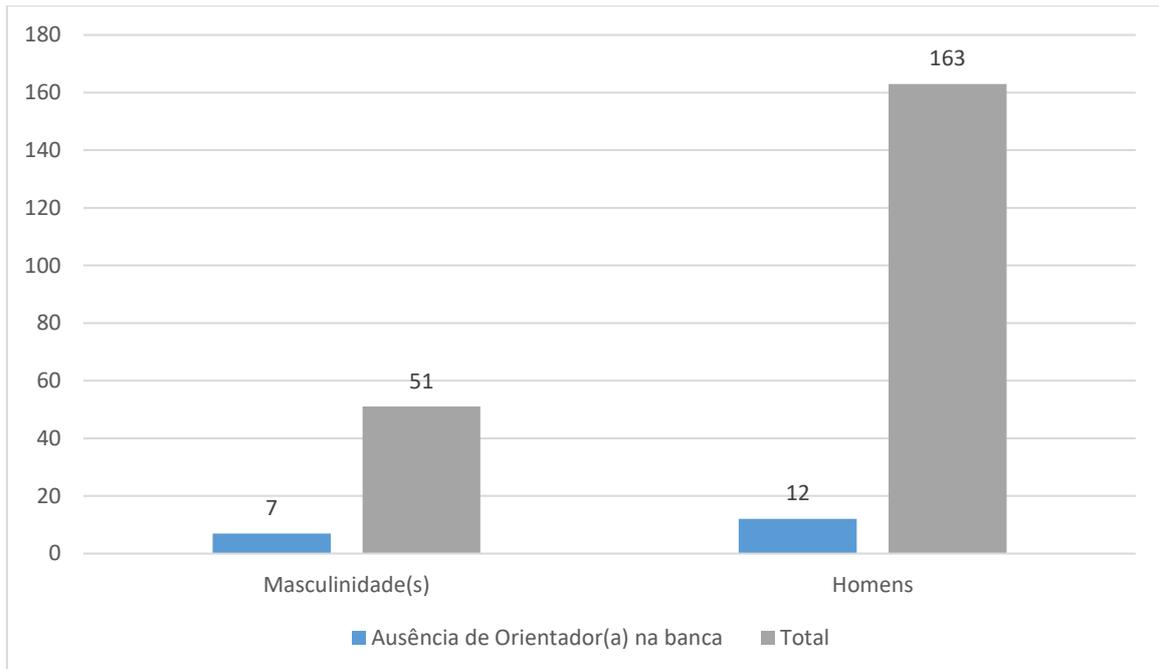


Figura 4. Ausência de orientador(a) na banca por estudo.

Em relação aos cursos de Pós-Graduação, não notamos discrepâncias em relação à presença de orientadoras(es) nas bancas de Mestrado, contudo, nas bancas de Doutorado a diferença é enorme. No Doutorado, as bancas de pesquisas em masculinidade(s) contam com 25% de ausência de orientadoras(es), contra apenas 3% de pesquisas sobre homens.

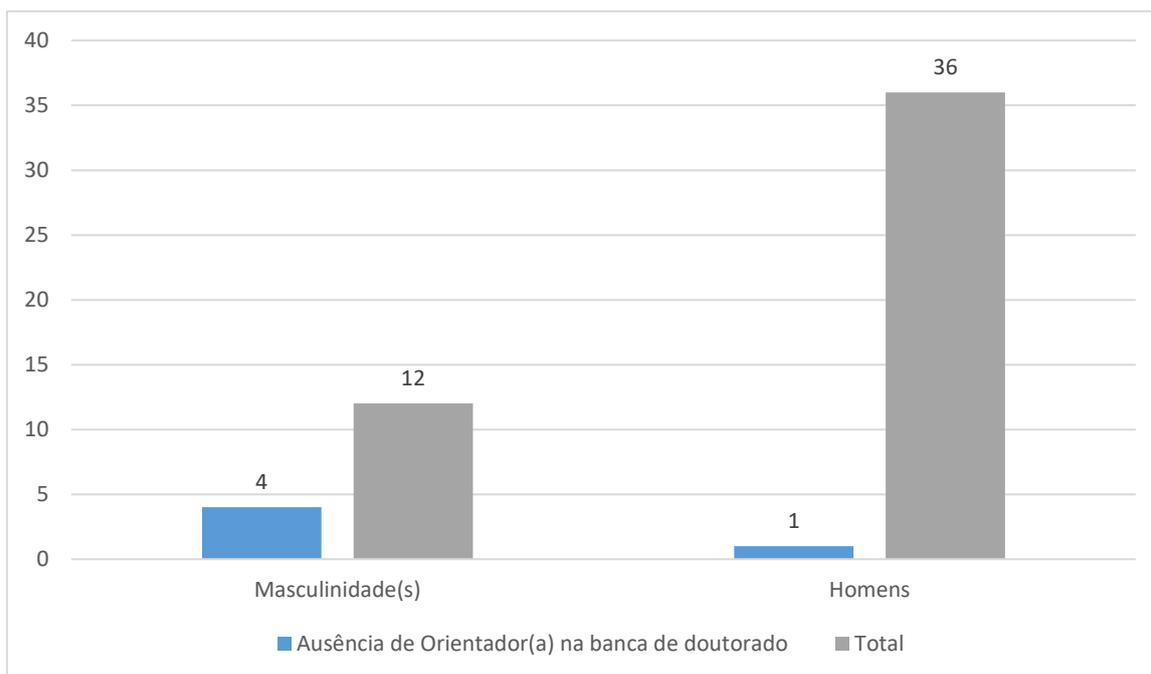


Figura 5. Ausência de orientador(a) na banca de doutorado por estudo.

Sobre as ausências, essas nos parecem preocupantes. Entendemos que a presença do(a) orientador(a) na banca não só é um ponto de apoio do(a) pesquisador(a) na discussão do trabalho, como pode promover encorajamento e confiança em quem o defende. Esse incentivo nos parece importante, especialmente em se tratar de um campo que vem se fortalecendo e flertando com campos de saber diferentes, como o campo dos estudos em masculinidade(s) (Leite Filho & Martins, 2006).

DISTRIBUIÇÃO DE BOLSAS

Segundo as tabelas de valores de bolsas no país, disponível nos portais do CNPq²¹ e da CAPES²², o valor das bolsas oferecidas para pesquisadoras(es) de Mestrado é de R\$1500,00, e de Doutorado é de R\$2200,00.

No cenário que estamos analisando a distribuição de bolsas parece vir num crescente o qual pesquisas sobre homens em 2018 receberam quase duas vezes mais incentivo que em 2013. Já as pesquisas em masculinidade(s) receberam em 2018 quatro vezes mais bolsas que em 2013 quando a contagem começou a ser feita.

²¹ Dados disponíveis em: <http://memoria.cnpq.br/no-pais>

²² Dados disponíveis em: <https://www.capes.gov.br/bolsas/prestacao-de-contas-bolsas/valores-de-bolsas>

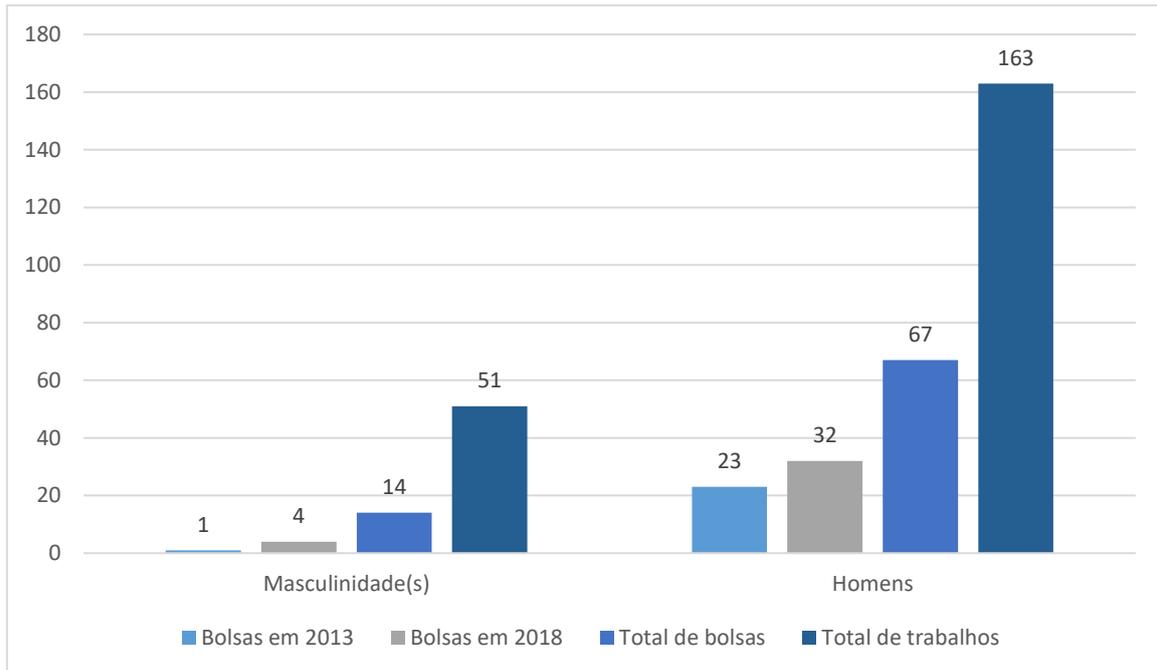


Figura 6. Distribuição de bolsas em 2013 e 2018.

Contudo, mais uma vez, ainda que entre os anos de 2013 a 2018 tenhamos três vezes mais trabalhos sobre homens que em masculinidade(s), pesquisas sobre homens receberam quase cinco vezes mais bolsas que pesquisas em masculinidade(s), sendo o CNPq e a CAPES as agências de fomento de maior representatividade.

A Diretoria de Avaliação da CAPES realiza periodicamente avaliações afim de mensurar a qualidade dos PPGs numa nota de 3 a 7 a partir dos dados que esses fornecem à Plataforma Sucupira. É a partir dessa nota que as agências de fomento distribuem seus recursos a serem redistribuídos pelos próprios PPGs aos seus alunos em formato de bolsa de estudos. Atualmente, os PPGs realizam processos seletivos que consideram a produtividade e critérios socioeconômicos das(os) candidatas(os) para repassar as bolsas segundo a classificação obtida e a disponibilidade de recursos.

Esse cenário nos leva a crer que até o momento as(os) pesquisadoras(es) que têm recebido bolsas são as(os) melhores classificadas(os) nos processos seletivos internos organizados pelos PPGs. Lançamos assim algumas hipóteses: (1) os recursos estão mais direcionados a pesquisas sobre homens que pesquisas em masculinidades porque as primeiras estão inseridas em PPGs que possuem melhor nota perante a avaliação realizada pela CAPES; (2) pesquisadoras(es) em masculinidade participam menos de processos seletivos para o recebimento de bolsas; (3) pesquisadoras(es) sobre homens respondem melhor aos critérios propostos pelos PPGs nos seus processos seletivos para distribuição de bolsas.

Os trabalhos de Doutorado sobre homens recebem 35% mais suporte de agências de fomento que trabalhos em masculinidade(s), contudo, tem duração menor, cerca de 10 meses menos. Não necessariamente esse dado fala da interrupção da distribuição de bolsa. É possível que o(a) pesquisador(a) de Doutorado tenha finalizado o trabalho antes dos costumeiros quatro anos de curso. Ainda assim, esse dado nos chama atenção à importância não apenas do incentivo das agências de fomento para a produção científica, mas que, pensando na renovação anual de bolsas, esse fomento seja mantido prezando não apenas a qualidade do trabalho, mas a oferta de condições para o pesquisador dedicar-se à vida acadêmica (Moritz, Pereira, Moritz & Macarri, 2013).

Nas pesquisas sobre homens, a distribuição é 15% maior para pesquisadoras (65%) que pesquisadores (35%). Tal discrepância parece coerente com a presença majoritária de pesquisadoras.

Já nas pesquisas em masculinidades esse cenário se inverte, assim, mesmo sendo o número de pesquisadoras sendo maior que o de pesquisadores, eles recebem mais bolsas que elas.

Isso nos leva a crer que apesar de em menor número, em se tratar de pesquisas em masculinidade(s) os pesquisadores tem protagonizado o recebimento de bolsas das agências de fomento, talvez porque tendam a articular os estudos em masculinidade(s) com os estudos sobre homens, esse último que recebe maior direcionamento desses recursos.

Recentemente o CNPq anunciou publicamente a proposta de um novo modelo que retira dos PPGs o direito do repasse desses recursos centralizando a distribuição de bolsas por meio de chamadas públicas “com foco direcionado para modalidades e temáticas em áreas prioritárias e estratégicas para o Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, vinculando as bolsas a projetos de pesquisa.”²³

A novidade faz com que pensemos quais são as linhas de pesquisa e os projetos que se alinham às áreas prioritárias e estratégicas, que áreas seriam essas e qual o lugar das produções em Ciências Humanas e mais especificamente em Psicologia no recebimento desses recursos.

EXPECTATIVA DE ATUAÇÃO

²³ Reportagem “CNPq vai priorizar editais para distribuir bolsas de mestrado e doutorado; modelo tira decisão das universidades” de Ana Carolina Moreno, publicada no Portal G1, em dia 18/12/2019, disponível no endereço: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/12/18/cnpq-vai-priorizar-editais-para-distribuir-bolsas-de-mestrado-e-doutorado-modelo-tira-decisao-das-universidades.ghtml>

Quase metade das(os) pesquisadoras(es) se recusaram a responder sobre suas expectativas de atuação. Essa informação é importante para nos sinalizar que caminhos essas(es) pesquisadoras(es) ambicionam e onde podemos esperar que os conhecimentos apreendidos na Pós-Graduação serão aplicados.

Notamos que mais de 1/3 das(os) pesquisadoras(es) têm interesse em seguir atuando no campo de ENSINO E PESQUISA e que pesquisadoras demonstram duas vezes mais interesse nesse projeto de carreira que pesquisadores.

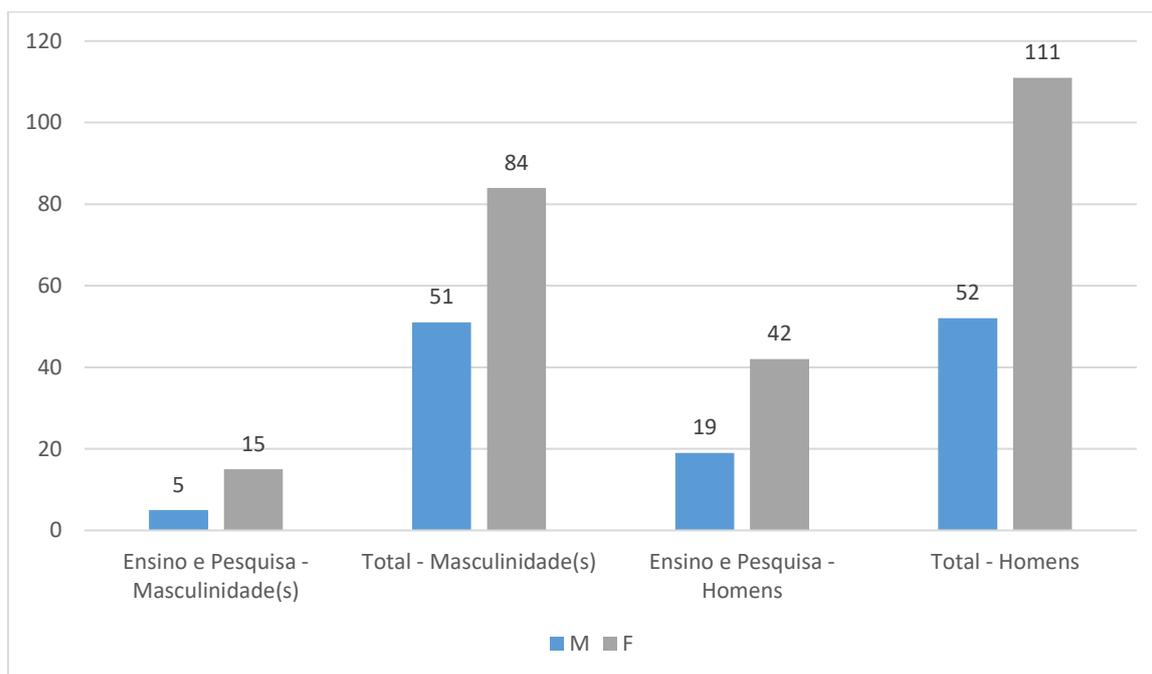


Figura 7. Pesquisadoras(es) com expectativa de Ensino e Pesquisa.

Apesar do Documento de Área apontar que os egressos têm buscado outras possibilidades de atuação profissional, a carreira no campo de ENSINO E PESQUISA parece seguir como a primeira opção (Brasil, 2019). Esse fazer profissional parece ser bem treinado e estimulado nos cursos de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, dado que a formação demanda que se experiencie a docência e a produção de pesquisa.

Mas não nos esqueçamos da prevalência de interesse de pesquisadoras em continuar sua carreira pela via acadêmica. Sobre a presença de mulheres na academia, Benedito (2019) traz os seguintes dados:

Uma pesquisa realizada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), em 2015, mostrou que as mulheres são apenas 28% dos pesquisadores de todo o mundo. No Brasil, 80% da população com idade entre 25 a 34 anos nem sequer chega ao ensino superior, de acordo com dados do Fórum Econômico Mundial. No entanto, há outras estatísticas que apontam para um cenário potencialmente mais positivo em relação às questões de gênero: segundo o Instituto Nacional de Estudos

e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), em 2016, as mulheres eram 57,2% nos cursos de graduação do país e, de acordo com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), as mulheres também constituem maioria nos cursos de pós-graduação. Em 2016, eram mais de 126 mil mulheres matriculadas em cursos de doutorado e mestrado - número 18% maior que o de homens matriculados nos mesmos cursos (cerca de 107 mil).

Como nos diz Ribeiro (2017) em consonância com Beauvoir (1999) e Camino e Ismael (2004), por muito tempo a Ciência foi majoritariamente construída por homens abastados, brancos e heterossexuais que justificavam inúmeras opressões em teorias detentoras de uma suposta verdade científica. Ao produzir saberes que alimentam projetos de exclusão de pretas e pretos, indígenas, pobres, faveladas e favelados, LGBTQI+, portadores de deficiência, fiéis a religiões de matriz africana, dentre inúmeros outros sujeitos, nem tão tratados como sujeitos, mas certamente como outros, compreendemos que produzir Ciência é inserir-se num campo de disputas por versões, verdades e poder.

Os judeus são “outros” para o antissemita, os negros para os racistas norte-americanos, os indígenas para os colonos, os proletários para as classes dos proprietários [...] o sujeito só se põe em se opondo: ele pretende afirmar-se como essencial e fazer do outro o inessencial, o objeto (Beauvoir, 1999, pp. 11-12).

Ribeiro (2017) nos provoca ao alertar que por muito tempo homens não eram fruto de estudo em sua experiência de ser por marcarem o padrão, a referência, a regra a ser seguida e por onde as demais experiências deveriam se orientar. A partir do momento que entendemos homem como sujeito passível de ser com processos e experiências próprias, atravessado por dinâmicas da masculinidade, avançamos nos estudos de gênero que deixam de ser só lugar de fala de pesquisadoras.

Além disso, constatamos que ainda que o número de pesquisadoras seja maior que o de pesquisadores, o fato delas se interessarem mais pela trajetória do ensino e pesquisa, talvez seja porque ali elas enxergam maior oportunidade de viver a intelectualidade e a atividade profissional que em outros campos possam ser mais favoráveis e receptivos à presença de homens.

GESTÃO PÚBLICA/PRIVADA

Assim como apontado no Documento de Área (Brasil, 2019), as IES Públicas são responsáveis por 75% das produções em masculinidade(s) e sobre homens, contudo esse número chega a 86% em trabalhos sobre homens e 89% se considerarmos apenas o Mestrado.

Isso nos leva a crer que ainda que as produções se concentrem majoritariamente em instituições públicas, as produções sobre homens ganham mais terreno nesses espaços. Será que por serem sujeitos de interesse dos mais diversos campos do saber, estudos sobre homens ganham mais espaço em IES públicas? Será que IES públicas apresentam um campo mais favorável para o recebimento de pesquisas com potencial interesse interdisciplinar?

Notamos também que IES Privadas concorrem mais com as IES Públicas nos cursos de Mestrado que nos de Doutorado. Assim, nos perguntamos se isso se deve ao fato de IES Privadas investirem menos em cursos de Doutorado? Ou seria mais fácil para as IES Públicas atenderem às exigências para o estabelecimento de cursos de Doutorado? Será que a procura de estudantes por cursos de Doutorado em IES Privadas tem sido menor?

Sobre esse cenário, Hilu e Gisi (2011) sinalizam que até o ano de 2010, 90% dos artigos indexados eram gerados por as IES Públicas e que ainda que na altura já tivessem alguns investimentos na Pós-Graduação, dificilmente concorrem com as IES Públicas.

Tal situação ocorre porque em grande parte as IES privadas sobrevivem de mensalidades e o custo para a pesquisa científica é elevado. Isso leva as IES privadas a buscar recursos em órgãos de fomento, tendo que, na maioria dos casos concorrer para isso com as IES públicas, que por apresentarem outro perfil, mais livre e fundamentada em pesquisa, historicamente mais consolidadas, sem preocupação com mensalidades, acabam por receber os devidos recursos. Visto este cenário, observa-se que as universidades privadas, dificilmente podem concorrer em termos de produção com universidades do porte das públicas do estado de São Paulo, mas buscam um crescimento na área de produção científica (p. 5669).

Dias e Paiva (2009) ainda aponta como IES privadas historicamente tem formado seus discentes para a atuação no mercado de trabalho, já IES públicas, para além da formação para o mercado de trabalho, tem produzido conhecimento aplicado para a formação.

INSTITUIÇÕES DE ENSINO

USP, UFMG, UFES, UFSC, UFPE são IES que lideram as produções em masculinidade(s) e sobre homens no país, reafirmando a prevalência de instituições públicas. A riqueza de produções nessas instituições possibilita o fortalecimento do campo através da criação de linhas de pesquisa e núcleos de estudo fazendo desses espaços mais convidativos a pesquisadoras(es) interessadas(os) nessas produções.

A USP, por exemplo, conta com o Laboratório de Estudos da Família, Relação de Gênero e Sexualidade²⁴ (LEFAM) que desenvolve estudos articulando dinâmicas familiares, relações de gênero e a sexualidade a partir de seus contextos psicossociais.

Já a UFMG conta com a linha de pesquisa Cultura, Modernidade e Processos de Subjetivação²⁵ no PPG/Psi. Essa se debruça sobre questões ligadas às dinâmicas culturais e interacionais que reverberam na produção de subjetividade, tais como os processos de masculinização. Além disso a UFMG também abriga na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH) o Núcleo de Pesquisa Memória, Representações e Práticas Sociais²⁶ (NMRPS) que desenvolve, dentre tantas temáticas, estudos voltados para as mais diversas questões que atravessam as masculinidades e as experiências de homens, como: homossexualidades, paternidades, violências, etc.

Por sua vez, a UFES conta com a Rede de Estudos e Pesquisas em Psicologia Social²⁷ (RedePso) que desenvolve pesquisas voltadas para práticas sociais e cultura, gênero, juventude, paternidade/maternidade e saúde reprodutiva.

A UFSC possui no PPG/Psi a linha de pesquisa Processos de Subjetivação, Gênero e Diversidades²⁸, tendo assim uma linha exclusivamente voltada para o entendimento de questões ligadas à produção de subjetividades alinhada a processos de singularização, diversificação e diferenciação.

Por fim, a UFPE não apenas conta no PPG/Psi com a linha de pesquisa Processos Sociointerativos e Desenvolvimento Humano²⁹, como abriga o Laboratório de Interação Social Humana³⁰ (LabInt) voltado para processos de interação social humana, aquisição do conhecimento e práticas institucionais.

LINHAS DE PESQUISA

²⁴ Para mais informações, acesse: <http://www.ip.usp.br/site/laboratorio-de-estudos-da-familia-relacao-de-genero-e-sexualidade-lefam-3/>

²⁵ Para informações sobre as linhas de pesquisa do PPG/Psi UFMG, acesse: <http://www.fafich.ufmg.br/pospsicologia/areas-de-concentracao/psicologia-social/>

²⁶ As produções e debates levantados pelo NMRPS podem ser encontrados em sua página do Facebook: <https://www.facebook.com/pg/nucleomrps/about/>

²⁷ Para conhecer mais, acesse: <http://www.psicologia.ufes.br/pt-br/grupos-e-n%C3%BAcleos-de-pesquisa>

O contato também está disponível pela página no Facebook: <https://www.facebook.com/redepso>

²⁸ Para informações sobre as linhas de pesquisa do PPG/Psi UFSC, acesse: <https://ppgp.ufsc.br/areas-de-concentracao-linhas-de-pesquisa/>

²⁹ Para informações sobre as linhas de pesquisa do PPG/Psi UFPE, acesse: <https://www.ufpe.br/pospsicologia/grupos-de-pesquisa>

³⁰ O contato com o LabInt está disponível através da página no Facebook: <https://www.facebook.com/Labint.UFPE/>

As pesquisas sobre homens estão distribuídas em duas vezes mais linhas de pesquisa que pesquisas em masculinidade(s). A linha de PROCESSOS PSICOSSOCIAIS e de PROCESSOS PSICOSSOCIAIS, PODER E PRÁTICAS COLETIVAS são as mais presentes em pesquisas em masculinidade(s) e sobre homens.

Sobre a linha de PROCESSOS PSICOSSOCIAIS³¹, o PPG/Psi da UFES apresenta a apresenta como uma linha que se debruça sobre estudos em identidade, comunicação, gênero, relações familiares e conjugais, relacionamento interpessoal, preconceito, violência e dinâmicas culturais.

Por sua vez, a linha de PROCESSOS PSICOSSOCIAIS, PODER E PRÁTICAS COLETIVAS³² é apresentada pelo PPG/Psi da UFPE como uma linha interessada em processos psicossociais com ênfase nas relações dinamizadas pelo poder em um contexto de práticas sociais.

Como destacamos na categoria ÁREA DE CONCENTRAÇÃO, as linhas de estudo mostram as diversas perspectivas teóricas que se propõem a analisar esses objetos. Dado que temos duas vezes mais linhas de pesquisa sobre homens, esses parecem, mais uma vez, mais relevantes e atravessáveis por mais campos de discussão e análise que masculinidade(s).

PALAVRAS-CHAVE

Trabalhos em masculinidade(s) e sobre homens apresentam em média 5 palavras-chave. Apesar de sabermos que a média são cinco palavras-chave por trabalho, a título de comparação escolhemos apenas as quatro primeiras, dado que a partir quinta varias a contagem se repete. GÊNERO, MASCULINIDADE e REPRESENTACOES SOCIAIS são as palavras-chave mais citadas tanto em trabalhos em masculinidade(s) (12%) quanto em trabalhos sobre homens (7%).

A principal escolha de pesquisadoras como palavra-chave é GÊNERO. Já MASCULINIDADE é a principal palavra-chave utilizada por pesquisadores.

Esse dado nos comunica como pesquisadoras recorrem preferencialmente à palavra-chave GÊNERO retomando a história de estudos protagonizados por mulheres.

Já o fato de pesquisadores preferencialmente recorrerem à palavra-chave MASCULINIDADE aponta o interesse de pesquisadores enveredarem essas análises para esse

³¹ A descrição da linha de pesquisa pode ser encontrada no seguinte endereço: <http://www.psicologia.ufes.br/pt-br/pos-graduacao/PPGP/detalhes-da-linha-de-pesquisa?page=1&id=150>

³² A descrição da linha de pesquisa pode ser encontrada no seguinte endereço: <https://www.ufpe.br/web/psicologia-doutorado/linhas-de-pesquisa>

campo, dado que historicamente os chamados estudos de gênero tem se debruçado por experiências de ser mulher.

Entre pesquisadoras(es) de Mestrado as principais palavras-chaves são GÊNERO, MASCULINIDADE, MASCULINIDADES e REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, enquanto no Doutorado são GÊNERO e MASCULINIDADE.

GÊNERO é também a palavra-chave mais presente em IES Públicas e Privadas.

Reafirmando nossa hipótese sobre a maior versatilidade dos estudos sobre homens, notamos que essas pesquisas trazem palavras-chave que falam de diferentes temáticas, como: QUALIDADE DE VIDA, SAÚDE e SUICÍDIO; e diferentes perspectivas teóricas, como FENOMENOLOGIA. Já a palavra-chave JUVENTUDE aparece com força nos estudos de masculinidade(s), mas não nos estudos sobre homens.

Parece-nos que estudos sobre homens em Psicologia ainda reconhecem esse termo como representante de uma categoria universal que referencia o ser humano e estão interessados em pensar a experiência de ser homem na vivência cotidiana, voltando, assim, seus interesses para aspectos microssociais. Já os estudos em masculinidade(s) parecem voltados para aspectos macrossociais como as dimensões que constroem homens nessa cultura.

Tais considerações levam em conta a análise apenas a partir das palavras-chave, entendida aqui como termos importantes que evocam os elementos principais do trabalho realizado. Contudo entendemos que possivelmente no corpo do trabalho podemos encontrar outros termos também importantes que não tiveram espaço como palavras-chave, mas que compõem a discussão feita pelas(os) pesquisadoras(es).

Considerando que a palavras-chave só pode aparecer uma vez num mesmo trabalho. O fato delas aparecerem em maior número nos gráficos e tabelas vão nos contar que mais de um trabalho está significando sua produção em uma mesma palavra. Assim, não podemos afirmar que a palavra-chave aparecer mais de uma vez necessariamente implique numa grande transformação dentro do campo desses estudos, contudo, de certo, acompanhar como as palavras-chave vão perdendo presença para dar lugar a outras noticiam como os interesses e as perspectivas dentro desses estudos estão em constante transformação.

PRODUÇÃO/ANO

Dezesseis pesquisadoras(es) se dividem nas produções em masculinidade(s) e sobre homens, aparecendo com o mesmo trabalho no banco de dados de pesquisas em masculinidade(s) e sobre homens. Duas pesquisadoras repetem seus objetos de estudo no Mestrado e no Doutorado, aparecendo, portanto, nos dois bancos de dados, mas com trabalhos

diferentes. Essas seguem suas produções na mesma instituição de ensino superior, na mesma linha de pesquisa, sendo orientadas pelo(a) mesmo(a) orientador(a) e, averiguando os anos de defesa das dissertações e teses, percebemos que as pesquisadoras não tiveram intervalo entre os cursos de Mestrado e de Doutorado.

Assim, percebemos que das(os) 280 profissionais que compuseram nosso banco de dados, menos de 1% deram continuidade no Doutorado ao mesmo objeto de estudo investigado durante o curso de Mestrado.

Comparando o número de produções nos cursos de Mestrado e no Doutorado, é inegável a queda do segundo em relação ao primeiro, ainda que nas pesquisas sobre homens essa diferença seja 6% menor que nas pesquisas em masculinidade.

Apesar de sabermos, como aponta o Documento de Área, que o número de oferta de cursos de Pós-Graduação em Psicologia dobrou de 2016 para 2018, a oferta de cursos de Doutorado cresceu apenas 19% e não chega a 40% dos cursos ofertados (Brasil, 2019).

Tabela 1

Número de PPG/Psi nas diferentes modalidades no ano de 2016 e de 2019

CURSO E MODALIDADE	2016	2019
MESTRADO	25	86
MESTRADO PROFISSIONAL	5	14
DOCTORADO	54	64
TOTAL	84	164

Dado que as ofertas de cursos de Doutorado têm sido menores que as de Mestrado, nos ocorreram alguns questionamentos: será que apenas a formação no Mestrado tem atendido as demandas da academia e do mercado para formação profissional? Será que os profissionais não o têm disposto de renda, tempo e/ou interesse em continuar a formação na Pós-Graduação? Ao que parece a formação no Mestrado além de habilitar o profissional como docente e pesquisador, o capacita para a atuação no mercado de trabalho, funcionando assim como uma oportunidade de continuidade dos estudos após a graduação. Já o doutorado parece ter função de profissionalização para a formação de pesquisador (Zaidan, Caldeira, Oliveira, & Silva, 2011).

Traçando uma análise sobre o número de produções em masculinidade, entre os anos de 1994 e 2018, no Doutorado notamos maior expressividade no ano de 2015 (20%) no Mestrado nos anos de 2017 e 2018 (20%). Já em relação às produções sobre homens, entre os anos de 2013 e 2018, no Doutorado notamos maior expressividade no ano de 2017 (25%) e no Mestrado no ano de 2014 (24%).

Como nos aponta Colling (2018), esses números podem ser explicados pelas discussões sobre gênero terem nos últimos anos se tornado pauta pública, atravessando os mais diversos setores da sociedade, convidando sujeitos a se posicionarem diante de questões relacionadas ao tema, alimentadas pela mídia em geral, especialmente as redes sociais e também pelo surgimento de novos sujeitos problematizando categorias e performando novas identidades de gênero.

Em função dessas pautas publicas surgem editais de fomento para pesquisas sobre gênero financiadas por instituições privadas em consonância com uma agenda internacional de luta contra as disparidades de gênero.

PROGRAMA

Lembrando que os Programas de Pós-Graduação são identificados no filtro do Catálogo de Teses e Dissertações como a área do conhecimento. Os programas em PSICOLOGIA lideram os trabalhos em masculinidade(s) e sobre homens. Contudo, por vezes encontramos programas com nomes diferentes, mas que fazem menção ao que entendemos como um mesmo campo, como o Programa de PSICOLOGIA SOCIAL e o Programa de PSICOLOGIA (PSICOLOGIA SOCIAL). Supomos que, como apresentado no exemplo acima, essa seja uma escolha dos Programas de Pós-Graduação que marcam uma diferença estratégica: programas cujo nome marca um campos do saber mais específicos como PSICOLOGIA SOCIAL formam pesquisadoras(es) com o título de Mestrado ou Doutorado em Psicologia Social. Essa titulação nos leva a crer que essas(es) são aptos a atuar como docentes, pesquisadoras(es) e assumir cargos voltados especialmente para esse campo. Já programas com nomes mais generalistas como PSICOLOGIA (PSICOLOGIA SOCIAL) formam pesquisadoras(es) com o título de Mestrado ou Doutorado em Psicologia (Psicologia Social). Essa titulação em Psicologia nos leva a crer que essas(es) são aptos a atuar como docentes, pesquisadores e assumir cargos voltados para outras áreas também.

Por vezes encontramos também programas que trazem no nome mais de um campo do saber, que, ainda que dialoguem e tenham o mesmo objeto de análise, utilizam lentes diferentes, como: PSICOLOGIA SOCIAL, DO TRABALHO E DAS ORGANIZAÇÕES.

Essa escolha parece permitir que convivam na mesma formação produções de áreas diferentes e que, de certo, dialogam em algum nível e que posteriormente à conclusão do curso oferecerá o título de Mestrado ou Doutorado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, mesmo que o trabalho desenvolvido não tenha sido voltado necessariamente para uma interlocução entre os três campos.

Curioso perceber que ao selecionarmos pelo filtro áreas do conhecimento para restringirmos nossa busca apenas a pesquisas em Psicologia e Psicologia Social, outras áreas foram lidas como parte desse recorte como PSICOSSOCIOLOGIA DE COMUNIDADE E ECOLOGIA SOCIAL³³. Poderíamos entender essa como um campo da Psicologia ou uma vertente no campo da Psicologia Social? De acordo com o Instituto de Psicologia da UFRJ, essa área se debruça sobre processos contemporâneos sustentados em uma interdisciplinaridade dentro do campo da Psicologia Social.

Sabemos que as discussões sobre masculinidades e homens são majoritariamente de interesse das Ciências Humanas e da Saúde (Minayo, 2005). Contudo, partindo da discussão levantada a pouco sobre áreas de conhecimento que dão nome a Programas de Pós-Graduação, percebemos que estudos em masculinidade(s) e sobre homens tem se concentrado majoritariamente em programas de perfil mais generalista, dado que os Programas de Pós-Graduação em Psicologia tem protagonizado essas produções.

Marcamos aqui que ao adjetivarmos esses programas como generalistas não estamos desconsiderando que esses se subdividem em áreas de concentração que por sua vez se dividem em linhas de pesquisa, que apontam por que perspectivas de análise os trabalhos desse nicho estão sendo desenhados

As universidades parecem apostar mais em Programas que abarcam áreas de estudo mais amplas dado o interesse na construção de espaços de formação heterogêneos e na formação de profissionais que dialogam com diversas áreas do saber. Esse encaminhamento parece estar de acordo com o Documento de Área (Brasil, 2019), dado o incentivo a um diálogo mais amplo dentro e fora da universidade, possibilitando não só a construção de conhecimento sob o

³³ Para mais informações sobre as produções no Programa Psicossociologia de Comunidade e Ecologia Social, acesse: http://ufrj.academia.edu/Departments/Programa_EICOS_de_P%C3%B3s_Gradua%C3%A7%C3%A3o_em_Psicossociologia_de_Comunidades_e_Ecologia_Social/Documents

convívio de diferentes perspectivas teóricas como também a busca por lentes de análise mais dialógicas. Uma sugestão de estudo é averiguar se há diferença na oferta de linhas de pesquisa em PPG/Psi de IES Públicas e Privadas.

REGIÃO

Pensando numa análise regional, notamos que a região Sudeste é responsável por metade das produções em masculinidade, ficando o Nordeste em segundo lugar e tendo uma pequena participação da região Norte.

É no Mestrado sobre homens que a região Norte ganha sua maior expressividade chegando a ser três vezes maior que nos estudos em masculinidade(s).

Pesquisadoras lideram as produções em masculinidade(s) e sobre homens em todas as outras regiões, com exceção da região Centro-Oeste, onde essa presença fica equiparada.

As capitais lideram as produções de Mestrado e Doutorado chegando a ser 10% maior em pesquisas em masculinidade(s).

Trazendo o olhar mais especificamente para as cidades, notamos que dos pesquisadores em masculinidade(s) e sobre homens, 10% são de Brasília, que curiosamente não apresenta pesquisadoras no tema. Já Recife é a cidade que mais apresenta pesquisadoras em masculinidade(s) e sobre homens, chegando a 9%, contudo, ao contrário de Brasília, Recife, apresenta muitos pesquisadores sobre esses objetos.

Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Vitória lideram a produção de trabalhos em masculinidade(s) e sobre homens nos programas de Pós-Graduação em Psicologia em todo o país. Contudo, na contagem das produções em Doutorado, São Paulo é líder nesse ranking, reiterando não só a conhecida concentração de PPG/Psi na região sudeste, como também a predominância de São Paulo como palco dessas produções. Já quando consideramos exclusivamente as produções no Mestrado, Recife passa a compor esse ranking também. Demarcando assim as cinco cidades de maior expressividade nas produções em masculinidade(s) e sobre homens.

Esses dados estão de acordo com o Documento de Área (Brasil, 2019) que apontam a maior concentração de Programas de Pós-Graduação na região Sudeste, ainda que a região Sul e Nordeste estejam representadas pela UFSC e UFPE, respectivamente.

SEXO

Entendemos que gênero é uma categoria de análise importantíssima para a leitura do banco de dados, contudo, ao longo da pesquisa nos deparamos com um grande problema, não

há informações sobre o sexo ou o gênero de pesquisadoras(es) no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.

Assim, fizemos essa triagem a partir de uma estratégia arcaica, mas que estava ao nosso alcance. Mapeamos o sexo das(os) pesquisadoras(es) a partir do que entendemos como nome masculino e nome feminino e associamos nomes masculinos a pesquisadores e nomes femininos a pesquisadoras. Como era de se esperar, alguns dos nomes que podem ser encontrados tanto em pessoas do sexo masculino quanto do sexo feminino, exigindo que fizéssemos, então, uma busca mais detalhada sobre a(o) profissional afim de elucidar a questão. Cabe destacar que, como nos aponta Scott (1990) e Butler (2003), sexo e gênero são categorias diferentes e que a leitura binária de sexo e gênero não dá conta da bem-vinda e recente heterogeneidade de identidades de pesquisadoras(es) que ocupam a academia. Sabemos que a categorização proposta (pesquisador/pesquisadora) é limitada, especialmente partindo de uma lente binarista (masculino/feminino). Contudo, fazemos esse uso exclusivamente para fins estatísticos, afim de fazer emergir essa discussão: quem é essa pessoa que pesquisa? Essa triagem é de tamanha delicadeza que apesar de aparecer na Plataforma Sucupira³⁴, não consta no documento que se propõe a avaliar a Pós-Graduação no país, Documento de Área de 2019 e Relatório da Avaliação Quadrienal de 2017. Esses dados são fundamentais para que entendamos os atravessamentos das questões de gênero em quem produz pesquisa em Psicologia.

No que diz respeito às comparações por sexo, percebemos que apesar de pesquisadores serem também sujeitos possíveis para pesquisas em masculinidade(s) e sobre homens, pensar sobre um ou outro é potencialmente poder pensar em relações de gênero, tema que atravessa a experiência de todas e todos.

Notamos que a presença de pesquisadoras é notoriamente maior que de pesquisadores, chegando a ocupar até 2/3 das produções do Mestrado. A partir de dados do Conselho Federal de Psicologia³⁵ sabemos que a Psicologia é um campo do saber majoritariamente composto por mulheres, contudo, não sabemos se a presença de pesquisadoras nesses temas se deve à sua presença ser maioria nas pesquisas em Psicologia como um todo, ou por um interesse de pesquisadoras por pesquisas sobre homens e em masculinidades(s). Inclusive, a presença de pesquisadoras sobre homens chega a ser 13% maior que em masculinidade(s). Uma hipótese é

³⁴ Portal com conjunto de dados relacionados à Pós-Graduação *Stricto Sensu*: <https://dadosabertos.capes.gov.br/dataset/2017-2020-discentes-da-pos-graduacao-stricto-sensu-do-brasil>

³⁵ Dados estatísticos referentes a psicólogas e psicólogos no país disponíveis no endereço: <http://www2.cfp.org.br/infografico/quantos-somos/>

que, como nos aponta Silva (2000), os estudos que se interessavam nas diferenças dos sexos tiveram força com a ascensão dos movimentos feministas e talvez as pesquisadoras seguiram protagonizando os estudos nessa vertente, ainda que agora voltadas para olhar o homem e a dimensão da(s) masculinidade(s).

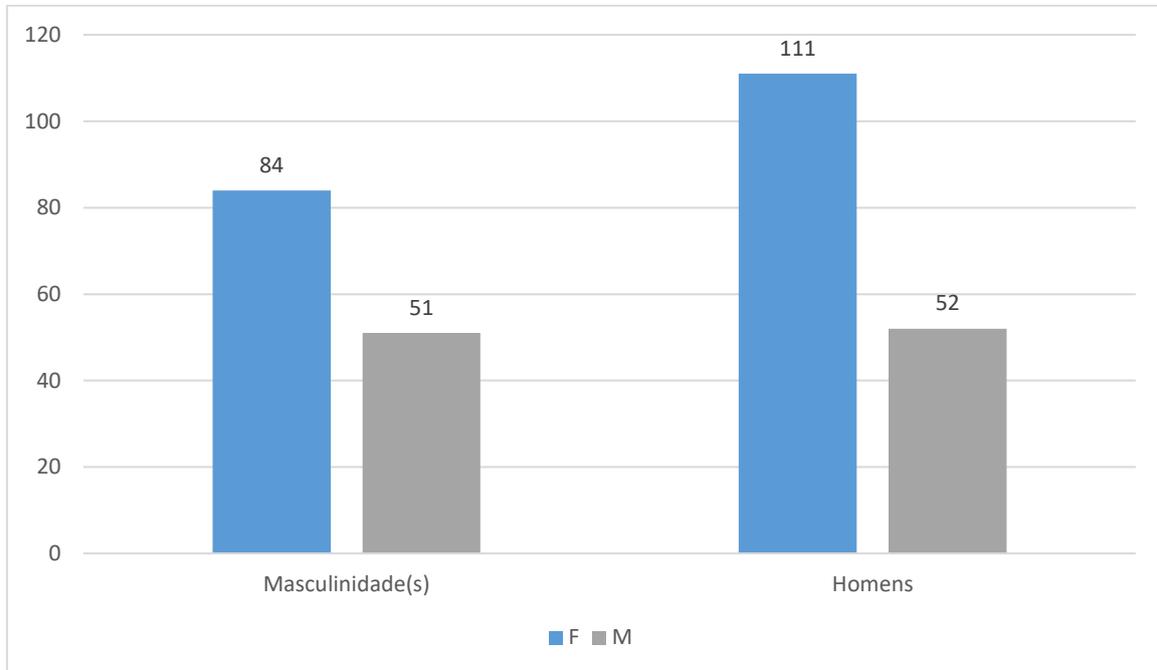


Figura 8. Distribuição de sexo por estudo.

Ainda que ao compararmos o número total de pesquisadoras(es), entendamos que as pesquisadoras são maioria, nas pesquisas em masculinidade(s) a flutuação desses dados foi intensa, com momentos em que o número de pesquisadores foi maior que o de pesquisadoras momentos em que o número de pesquisadoras(es) inexistiu e momentos em que o número de pesquisadoras e pesquisadores se equiparou. Essa flutuação aponta uma inconstância em relação a quem e o quanto se produz nos estudos em masculinidades, indicando ainda uma tentativa de estabelecimento desse tema como campo de estudo sólido dentro Psicologia.

VINCULO EMPREGATICIO

Em pesquisas em masculinidade(s) temos 5% mais pesquisadoras(es) com vínculo empregatício conforme a CLT e 3% mais pesquisadoras(es) no serviço público; já em pesquisas sobre homens temos o dobro de profissionais que informaram trabalhar como colaborador, temos 4% a mais de pesquisadores que não ofereceram informações relacionadas ao vínculo empregatício e apareceram profissionais com bolsa de fixação que não tinham aparecido nos estudos de masculinidade(s).

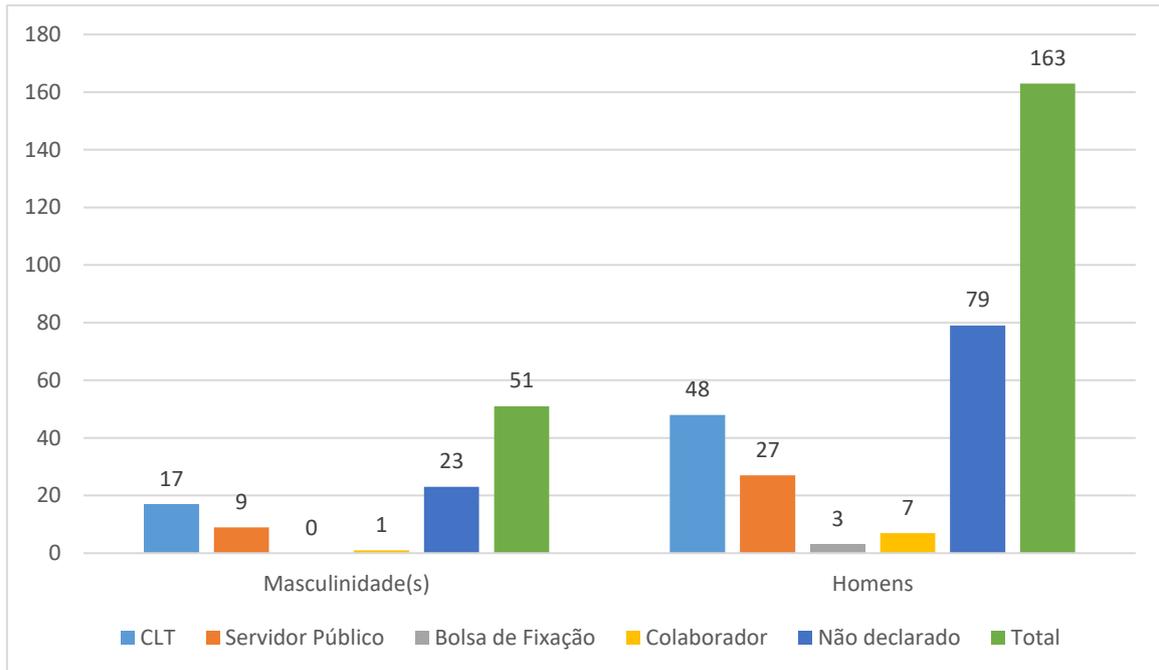


Figura 9. Comparativo sobre o tipo de vínculo empregatício entre os estudos.

Seja em estudos em masculinidade(s), ou sobre homens, notamos que ambos se realizaram majoritariamente sem incentivo das agências de fomento. Assim, levantamos algumas provocações: é possível desenvolver uma pesquisa de qualidade sem dedicação profissional exclusiva à academia? Pesquisadoras(es) bolsistas podem ter outros vínculos empregatícios?

A oferta de bolsas não parece compatível com a demanda de pesquisadoras(es). O que distancia a oferta de recursos pelas agências de fomento à remuneração de quem realiza produção de ciência das IES?

8 DENTRO E FORA DE CATEGORIAS...

A Plataforma Sucupira, alimentada pela CAPES, apresenta dados estatísticos sobre a distribuição de bolsas, informações sobre pesquisadores da Pós-Graduação, contando até com dados como sexo, raça e deficiência. Contudo, a fim de apresentar de maneira clara sob os olhares de quem a Ciência vêm sendo construída, destacamos a importância de considerar nas análises bibliográficas aspectos de vida socioeconômica, cultural e de escolarização. O caráter interseccional que atravessa a vivência de pesquisadoras(es) potencializa discussões que alinham o contexto de produção científica a categorias de análise como gênero, classe, raça, sexualidade, por exemplo. Esse compromisso parece fundamental para que tenhamos transparência na avaliação não apenas de como, quando e onde, mas por quem, para que e para quem esses saberes científicos são produzidos (Ribeiro, 2017).

Constatamos nesse trabalho que dados relacionados à distribuição de bolsas podem ser encontrados na Plataforma Sucupira e no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, contudo dados como sexo, raça, classe, deficiência estão ausentes dessas plataformas. A impossibilidade de acessar esses dados como crivos para pesquisa, desconsidera a importância de buscarmos produções por outros filtros para além dos recorrentes em pesquisas bibliográficas, como ano, região, área de concentração. O que gays de Pernambuco tem pesquisado? O que mulheres pretas de São Paulo têm pesquisado? Informações sobre sexo, raça, classe, deficiência, por exemplo, nos permitem entender a rede de colaboração e de diálogo teórico que tem se formado no país, bem como possibilita pensar como a interseccionalidade atravessa a produção científica no país.

Outro ponto que nos parece delicado na impossibilidade de escolher filtrar trabalhos a partir de critérios socioculturais é a dificuldade de escolher dialogar em nosso trabalho com autoras(es) específicos, sejam pretas, pretos, indígenas, deficientes, gays, lésbicas, travestis, transexuais, enfim. Como nos diz Ribeiro (2017), construir pesquisa é mais que chamar para uma conversa autoras(es) que dialogam com perspectivas que nos interessam, mas também poder escolher conversar com autores com vivências específicas. Assim, estamos alinhados com Junior e Caetano (2018) em relação às perspectivas decoloniais ao marcarem a importância da utilização de autoras(es) nativas(os) para a construção de saberes menos colonizados ou infiltrados de pensamentos eurocentrados, possibilitando a organização de ações políticas no âmbito acadêmico. Formar laços e alimentar esses diálogos estimulam a construção de novos campos teóricos; ler, conversar e escrever com autoras(es) que caminham num mesmo

horizonte possibilita a estruturação de linhas de pesquisa e novas vias epistemológicas e metodológicas.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que a naturalização de leituras engessadas sobre feminilidades e masculinidades nega outras possibilidades de ser e fazer o gênero e apaga as dimensões sócio-históricas que as constituem e seus impactos sociais são negligenciados. Assim, os movimentos sociais, a academia e as políticas públicas voltam suas atenções para esses esquemas heteronormativos que vão pautar modos de como ser homem e mulher em culturas ocidentais e seus efeitos nas relações consigo e com os pares.

A Psicologia, então é chamada nesse trabalho não apenas para falar desses fenômenos, mas para que possamos compreender em que contexto esses saberes são produzidos e como os dados gerados são disponibilizados para as(os) demais pesquisadoras(es).

A relação entre dos estudos em masculinidades e sobre homens com a pauta dos movimentos sociais e a consequente instituição de marcos legais, faz com que ao traçarmos um panorama desses campos acessemos não só do que temos produzido, mas do contexto em que se produz e do cenário podemos prospectar para essas produções.

Assim, como arremate da meta-análise proposta compreendemos que nas pesquisas realizadas pelos PPG/Psi homens seguem aparecendo com recorrência como representante de uma categoria universal que referencia o ser humano, mas também remete a uma categoria social que tem se redesenhado especialmente com a ascensão das discussões de gênero em espaços dentro e fora das universidades, bem como os estudos relacionados a eles parecem interessados em pensar a experiência de ser homem na vivência cotidiana, voltando, assim, seus interesses para aspectos microssociais. Por sua vez, as masculinidades parecem apontar lentes e fenômenos diferentemente possíveis de ler, narrar e significar as experiências e exercícios de ser homens nessa cultura. Em relação aos estudos em masculinidade(s), esses insistem em voltar-se para aspectos macrossociais como as dimensões que constroem homens nessa cultura.

Entendemos também que catálogos são registros fundamentais para o acesso ao que se produz e compreender que dados e de que modo como os catálogos apresentam as produções nos dá elementos para construirmos nossas representações sobre o que é científico e que produções ganham esse título.

Acreditamos que ao criarmos filtros catalográficos que considerem aspectos socioculturais possibilitaremos que futuras pesquisas sejam produzidas a partir de um diálogo mais afinado e estreito com as(os) interlocutoras(es) que chamamos para diálogo. Esse arranjo pode facilitar o aparecimento de produções que até então não tem tido tanta visibilidade, mas detém com forte contribuição para a instrumentalização de políticas públicas.

Em relação aos marcos históricos e legais, apesar da tentativa de alinhá-los aos picos e quedas na produção em masculinidades e sobre homens, entendemos que efeito nos estudos foi mais notado a partir de intervalos temporais, com crescimento nas produções nos cursos de Mestrado nos 5 últimos anos, momento em que essas discussões escapam da universidade e dos movimentos sociais passam a ter mais espaço na mídia como um todo. Contudo a queda de produção nos cursos de Doutorado, especialmente nos últimos dois anos, parece conectar-se ao cenário de ascensão de governos de direita e ao desaquecimento dos investimentos na produção científica³⁶. Ao que tudo indica, com o novo governo federal, sem qualquer constrangimento as ciências humanas e sociais seguirá se tornando alvo³⁷ dessas retiradas de investimento.

Buscamos fazer dessa pesquisa uma contribuição para produção de conhecimento em Psicologia, para o campo da Psicologia Social e para a formação do profissional de Psicologia o apontamento para o inevitável impacto social e político da Ciência, o poder de transformação social que a Ciência tem e deve exercer, e o interesse que se desenha, especialmente a partir dos critérios de avaliação da CAPES – inserção social, no norteamento da produção de conhecimento científico no país. Assim lançamos alguns desafios: (1) buscar a articulação entre saberes de diferentes áreas e programas, possibilitando diálogos por diferentes lentes e perspectivas que não necessariamente se excluem, mas se complementam; (2) inovar na forma de produzir e comunicar ciência, possibilitando a criatividade não só para desenvolver novos caminhos metodológicos, mas também criando outras formas de comunicar saberes; (3) produzir conhecimento através da coparticipação de sujeitos que estão fora do ambiente acadêmico, muitas vezes convidados a colaborar com a pesquisa, mas não são reconhecidos como construtoras(es) ativas(os) do que se produz; (4) atentar às necessidades e especificidades regionais na tentativa de articular o conhecimento produzido às demandas postas pela comunidade local; (5) internacionalizar a produção científica em busca de parcerias e novos olhares para as demandas locais, criando uma rede complexa e versátil para pensar e produzir ciência.

³⁶ Reportagem “Queda de investimentos é sentida nos programas de pesquisa”, de Regina Helena Santos, publicada no Jornal Cruzeiro do Sul, em 09/02/2018, disponível no endereço: <https://www2.jornalcruzeiro.com.br/materia/858868/queda-de-investimentos-e-sentida-nos-programas-de-pesquisa>

³⁷ Reportagem “MEC estuda reduzir investimento em faculdades de humanas, diz Bolsonaro”, de Nathan Lopes, publicada em 26/04/2019, disponível no endereço: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2019/04/26/bolsonaro-faculdades-humanas-investimento.htm>

REFERÊNCIAS

- Anzaldúa, G.. (1987). *Borderlands/La frontera: the new mestiza*. San Francisco: Spinsters/Aunt lute
- Arilha, M.. (1999). Masculinidades e gênero: discursos sobre responsabilidade na reprodução. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo
- Beauvoir, S.. (1999). *O segundo sexo: fatos e mito*. 10.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v.1.
- Belloni, M.. (2007). Infância, mídias e educação: revisitando o conceito de socialização. *Perspectiva*, 25(1), 57-82. doi:<https://doi.org/10.5007/%xBenedito>, Fabiana de Oliveira. (2019). Intrusas: uma reflexão sobre mulheres e meninas na ciência. *Ciência e Cultura*, 71(2), 06-09. <https://dx.doi.org/10.21800/2317-66602019000200003>
- Bourdieu, P.. (2002). *A dominação masculina*. 2.ed. Trad. de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Brandau R, Monteiro R, Braile D. M.. (2005). Importância do uso correto dos descritores nos artigos científicos. *Rev Bras Cir Cardiovasc.*;20(1):VII-IX.
- Brasil. Ministério Da Educação. Coordenação De Aperfeiçoamento De Pessoal De Nível Superior. (2017). Diretoria de Avaliação. Psicologia. Relatório Quadrienal de 2017. Recuperado em: 20 de dezembro de 2019, de http://www.capes.gov.br/images/documentos/Relatorios_quadrienal_2017/20122017-Psicologia_relatorio-de-avaliacao-2017_final.pdf
- Brasil. Ministério Da Educação. Coordenação De Aperfeiçoamento De Pessoal De Nível Superior. (2019). Documento da Área de Psicologia. Recuperado em: 20 de dezembro de 2019, de http://www.capes.gov.br/images/Documento_de_%C3%A1rea_2019/PSICOLOGIA.pdf.
- Butler, J.. (2003). *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Camino, L. & Ismael, E.. (2004). A Psicologia Social e seu papel ambíguo no estudo da violência e dos processos de exclusão social. In L. de Souza & Z. Araújo (Eds.), *Violência e práticas de exclusão* (pp. 43-56). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Carson, A. C.. (1995). Entrelaçando consensos: reflexões sobre a dimensão social da identidade de gênero da mulher. Recuperado em: 20 de julho de 2019, de <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1768>
- Chizzotti, A.. (1991). *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez.
- Colling, L.. (2015). *Que os outros sejam o normal: tensões entre movimento LGBT e ativismo queer*. Salvador: Edufba.
- Colling, L.. (2018). A emergência dos ativismos das dissidências sexuais e de gêneros no Brasil da atualidade. *Sala Preta*, 18(1), 152-167. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v18i1p152-167>
- Connell, R.. (1995). Políticas da masculinidade. *Educação & Realidade*, n.20, v.2, pp.185-206.

- Connell, R., & Messerschmidt, J.. (2013). Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, 21(1), 241-282. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>
- Dias, H., & Paiva, K.. (2009). Formação de competências gerenciais a partir de disciplinas de gestão no curso de enfermagem: percepções de alunos de uma universidade privada. *Revista Mineira de Enfermagem*, v. 13, n. 4, pp. 474-484.
- Ferreira, N. S. A.. (2002). As pesquisas denominadas "estado da arte". *Educação & Sociedade*, 23(79), 257-272. <https://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302002000300013>
- Figueiredo, D. B., Paranhos, R., Silva, J. A., Rocha, E. C., & Alves, D. P.. (2014). O que é, para que serve e como se faz uma meta-análise? *Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política*, 23(2), 205-228. doi:10.4322/tp.2014.018
- Geertz, C.. (1989). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan.
- Governo Do Estado Do Rio Grande Do Sul; Secretaria De Políticas Para Mulheres. (2014). *Manual para o uso não sexista da linguagem: o que bem se diz bem e entende*. Rio Grande do Sul: Secretaria de Comunicação e Inclusão Digital.
- Hilu L., & Gisi M. L.. (2011). Produção científica no Brasil: um comparativo entre universidades públicas e privadas. In: Anais do 10º Congresso Nacional de Educação. 1º Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação; 2011; Curitiba. Curitiba: Champagnat; 2011. pp. 5665-72.
- Jelin, E.. (2002). *Los trabajos de la memoria*. Madrid y Buenos Aires: Siglo XXI de España Editores y Siglo XXI de Argentina Editores.
- Jesus, J. G.. (2012). *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. 2. ed. Brasília, 42p. Recuperado em: 07 de julho de 2019, de https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989
- Junior, P. M. S.; Caetano, M.. (2018). Rodas de homens negros: masculinidades, mulheres e religião. Em M. Caetano & P. M. S. Junior (Org.) *De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina, pp. 190-211.
- Kimmel, M. S.. (1998). A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes Antropológicos*, 4(9), 103-117. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-71831998000200007>
- Lattanzio, F. F.. (2011). O lugar do gênero na psicanálise: da metapsicologia às novas formas de subjetivação. 195 folhas. Dissertação de Mestrado apresentado ao departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG. Belo Horizonte, Minas Gerais.
- Leite Filho, G. A., & Martins, G. A.. (2006). Relação orientador-orientando e suas influências na elaboração de teses e dissertações. *Revista de Administração de Empresas*, 46(spe), 99-109. <https://dx.doi.org/10.1590/S0034-75902006000500008>
- Lyra, J. L. L.. (1997). Paternidade adolescente: uma proposta de intervenção. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

- Louro, G.. (2000). Corpo, escola e identidade. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 25(2):59-76, jul./dez.
- Maccari, E. A., Martins, C. B., & Almeida, M. I. R.. (2015). Comparativo entre os sistemas de avaliação da Association to Advance Collegiate Schools of Business(Estados Unidos) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Brasil) e o seu uso pelos coordenadores de programas. *RBPG - Revista Brasileira de Pós-Graduação*, 12(27), 39-66. Recuperado em 12 de dezembro de 2019, de <http://ojs.rbpg.CAPES.gov.br/index.php/rbpg/article/view/564/pdf>
- Maheirie, K.. (2002). Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. *Interações*, Florianópolis, v. VII, n.13, pp. 31-44, jan.-jun.
- Maria Cintra da Silva, S., Marques Barbosa, F., Guimarães Pedro, L., & Carvalho Muniz, V.. (2014). Estudo sobre o "estado da arte" de um programa de pósgraduação em Psicologia. *Psicologia em Revista*, 20(2), 418-426. <https://dx.doi.org/DOI-10.5752/P.1678-9523.2014v20n2p278>
- Martin-Baró, I.. (1996). O papel do psicólogo. *Estudos de Psicologia*, 2, 7-27. Martins, L. M. (2001). Análise sócio-histórica do processo de personalização de professores. Tese de Doutorado. Unesp-Marília, São Paulo.
- Medrado, B.. (1997). O masculino na mídia: repertórios sobre masculinidades na propaganda televisiva brasileira. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.
- Mello, L. & Gonçalves, E.. (2012). Diferença e interseccionalidade: notas para pensar práticas em saúde. *Cronos*, [S.l.], v. 11, n. 2, nov. ISSN 1982-5560. Recuperado em: 20 de julho de 2016, de <http://www.periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/2157>
- Melo, M. V.. (2006). Três décadas de pesquisa em educação matemática: um estudo histórico a partir de teses e dissertações. 2006. 273 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Minayo, M. C. S.. (2005). Laços perigosos entre machismo e violência. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10(1), 23-26. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232005000100005>
- Minayo, M. C. S. & Sanches, O.. (1993). Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? In: *Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro: vol.9, n.3, pp.239-262, jul/set.
- Miranda, G. R., & Nascimento, A. R. A.. (2018). Masculinidades em trânsito: processos identitários de motoboys em Belo Horizonte - MG. *Temas em Psicologia*, 26(2), 637-651. <https://dx.doi.org/10.9788/TP2018.2-05Pt>
- Montero, M., & Montenegro, M.. (2006). Critical psychology in Venezuela. *Annual Review of Critical Psychology*, 5, 257-268.
- Moritz, G. de O., Pereira, M. F., Moritz, M. O., & Maccari, E. A.. (2013). A Pós-Graduação brasileira: evolução e principais desafios no ambiente de cenários prospectivos. *Future Studies Research Journal: Trends and Strategies*, 5(2), 03–34.
- Nascimento, A. R. A.; Gianordoli-Nascimento, I. F.. (2012). Relações de Gênero. In: Deslandes, K.; Lourenço, E. (Org.). *Por uma cultura dos Direitos Humanos na Escola: princípios, meios e fins*. 1ed. Belo Horizonte: Fino Traço, pp. 91-102.

- Nascimento, M.. (2018). Essa história de ser homem: reflexões afetivo-políticas sobre masculinidades. Em M. Caetano & P. M. S. Junior (Org.) *De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina, pp. 16-27.
- Oliveira, F. F.. (2018a). Entrelaçando masculinidades e juventudes no Portal de Periódicos CAPES entre 2000 e 2017. 99 folhas. Dissertação de Mestrado apresentado Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe, UFSE. São Cristóvão, Sergipe.
- Oliveira, M. R. G.. (2018b). Seguindo os passos “delicados” de gays afeminados, viados e bichas pretas no Brasil. Em M. Caetano & P. M. S. Junior (Org.) *De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina, pp. 127-145.
- Paulilo, M. A. S.. (1999). A pesquisa qualitativa e a história de vida. In: *Serviço Social em Revista*, vol.2, n.1. Recuperado em 26 de junho de 2018, de http://www.ssrevista.uel.br/c_v2n1_pesquisa.htm
- Pereira, E. G. B.; Brito, L. T.. (2018). Meninos de verdade: discursos de masculinidades na educação física infantil. Em M. Caetano & P. M. S. Junior (Org.) *De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina, pp. 212-227.
- Perucchi, J.. (2009). Dos estudos de gênero às teorias Queer: Desdobramentos do feminismo e do movimento LGBT na psicologia social. In Anais do XV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social (pp. 1-5). Maceió, AL: Associação Brasileira de Psicologia Social.
- Prado, M. A. M.; Machado, F. V.. (2008). *Preconceito Contra Homossexualidades - A Hierarquia da Invisibilidade*. São Paulo: Editora Cortez.
- Rabelo, A.. (2009). Sendo o que se pode ser: vivência do preconceito, ocultamento e construção da identidade para homens homoafetivos. 145 folhas. Dissertação de Mestrado apresentado ao departamento de Psicologia da Faculdade Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG. Belo Horizonte, Minas Gerais.
- Roscoe, D. D., & Jenkins, S.. (2005). A Meta-Analysis of Campaign Contributions' Impact on Roll Call Voting. *Social Science Quarterly*, Vol. 86, n. 1.
- Ribeiro, D.. (2017). *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte (MG): Letramento; Justificando, 112p.
- Rios, L. F.. (2011). A prática psicológica e a sexualidade como categoria de subjetivação. In: Conselho Federal de Psicologia. (Org.). *Psicologia e Diversidade Sexual: desafios para uma sociedade de direitos*. 1ed.Brasília: Conselho Federal de Psicologia, pp. 27-40.
- Saffioti, H.. (2004). *Gênero, Patriarcado e Violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- Santos, L. C., Carvalho, A. B., Amaral, J. G., Borges, L. A., & Mayorga, C.. (2016). Gênero, Feminismo E Psicologia Social No Brasil: Análise Da Revista Psicologia & Sociedade (1996-2010). *Psicologia & Sociedade*, 28(3), 589-603. <https://dx.doi.org/10.1590/1807-03102016v28n3p589>
- Scott, J.. (1990). Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica. Traduzido pela SOS: *Corpo e Cidadania*. Recife.

- Silva, S. G.. (2000). Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 20(3), 8-15. <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932000000300003>
- Silva, J. R. T.. (2014). Masculinidade e violência: formação da identidade masculina e compreensão da violência praticada pelo homem. In: 18º REDOR Perspectivas Feministas de Gênero: Desafios no campo da militância e das práticas. 2802-2817. Recuperado em 09 de julho de 2019, de <http://www.ufpb.br/evento/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/686/808>
- Silva, T. T.. (2011). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Sousa, A. M.. (2009). Síndrome da Alienação Parental: análise de um tema em evidência. Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.
- Teixeira, A. E.. (2003). Territórios homoeróticos em Belo Horizonte: um estudo sobre as interações sociais nos espaços urbanos. Dissertação de Mestrado apresentado ao departamento de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica – Minas Gerais, PUC-MG. Belo Horizonte.
- Tebaldi, E., & Ferreira, V.. (2004). Comportamento no trânsito e causas da agressividade. *Revista de Psicologia da UnC*, 2(1), pp. 15-22.
- Toneli, M. J. F., & Becker, S.. (2010). A violência normativa e os processos de subjetivação: contribuições para o debate a partir de Judith Butler. In: Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 9. 2010, Florianópolis. *Anais*. Florianópolis: UFSC, pp. 1-8.
- Trindade, Z. A.. (1991). As representações sociais da paternidade e da maternidade: implicações no processo de aconselhamento genético (tese de Doutorado). São Paulo: IPUSP.
- Trindade, Z. A.; Nascimento, A. R. A.. (2004). O homossexual e a homofobia na construção da masculinidade hegemônica. Em L. Souza & Z. A. Trindade (Org.). *Violência e exclusão: convivendo com paradoxos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, pp. 146-162.
- Vieira, L. L. F.. (2009). As múltiplas faces da homossexualidade na obra freudiana. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 9(2), 487-525. Recuperado em 14 de dezembro de 2019, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000200006&lng=pt&tlng=pt.
- West, R.. (2000). *Género y teoría del Derecho*. Siglo del Hombre Editores. Facultad de Derecho de la Universidad de los Andes, Ediciones Uniandes, Instituto Pensar.
- Zaidan, S., Caldeira, A. M. S., Oliveira, B. J., & Silva, P. G. C.. (2011). Pós-Graduação, saberes e formação docente: uma análise das repercussões dos cursos de mestrado e doutorado na prática pedagógica de egressos do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UFMG (1977-2006). *Educação em Revista*, 27(1), 129-160. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982011000100007>

ANEXO 1

TRATAMENTO DE DADOS – Estudo 1 - Pesquisas em masculinidade(s)

Realizamos a coleta de dados de estudos em masculinidade(s) produzidos pelos Programas de Pós-Graduação de Psicologia (PPG/Psi) entre os anos de 1994 e 2018 disponibilizados no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.

Considerando que os dados disponíveis no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES passam a ganhar maior detalhamento a partir do ano de 2013 e que os dados sobre pesquisas em masculinidade(s) não são tão numerosos quanto pesquisas sobre homens, decidimos: coletar todos os dados de pesquisas em masculinidade(s), entre os anos de 1994 e 2018, 135 produções.

Os dados serão apresentados ao longo de 15 categorias apresentadas em ordem alfabética, sendo elas: presença de anexo disponível para download; área de concentração; buscadores; composição da banca; distribuição de bolsas; expectativa de atuação; gestão; instituições de ensino superior; linhas de pesquisa; palavras-chave; produção/ano; programa; região; sexo; vínculo empregatício

Para fins de organização dos dados, esses serão apresentados em ordem decrescente e os valores em % foram arredondados considerando uma casa decimal.

Descrição e análise de dados a partir dos seguintes buscadores: MASCULINIDADE e MASCULINIDADES:

PRESENÇA DE ANEXO DISPONÍVEL PARA DOWNLOAD

Até a data da coleta dos dados, dia 30/07/2019, dos 135 trabalhos em masculinidade(s), 84 (62%) deles foram realizados antes de 2013 quando esses dados não eram contabilizados. Considerando os dados disponíveis a partir de 2013, 38 trabalhos (75%) estão disponibilizados para download e 13 (25%) não estão.

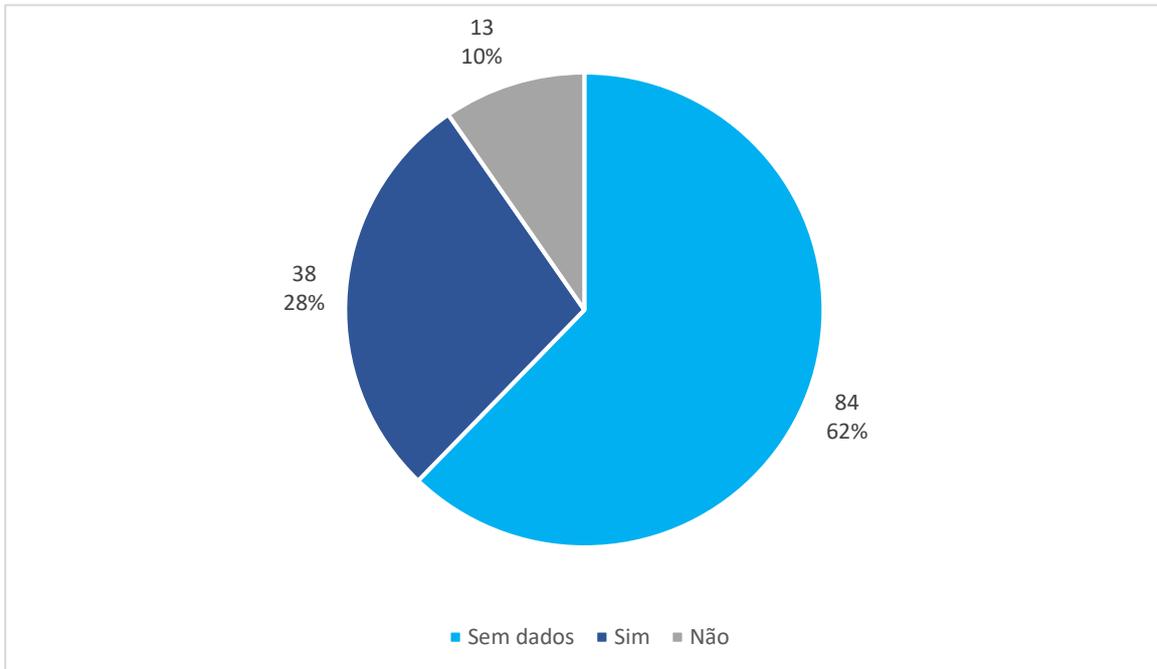


Figura 10. Disponibilidade de trabalhos com anexo para download entre 1994 e 2018.

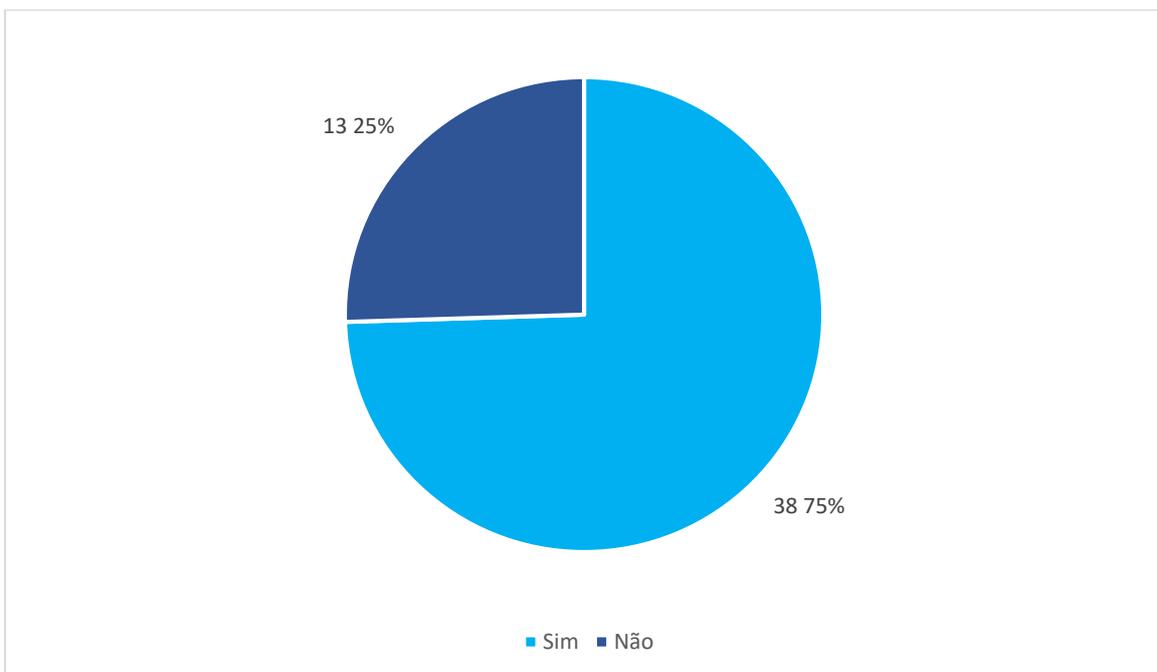


Figura 11. Disponibilidade de trabalhos com anexo para download entre 2013 e 2018.

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO

Em relação às áreas de concentração, dos 135 trabalhos em masculinidade(s), 84 (62%) deles foram realizados antes de 2013 quando esses dados não eram contabilizados. Depois de 2013, dos 51 trabalhos (38%), duas áreas se destacam, 21 trabalhos (16%) foram realizados na área de PSICOLOGIA e 9 (7%) na área de PSICOLOGIA SOCIAL.

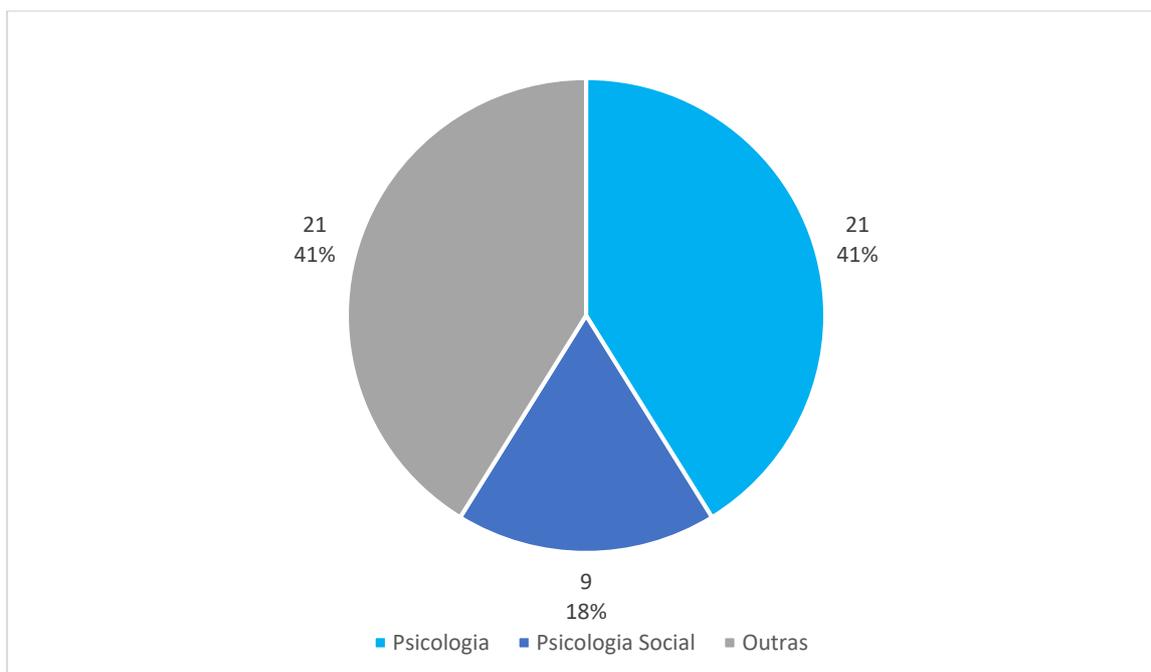


Figura 12. Área de concentração a qual os trabalhos desse estudo pertencem.

BUSCADORES

Dos 135 trabalhos, 84 (62%) foram realizados até o ano de 2012 e traziam o buscador no título, o que não significa o resumo e as palavras-chave desses trabalhos não apresentem esse buscador, só não temos acesso pelo catálogo. Desses trabalhos, 56 (41%) são produzidos por pesquisadoras e 28 (21%) por pesquisadores. Os demais 51 trabalhos (38%) traziam o buscador no resumo ou na palavra-chave também, sendo 28 (21%) produzidos por pesquisadoras e 23 (17%) por pesquisadores.

Dos 84 trabalhos que traziam o buscador MASCULINIDADE e/ou MASCULINIDADES sem qualquer referência ao buscador HOMEM, 54 deles os traziam no título (39 trabalhos foram produzidos por pesquisadoras e 15 por pesquisadores. Outros 30 trabalhos traziam os buscadores no resumo ou palavra-chave (18 trabalhos foram produzidos por pesquisadoras e 12 por pesquisadores.).

Dos 51 trabalhos que traziam o buscador MASCULINIDADE e/ou MASCULINIDADES e também o buscador HOMEM, 30 produções traziam os buscadores no título (17 produzidos por pesquisadoras e 13 produzidos por pesquisadores) e 21 (10 produzidos por pesquisadoras e 11 produzidos por pesquisadores) no resumo e/ou palavra-chave.

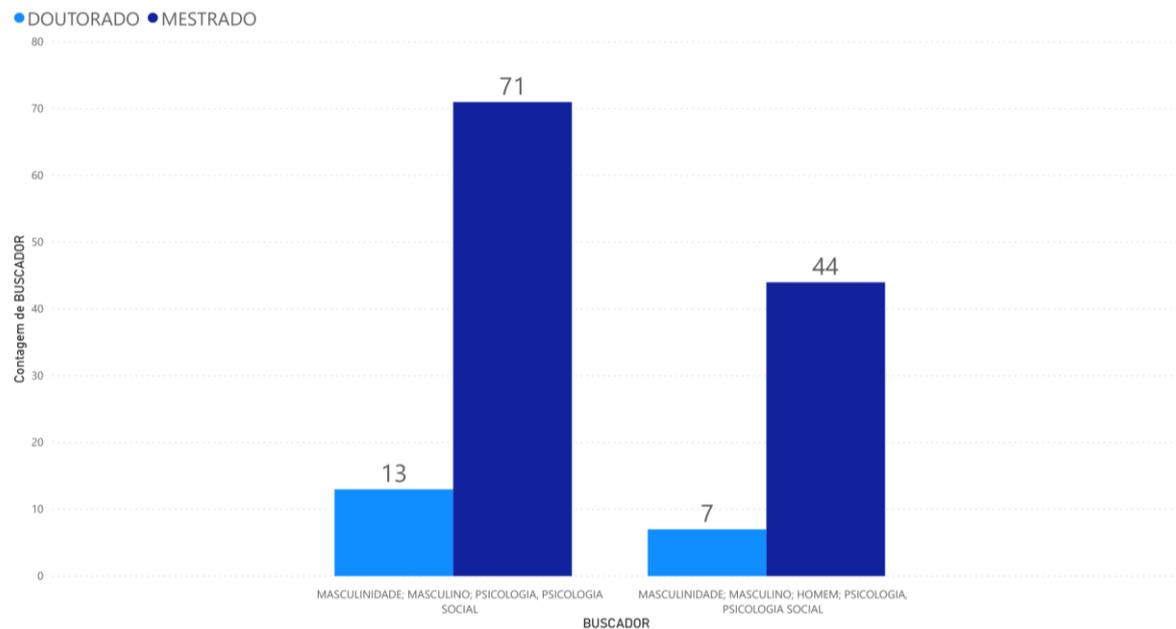


Figura 13. Termo utilizado como buscador por tipo de curso de Pós-Graduação.

Dos 135 trabalhos em masculinidade(s), 84 (62%) foram realizados entre os anos de 1994 e 2012 e apresentam informações que nos permitem acessar apenas os buscadores presentes no TÍTULO. Dos 51 trabalhos que constam dados relacionados a RESUMO e PALAVRAS-CHAVE, entre os anos de 2013 e 2018, 27 trabalhos (20%) apresentam os buscadores nos TÍTULOS, RESUMOS e PALAVRAS-CHAVE, 14 trabalhos (10%) apresentaram os buscadores nos RESUMOS; 5 trabalhos (4%) apresentaram os buscadores no RESUMO e nas PALAVRAS-CHAVE e outros 5 trabalhos (4%) apresentaram os buscadores no TÍTULO e no RESUMO.

Em relação à presença dos buscadores nos trabalhos de Mestrado, 59% das produções apresentam os buscadores no título, resumo e palavras-chave. Já nas pesquisas de Doutorado, 33% dos trabalhos realizados entre 2013 e 2018 apresentaram os buscadores no título, resumo e palavras-chave e outros 33% no resumo.

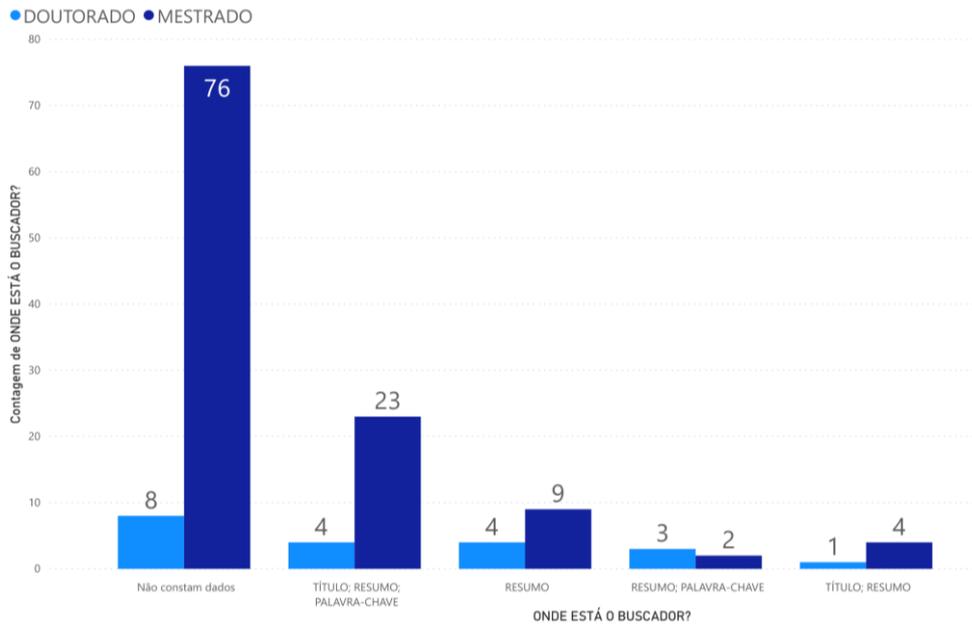


Figura 14. Localização do buscador por curso de Pós-Graduação.

COMPOSIÇÃO DA BANCA

Dos 135 trabalhos em masculinidade(s), 84 (62%) foram realizados antes de 2013, portanto, não apresentam essas informações. Dos 51 trabalhos que constam dados relacionados à composição de banca entre os anos de 2013 e 2018, 21 (41%) deles contaram com Orientador(a), Docente Interno e Participante Externo.

Desses 51 trabalhos, 44 (86%) contaram com a presença do(a) orientador(a) na banca, sendo desses 8 de Minas Gerais, 6 de São Paulo, 5 do Espírito Santo e 5 de Pernambuco; já 7 trabalhos (14%) não contaram com a presença do orientador na banca, sendo desses 3 do Rio Grande do Sul. Notamos 7% a mais de ausência de orientadoras(es) em banca de pesquisadoras que de pesquisadores, tal discrepância acompanha a diferença na participação de pesquisadoras e pesquisadores nos PPG/Psi.

Tabela 2

Contagem relacionada a presença de orientador(a) na banca ao longo dos anos

ANO	N	Não constam dados	S	Total
1994			1	1
1995			1	1
1996			3	3
1997			8	8
1998			1	1
1999			3	3
2000			4	4
2001			1	1
2002			7	7
2003			4	4
2004			4	4
2005			3	3
2006			7	7
2007			6	6
2008			7	7
2009			7	7
2010			6	6
2011			7	7
2012			4	4
2013			5	5
2014	1		8	9
2015	3		5	8
2016	1		5	6
2017	1		11	12
2018	1		10	11
Total	7		84 44	135

Tabela 3

Contagem relacionada a presença de orientadoras(es) na banca ao longo por estado

ESTADO	N	Não constam dados	S	Total
BAHIA			1	1
BRASILIA			1	1
CEARÁ			4 4	8
DISTRITO FEDERAL			6 1	7
ESPIRITO SANTO	1		5 5	11
MATO GROSSO DO SUL			1	1
MINAS GERAIS	1		5 8	14
PARÁ			1 1	2
PARAÍBA			1 1	2
PARANÁ	1		2	3
PERNAMBUCO			5 5	10
RIO DE JANEIRO			15 2	17
RIO GRANDE DO NORTE			1	1
RIO GRANDE DO SUL	3		12	15
RONDÔNIA			2	2
SANTA CATARINA			7 3	10
SÃO PAULO	1		22 6	29
SERGIPE			1	1
Total	7		84 44	135

Tabela 4

Contagem relacionada a presença de orientadoras(es) na banca ao longo por sexo

"SEXO"	N	Não constam dados	S	Total
F	4	56	24	84
M	3	28	20	51
Total	7	84	44	135

Dos 20 trabalhos de Doutorado, 8 (40%) foram realizados antes de 2013. Considerando os 12 trabalhos (60%) realizados a partir de 2013, constatamos que 1/3 não contou com a presença do orientador na banca.

Dos 115 trabalhos de Mestrado, 76 (66%) foram realizados antes de 2013. Considerando os 39 trabalhos (34%) realizados a partir de 2013, constatamos que apenas 10% não contou com a presença do orientador na banca.

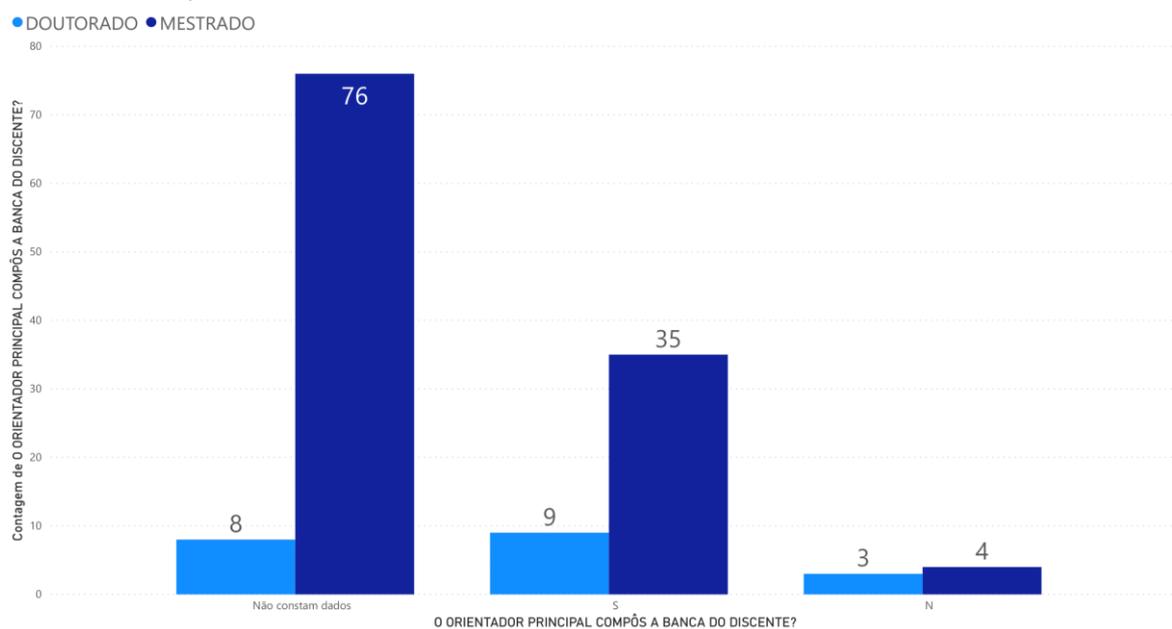


Figura 15. Presença de orientadoras(es) na banca em cursos de Pós-Graduação.

DISTRIBUIÇÃO DE BOLSAS

Dos 135 trabalhos em masculinidade(s), 84 (62%) deles foram realizados antes de 2013 quando esses dados não eram contabilizados. Depois de 2013, 37 (73%) foram realizados sem bolsa e 14 (27%) com bolsa.

A CAPES é responsável por 69% das bolsas e o CNPq por 15% sendo as demais distribuídas por fundos estaduais.

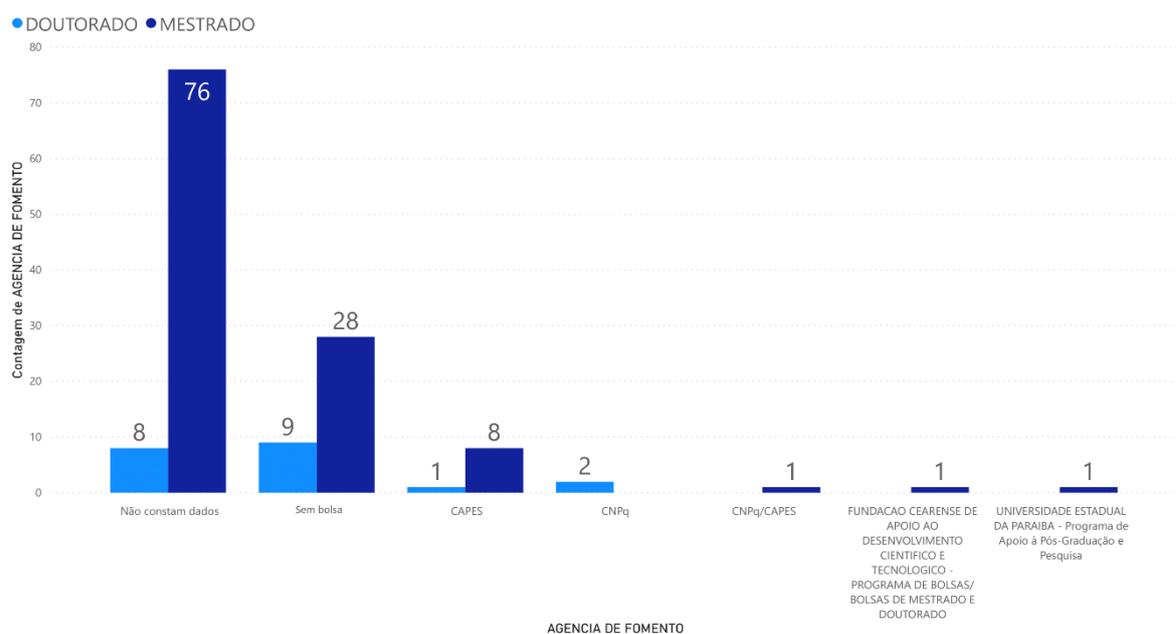


Figura 16. Distribuição de bolsas por agências de fomento em cursos de Pós-Graduação.

Notamos que, apesar do número de pesquisadoras superar o de pesquisadores, eles recebem 15% mais bolsas.

A distribuição de bolsas quadruplicou do ano de 2013 para 2018 passando de 1 para 4 e tendo como duração média o período de 24 meses.

Os estados de São Paulo, Espírito Santo e Minas Gerais são líderes no recebimento de bolsas, detendo os três estados 8 das 14 bolsas oferecidas.

Sobre a participação das agências de fomento no Doutorado, 3 trabalhos (15%) foram realizados por pesquisadoras(es) bolsistas com duração média de 44 meses. Já no Mestrado, 10% dos trabalhos foram realizados tendo suporte de alguma agencia de fomento com duração média de 21 meses.

EXPECTATIVA DE ATUAÇÃO

Das(os) 51 pesquisadoras(es) em masculinidade(s), 23 (45%) não responderam sobre suas expectativas de atuação ao finalizar a Pós-Graduação, sendo sua maioria de Minas Gerais, São Paulo, Pernambuco, Ceará e Rio Grande do Sul, correspondendo a 83% do total.

Das(os) 51 pesquisadoras(es) em masculinidade(s), 20 (39%) responderam ter interesse em seguir atuando no campo de ENSINO E PESQUISA, sendo sua maioria são do Espírito Santo, Minas Gerais, Ceará e Rio de Janeiro, correspondendo a 60% do total.

Das(os) 51 pesquisadoras(es) em masculinidade(s), 01 (2%) pesquisador do Paraná respondeu ter interesse em seguir atuando no apenas no campo da PESQUISA.

Pesquisadoras demonstram três vezes mais interesse em seguir sua carreira no campo de ENSINO E PESQUISA que pesquisadores.

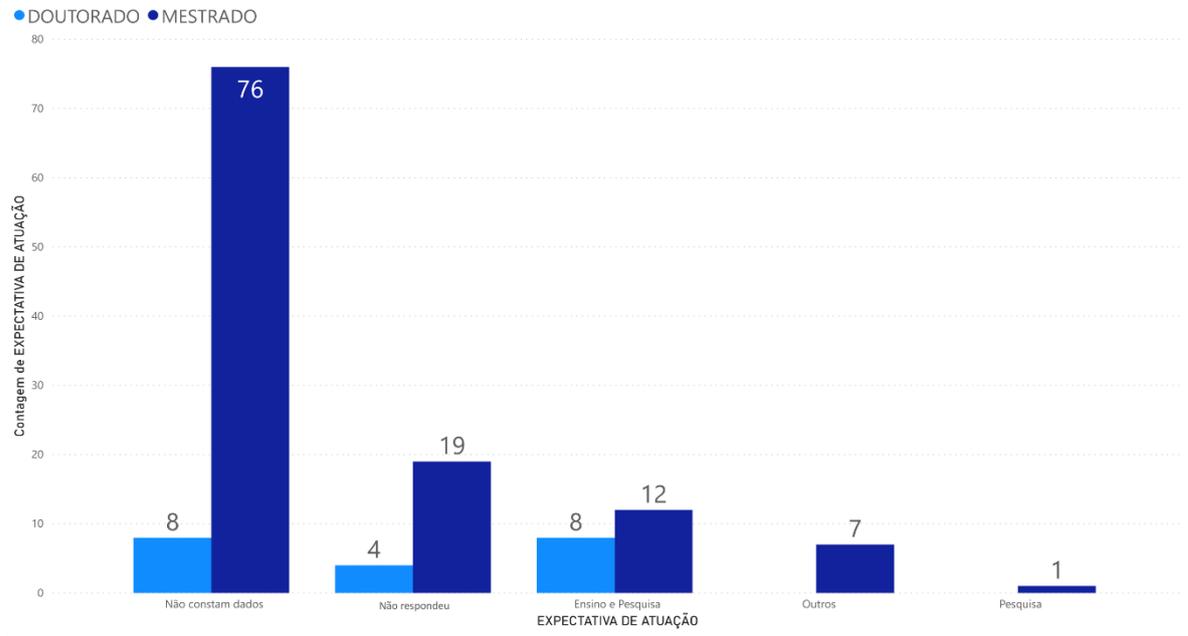


Figura 17. Expectativa de atuação após a formação em cursos de Pós-Graduação.

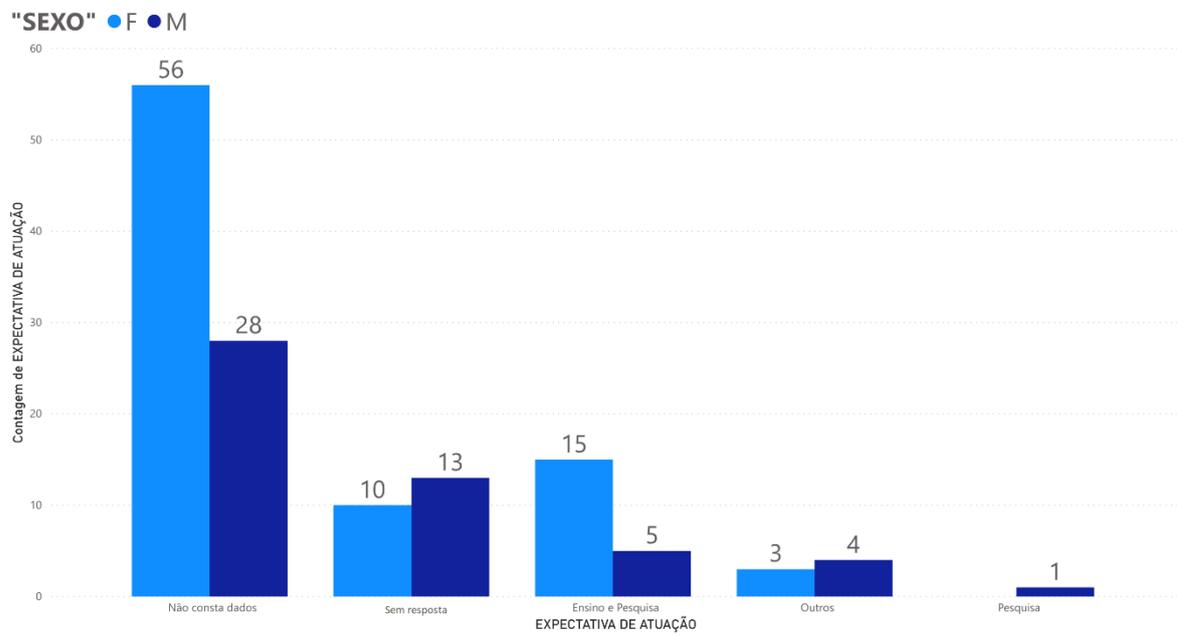


Figura 18. Expectativa de atuação após a formação por sexo.

Tabela 5

Expectativa de atuação distribuída por estado

Nota. X refere-se a pesquisadoras(es) que não responderam.

ESTADO	Ensino e Pesquisa	Não consta dados	Outros	Pesquisa X	Total
SÃO PAULO	1	22		6	29
RIO DE JANEIRO	2	15			17
RIO GRANDE DO SUL	1	12		2	15
MINAS GERAIS	3	5		6	14
ESPIRITO SANTO	5	5		1	11
PERNAMBUCO	1	5	1	3	10
SANTA CATARINA	1	7	1	1	10
CEARÁ	2	4		2	8
DISTRITO FEDERAL		6		1	7
PARANÁ	1		1	1	3
PARÁ		1	1		2
PARAÍBA		1		1	2
RONDÔNIA			2		2
BAHIA	1				1
BRASILIA		1			1
MATO GROSSO DO SUL			1		1
RIO GRANDE DO NORTE	1				1
SERGIPE	1				1
Total	20	84	7	1 23	135

GESTÃO PÚBLICA/PRIVADA

As Instituições de Ensino Superior (IES) Públicas são responsáveis por 69% das produções contra 31% em IES Privadas.

Os estados de São Paulo (36%), Rio de Janeiro (21%), Rio Grande do Sul (19%) e Ceará (17%) detém 93% das produções em IES Privadas.

Os estados de São Paulo (15%), Minas Gerais (14%), Pernambuco (12%), Santa Catarina (12%) e Espírito Santo (11%) detém 64% das produções em IES Públicas. Pesquisadoras em masculinidade(s) estão 14% mais presentes em IES Publicas e 11% mais presentes em IES Privadas que pesquisadores.

Dos 20 trabalhos de Doutorado, 85% foram realizados em IES Públicas já os demais 15% foram em IES privadas.

Dos 115 trabalhos de Mestrado, 66% foram realizados em IES Públicas já os demais 34% foram em IES Privadas.

Tabela 6

Distribuição dos tipos de gestão ao longo dos anos

ANO	PRIVADA	PÚBLICA	Total
1994	1		1
1995	1		1
1996	2	1	3
1997	7	1	8
1998	1		1
1999	3		3
2000	1	3	4
2001	1		1
2002	4	3	7
2003		4	4
2004	2	2	4
2005		3	3
2006	1	6	7
2007	2	4	6
2008		7	7
2009	2	5	7
2010	2	4	6
2011	1	6	7
2012	2	2	4
2013		5	5
2014	4	5	9
2015	1	7	8
2016	1	5	6
2017	2	10	12
2018	1	10	11
Total	42	93	135

Tabela 7

Distribuição dos tipos de gestão por sexo

"SEXO"	PRIVADA	PÚBLICA	Total
F	27	57	84
M	15	36	51
Total	42	93	135

Tabela 8

Distribuição dos tipos de gestão por estado

ESTADO	PRIVADA	PÚBLICA	Total
BAHIA		1	1
BRASILIA	1		1
CEARÁ	7	1	8
DISTRITO FEDERAL		7	7
ESPIRITO SANTO		11	11
MATO GROSSO DO SUL	1		1
MINAS GERAIS	1	13	14
PARÁ		2	2
PARAÍBA		2	2
PARANÁ		3	3
PERNAMBUCO		10	10
RIO DE JANEIRO	9	8	17
RIO GRANDE DO NORTE		1	1
RIO GRANDE DO SUL	8	7	15
RONDÔNIA		2	2
SANTA CATARINA		10	10
SÃO PAULO	15	14	29
SERGIPE		1	1
Total	42	93	135

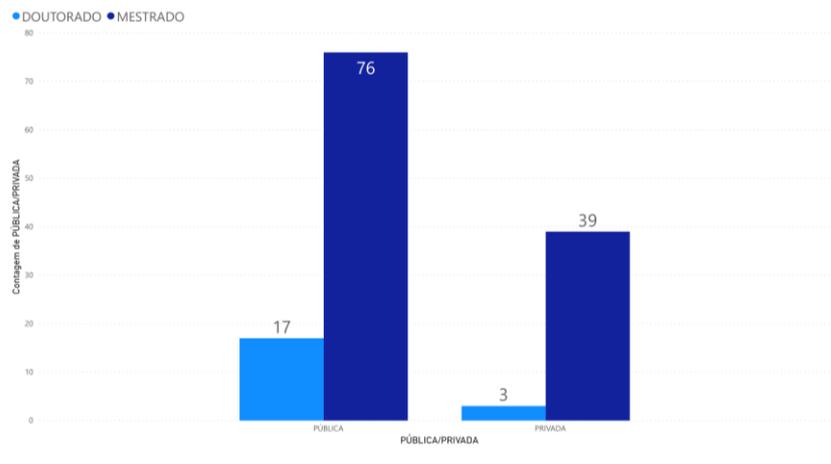


Figura 19. Tipo de gestão em cursos de Pós-Graduação.

INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR

As Instituições de Ensino Superior que lideram o ranking dos estudos em masculinidade(s) nos Programas de Pós-Graduação em Psicologia no Brasil são: a Universidade de São Paulo (USP), com 12 trabalhos; Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), com 11 trabalhos cada uma; a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com 10 trabalhos; a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com 9 trabalhos cada uma; a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) com 8 trabalhos. Assim, USP, UFMG, UFES, UFSC, PUC-SP, UFPE, PUC-RS contam ao todo com 70 trabalhos (51%).

Tabela 9

Distribuição de trabalhos em masculinidade(s) por IES

INSTITUIÇÃO DE ENSINO	DOUTORADO	MESTRADO	Total
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO	4	8	12
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS		11	11
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO	2	9	11
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA	1	9	10
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO	1	8	9
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO		9	9
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL	1	7	8
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA	2	5	7
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA		7	7
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO	1	5	6
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL	2	4	6
UNIVERSIDADE GAMA FILHO		6	6
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS	1	2	3
UNIVERSIDADE EST.PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/ASSIS		3	3
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO		2	2
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA		2	2
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ		2	2
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ		2	2
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO		2	2
UNIVERSIDADE SÃO MARCOS		2	2
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE PORTO ALEGRE		1	1
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS		1	1
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA		1	1
UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO		1	1
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO	1		1
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA		1	1
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ		1	1
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO	1		1
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	1		1
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA	1		1
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE		1	1
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ		1	1
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE	1		1
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO		1	1
UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA		1	1
Total	20	115	135

LINHAS DE PESQUISA

As linhas de pesquisa são campos teóricos que apontam a versatilidade de lentes e perspectivas dentro de uma mesma área do saber.

As 51 pesquisas em masculinidade(s) estão distribuídas em 36 linhas de pesquisa. Das 9 linhas de pesquisa de maior representatividade, a presença das pesquisadoras é 8% maior que a dos pesquisadores. As 9 linhas de pesquisa detém 47% dos estudos em masculinidade(s): PROCESSOS PSICOSSOCIAIS, com 5 pesquisas ou 10%; PROCESSOS PSICOSSOCIAIS, PODER E PRÁTICAS COLETIVAS, com 4 pesquisas ou 8%; CULTURA, MODERNIDADE E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO, com 3 pesquisas ou 6%; EPISTEMOLOGIA E PSICOLOGIA SOCIAL; POLÍTICA, PARTICIPAÇÃO SOCIAL E PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO; PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO, GÊNERO E DIVERSIDADES;

PSICOLOGIA E FAMÍLIA; PSICOLOGIA SOCIAL E SAÚDE; SAÚDE E PROCESSOS PSICOSSOCIAIS, com 2 pesquisas ou 4% cada.

Das linhas de pesquisa de maior representatividade 5 passam por transformações mais expressivas ao longo dos anos: a linha de PROCESSOS PSICOSSOCIAIS começa com dois trabalhos em 2013 e decresce até não ter trabalho algum sobre masculinidade(s) nessa linha em 2018; já a linha de PROCESSOS PSICOSSOCIAIS, PODER E PRÁTICAS COLETIVAS cresce até alcançar 2 estudos no ano de 2018; a linha de CULTURA, MODERNIDADE E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO após crescimento até 2015, passa por um período de queda não tendo quaisquer trabalhos nessa linha nos anos de 2016 a 2018; as linhas de SAÚDE E PROCESSOS PSICOSSOCIAIS e PSICOLOGIA E FAMÍLIA vem de um histórico desde 2013 de nenhuma pesquisa sobre masculinidade(s) nessa linha e recebem 2 pesquisas cada nos anos de 2017 e 2018 respectivamente.

Tabela 10

Distribuição de linhas de pesquisa ao longo dos anos

LINHA DE PESQUISA	2013	2014	2015	2016	2017	2018	Total
PROCESSOS PSICOSSOCIAIS	2	1		1	1		5
PROCESSOS PSICOSSOCIAIS, PODER E PRÁTICAS COLETIVAS		1		1		2	4
CULTURA, MODERNIDADE E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO	1		2				3
EPISTEMOLOGIA E PSICOLOGIA SOCIAL	1				1		2
POLÍTICA, PARTICIPAÇÃO SOCIAL E PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO	1	1					2
PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO, GÊNERO E DIVERSIDADES				1		1	2
PSICOLOGIA E FAMÍLIA						2	2
PSICOLOGIA SOCIAL E SAÚDE		1			1		2
SAÚDE E PROCESSOS PSICOSSOCIAIS					2		2
AMBIENTE, TRABALHO E CULTURA NAS ORGANIZAÇÕES SOCIAIS		1					1
COGNIÇÃO SOCIAL E DINÂMICAS INTERACIONAIS			1				1
CONCEITOS FUNDAMENTAIS EM PSICANÁLISE E INVESTIGAÇÕES NO CAMPO CLÍNICO E CULTURAL					1		1
CONTEMPORANEIDADE E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO						1	1
CONTEÚDOS E PROCESSOS PSICOSSOCIAIS DO COMPORTAMENTO HUMANO			1				1
DESENVOLVIMENTO HUMANO				1			1
DESENVOLVIMENTO SOCIAL E APLICAÇÕES			1				1
EDUCAÇÃO, TRABALHO E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE					1		1
ESTUDO CRÍTICO-EPISTEMOLÓGICO DAS CATEGORIAS ANALÍTICAS DA PSICOLOGIA SOCIAL				1			1
GÊNERO, GERAÇÕES E DIVERSIDADES						1	1
INSTRUMENTOS E PROCESSOS EM AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA			1				1
INTERVENÇÕES CLÍNICAS E SOCIAIS		1					1
POLÍTICAS PÚBLICAS, CULTURA E PRODUÇÕES SOCIAIS					1		1
POLÍTICAS PÚBLICAS, TRABALHO E PROCESSOS FORMATIVO-EDUCACIONAIS						1	1
PROCESSOS PSICOSSOCIAIS E DE SUBJETIVAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE					1		1
PROCESSOS PSICOSSOCIAIS E SAÚDE						1	1
PROCESSOS PSICOSSOCIAIS, SAÚDE E DESENVOLVIMENTO						1	1
PROCESSOS SOCIAIS E RELAÇÕES INTERGRUPAIS						1	1
PRODUÇÃO E EXPRESSÃO SOCIOCULTURAL DA SUBJETIVIDADE		1					1
PSICANÁLISE E CIVILIZAÇÃO					1		1
PSICANÁLISE: TEORIA E CLÍNICA				1			1
PSICOLOGIA DO TRÂNSITO: AVALIAÇÃO E PREVENÇÃO - PROJETO ISOLADO			1				1
PSICOLOGIA, PROCESSOS CULTURAIS E SUBJETIVAÇÃO			1				1
SAÚDE, DESENVOLVIMENTO E TRABALHO					1		1
SUBJETIVIDADE, CULTURA E PRÁTICAS CLÍNICAS		1					1
SUJEITO E CULTURA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA						1	1
Total	5	9	8	6	12	11	51

PALAVRAS-CHAVE

K KW	F	M	Total	KW	F	M	Total	KW	F	M	Total	KW	F	M	Total
Fotografia		1	1	Neoplasias		1	1	Transexualidade		1	1	Representação Social		1	1
Frentistas	1		1	Neurose obsessiva	1		1	Transexualidade masculina	1		1	Representações Sociais	1		1
FTM	1		1	Passagem ao Ato	1		1	Trânsito		1	1	Saúde Pública	1		1
Função Paterna	1		1	Pesquisa educacional		1	1	Trauma	1		1	Sexo		1	1
Futebol	1		1	Pesquisa fenomenológica	1		1	Travestis	1		1	Sistema prisional	1		1
Gêneros	1		1	Política de Saúde	1		1	Violência conjugal	1		1	Sobremortalidade masculina		1	1
Grupo reflexivo	1		1	Políticas públicas		1	1	Violência Doméstica	1		1	Symphony of Erotic Icons		1	1
Grupos focais	1		1	Postos de gasolina	1		1	Virilidade		1	1	Talento feminino	1		1
Hierarquia Moral		1	1	Práticas	1		1	Bebidas alcoólicas	1		1	Transsexuais	1		1
História		1	1	Práticas de autocuidado		1	1	Construcionismo Social		1	1	Transhomens		1	1
Identidade	1		1	Práticas Discursivas		1	1	Dinâmica da violência sexual		1	1	Traumatismo sexual	1		1
HIV		1	1	Processo transexualizador	1		1	Educação		1	1	Três Espiãs Demais	1		1
Homens		1	1	Profissionais de Saúde	1		1	Estética masculina	1		1	Violência contra a mulher	1		1
Homofobia		1	1	Promoção da saúde	1		1	Feminino	1		1	Violência sexual contra meninos		1	1
Hospital	1		1	Prostituição		1	1	Homem	1		1	Vulnerabilidade		1	1
Iconologia		1	1	Psicologia	1		1	Identidade-metamorfose-emancipação		1	1	Total	124	106	230
Identidade	1		1	Psicologia Discursiva		1	1	Infâncias desiguais	1		1				
Identidade de gênero		1	1	Psicologia Social Crítica		1	1	Infertilidade masculina	1		1				
Identidade masculina		1	1	Rede de atendimento		1	1	Maridos	1		1				
Identidades	1		1	Relações homodesejantes		1	1	Masculinidade hegemônica		1	1				
Infância		1	1	Representação social	1		1	Paternidade		1	1				
Interseccionalidade		1	1	Ruralidade	1		1	Paternidade Participativa		1	1				
Jovens	1		1	Saúde	1		1	PNAISH		1	1				
Jovens rurais	1		1	Saúde do Homem	1		1	Pornografia		1	1				
Juventudes	1		1	Saúde do Homens	1		1	Prostituição		1	1				
Literatura de revisão como assunto	1		1	Sentidos	1		1	Psicologia		1	1				
Machismo		1	1	Sistema Sexo/gênero		1	1	Psicologia Social		1	1				
Medidas socioeducativas	1		1	Subaltermidades		1	1	Qualidade de vida	1		1				
Mídia		1	1	Teoria dos discursos		1	1	Total	124	106	230				
Mídias Virtuais		1	1	Torcida organizada	1		1								
Morte	1		1	Total	124	106	230								
Mulher	1		1												
Mulheres	1		1												

As principais palavras-chave utilizadas por pesquisadoras(es) de Mestrado são GÊNERO, MASCULINIDADE, MASCULINIDADES, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, correspondem a 30 palavras do total de 178, representando 17%.

As principais palavras-chave utilizadas por pesquisadoras(es) de Doutorado são MASCULINIDADE, GÊNERO, MULHER TRANS, RELAÇÕES DE GÊNERO correspondem a 13 palavras do total de 52, representando 25%.

Tabela 12

Distribuição de Palavras-Chave em cursos de Pós-Graduação

KW	DOUTORADO	MESTRADO	Total
Gênero	3	9	12
Masculinidade	4	8	12
Masculinidades	1	9	10
Representações sociais	1	4	5
Masculinidade	2	2	4
Feminismo		3	3
Psicanálise	1	2	3
Corpo	1	2	3
Gênero		3	3
Psicanálise		3	3
Análise do Discurso		2	2
Desejo	1	1	2
Identidade social		2	2
Internet		2	2
Juventude		2	2
Mulheres trans	2		2
Performatividade	1	1	2
Psicologia social		2	2
Relações de gênero	2		2
Sexualidade		2	2
Subjetividade		2	2
Violência de Gênero		2	2
Homens		2	2
Violência	1	1	2
Alcoolismo		1	1
Abjeção		1	1
Abuso sexual infantil		1	1
Adolescências		1	1
Afeto	1		1
Agência		1	1
Agressor		1	1
Agressores	1		1
Alair Gomes		1	1
Amor	1		1
Total	52	178	230

As principais palavras-chave utilizadas por pesquisadores de instituições de ensino público são GÊNERO, MASCULINIDADE, 11% do total.

As principais palavras-chave utilizadas por pesquisadores de instituições de ensino privada são GÊNERO e MASCULINIDADES, 11% do total.

Tabela 13

Distribuição de Palavras-Chave por tipo de gestão de IES

KW	PRIVADA	PÚBLICA	Total
Gênero	2	10	12
Masculinidade	1	11	12
Masculinidades	2	8	10
Representações sociais		5	5
Masculinidade		4	4
Feminismo		3	3
Psicanálise		3	3
Corpo	1	2	3
Gênero		3	3
Psicanálise	1	2	3
Análise do Discurso		2	2
Desejo	1	1	2
Identidade social		2	2
Internet		2	2
Juventude		2	2
Mulheres trans		2	2
Performatividade		2	2
Psicologia social		2	2
Relações de gênero	1	1	2
Sexualidade	1	1	2
Subjetividade	1	1	2
Violência de Gênero	1	1	2
Homens		2	2
Violência		2	2
Alcoolismo		1	1
Abjeção		1	1
Abuso sexual infantil		1	1
Adolescências		1	1
Afeto		1	1
Agência		1	1
Agressor		1	1
Agressores		1	1
Alair Gomes	1		1
Amor		1	1
Análise da Experiência		1	1
Total	36	194	230

Na região Sudeste repete-se as palavras-chave MASCULINIDADE, GÊNERO, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS. Na região Nordeste repete-se as palavras-chave GÊNERO e MASCULINIDADES. Já na região Sul as seguintes palavras-chave se repetem: MASCULINIDADES, GÊNERO e MULHERES TRANS. Os trabalhos realizados nas regiões Norte e Centro-Oeste contam com o menor número de produções e as palavras-chave utilizadas não se repetem.

Tabela 14

Distribuição de Palavras-Chave por região do país

KW	2013	2014	2015	2016	2017	2018	Total
Gênero	2	4	1	2		3	12
Masculinidade	2	3	2	1	3	1	12
Masculinidades	1	1		2		6	10
Representações sociais	2		2	1			5
Masculinidade		1	1		1	1	4
Feminismo	1	1	1				3
Psicanálise				1	2		3
Corpo		1	1		1		3
Gênero			1	1		1	3
Psicanálise	1	1			1		3
Análise do Discurso		1				1	2
Desejo		1			1		2
Identidade social			1	1			2
Internet		1		1			2
Juventude						2	2
Mulheres trans			1		1		2
Performatividade				1		1	2
Psicologia social				1		1	2
Relações de gênero			2				2
Sexualidade	1	1					2
Subjetividade					2		2
Violência de Gênero						2	2
Homens				1		1	2
Violência			2				2
Alcoolismo					1		1
Abjeção					1		1
Abuso sexual infantil					1		1
Adolescências						1	1
Afeto					1		1
Agência	1						1
Agressor					1		1
Agressores			1				1
Alair Gomes					1		1
Amor	1						1
Total	27	36	32	28	53	54	230

PRODUÇÃO/ANO

Os estudos em masculinidade(s) vêm num crescente, tendo uma média de 5 pesquisas por ano. Contudo, só no ano de 2018 a produção foi duas vezes maior que a média, alcançado 11 trabalhos relacionados ao tema.

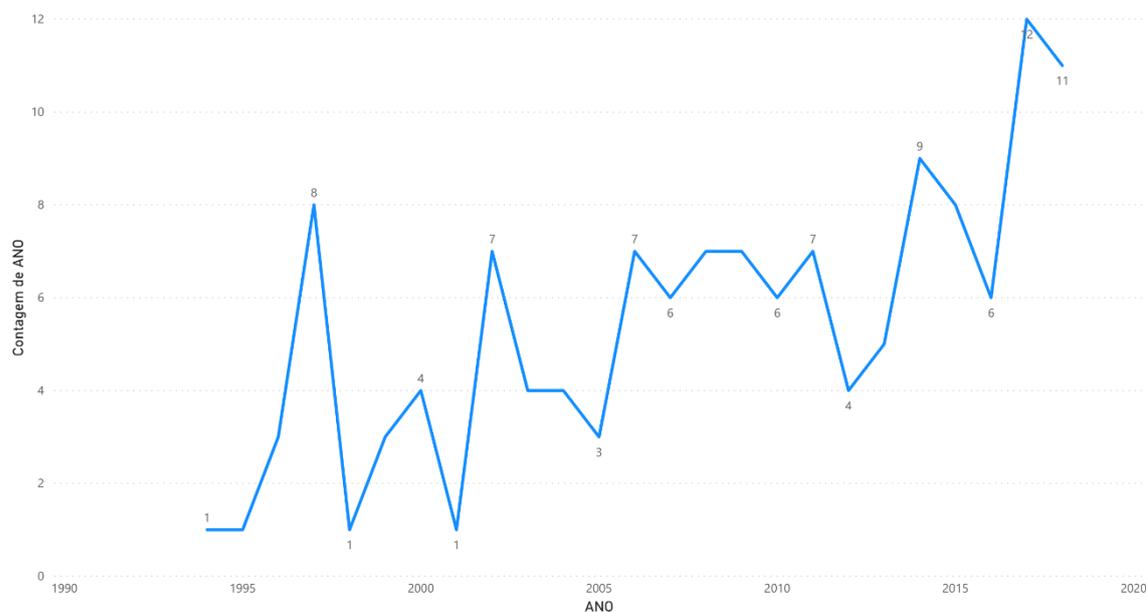


Figura 20. Distribuição de produções ao longo dos anos.

Temos um total de 135 trabalhos em masculinidade(s), desses 115 (85%) foram produzidos no Mestrado e 20 (15%) foram produzidos no Doutorado. Assim, existem cinco vezes mais produções de Mestrado que Doutorado relacionado ao tema. Contudo, não notamos reincidência de pesquisadoras(es) no nosso banco de dados. Isso nos leva a crer que nenhum(a) pesquisador(a) de Mestrado repetiu seus objetos de estudo no Doutorado.

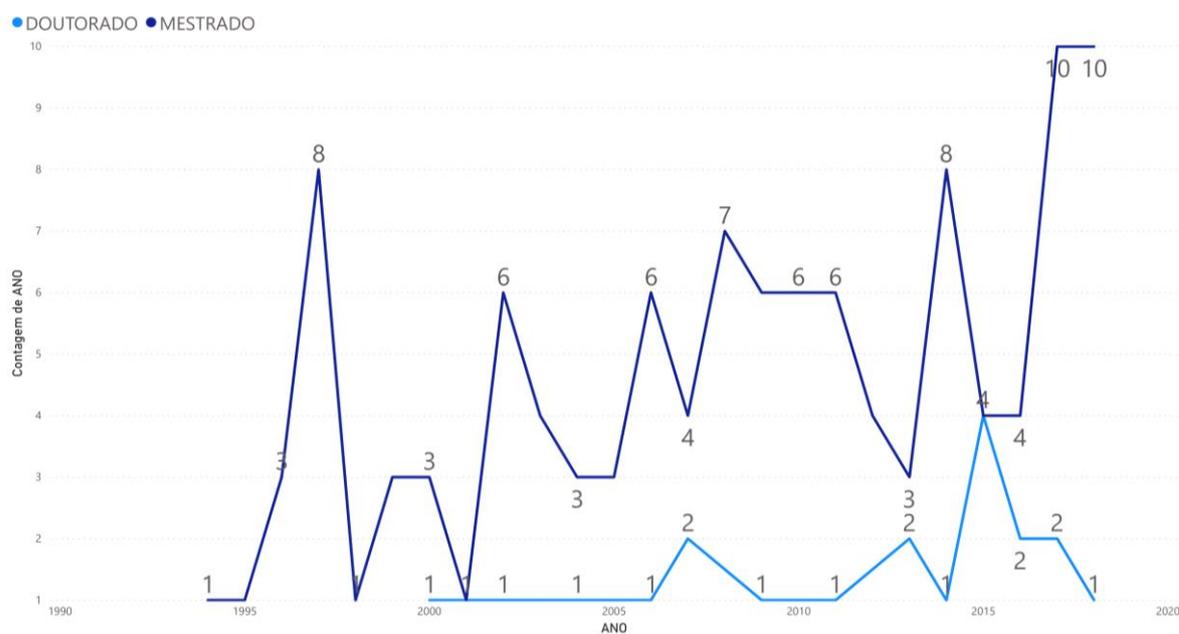


Figura 21. Distribuição de produções por tipo de curso de Pós-Graduação.

Dos 25 anos de pesquisa colhida, por 14 vezes o número de pesquisadoras no tema foi maior que o de pesquisadores e 4 vezes esse número esteve equiparado.

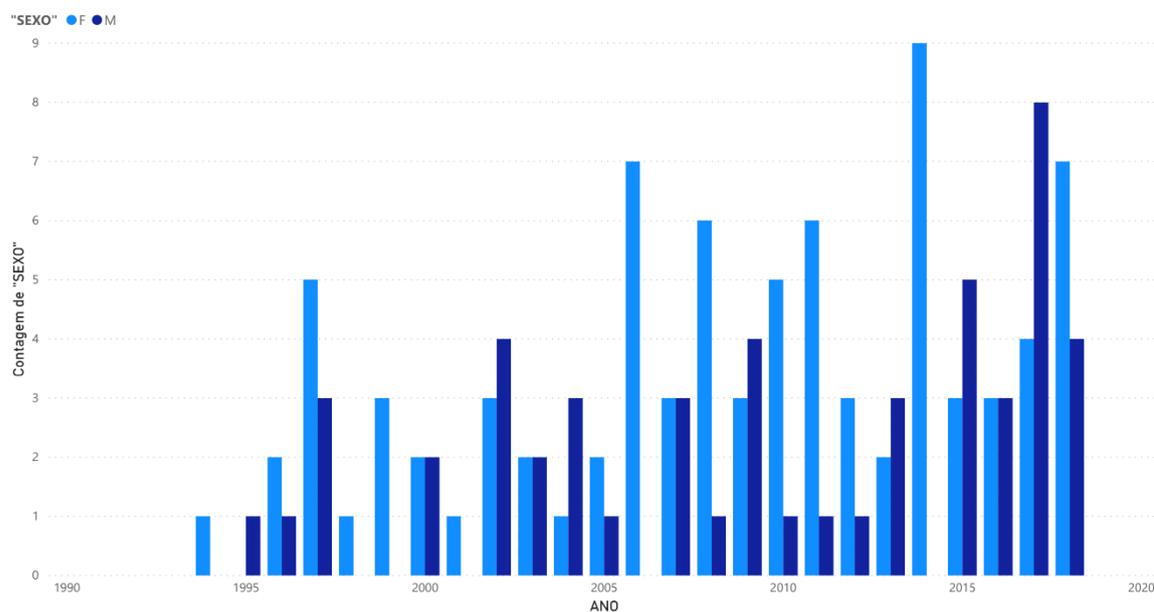


Figura 22. Distribuição de produções por sexo.

PROGRAMA

Os Programas de Pós-Graduação são identificados no filtro do Catálogo de Teses e Dissertações como a área do conhecimento. Os Programas de Pós-Graduação em PSICOLOGIA detêm 92 trabalhos em masculinidade(s) e os Programas de Pós-Graduação em PSICOLOGIA (PSICOLOGIA SOCIAL) detêm 15 trabalhos, sendo os líderes em programas sobre a temática responsáveis por 79% do total. Os demais trabalhos são de outros Programas como PSICOLOGIA (PSICOLOGIA CLÍNICA), PSICOLOGIA SOCIAL, etc.

Dos 20 trabalhos de Doutorado nos Programas de Pós-Graduação em Psicologia/Psicologia Social, 13 (65%) são realizados na área de PSICOLOGIA, tendo 20% dessa produção se realizado apenas no ano de 2015. Já dos 115 trabalhos de Mestrado, 92 trabalhos (80%) são realizados na área de PSICOLOGIA, tendo 20% dessa produção se realizado apenas nos anos de 2017 e 2018.

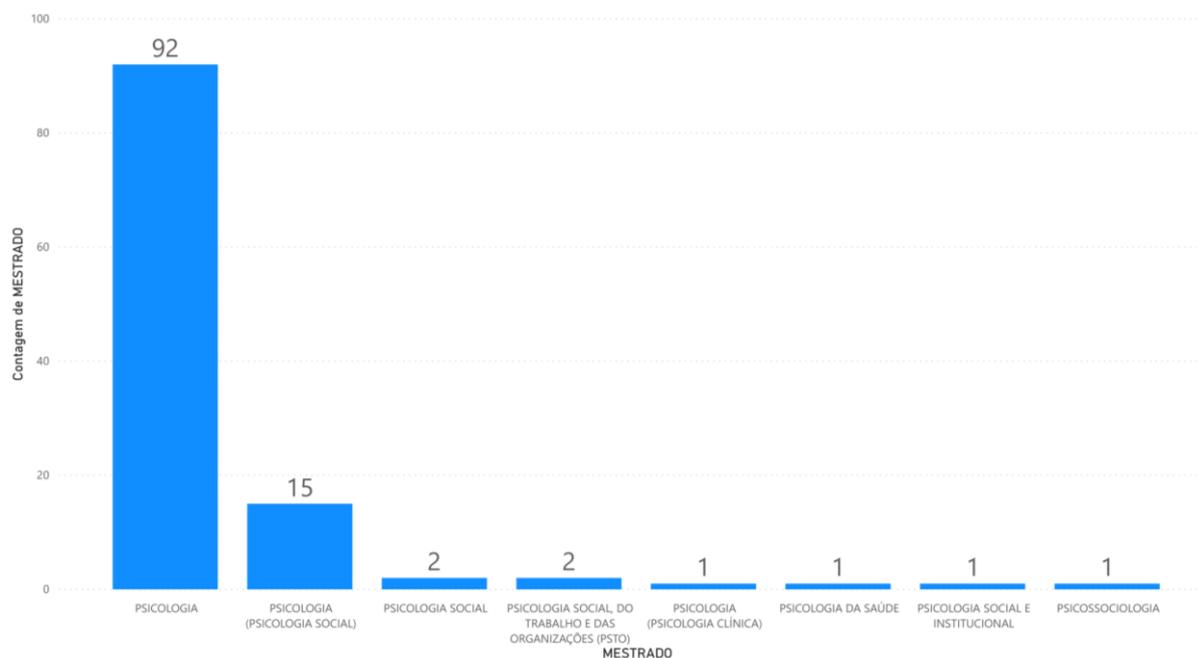


Figura 23. Áreas do conhecimento nos cursos de Mestrado.

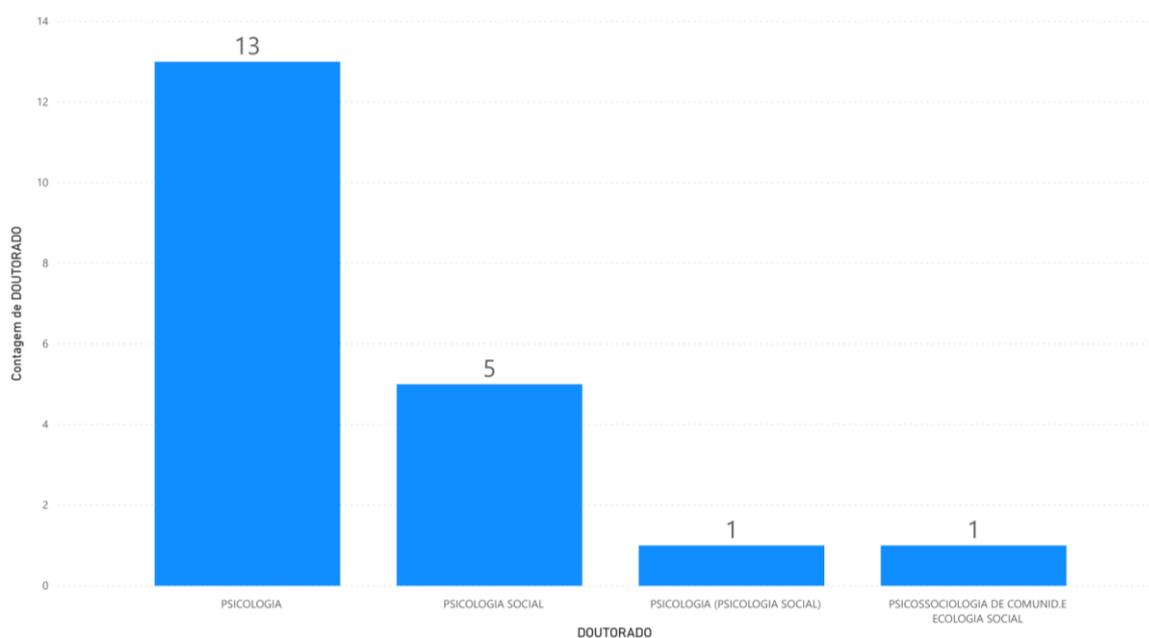


Figura 24. Áreas do conhecimento nos cursos de Doutorado.

REGIÃO

Das produções em Masculinidade(s), 53% se concentram na região Sudeste, 21% na região Sul, 17% na região Nordeste, 7% na região Centro-Oeste e 3% na região Norte.

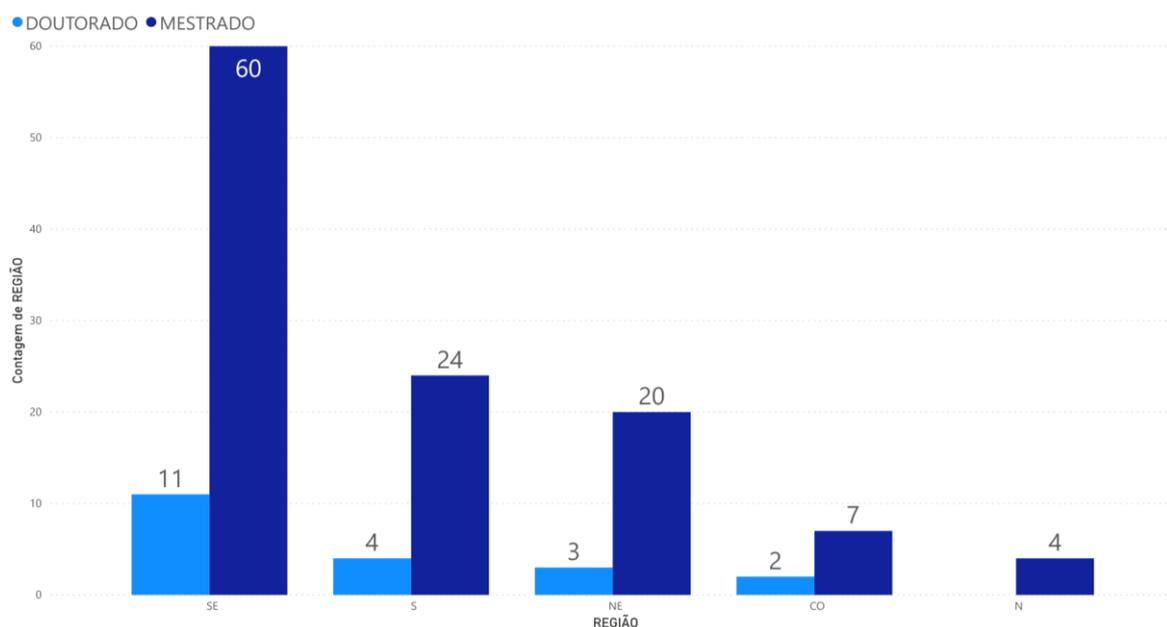


Figura 25. Distribuição de produções por região.

Sobre as pesquisas de Doutorado, 55% foram realizadas na região Sudeste, 20% na região Sul, 15% na região Nordeste, 10% na região Centro-Oeste e nenhuma na região Norte.

Tabela 16

Distribuição de produções de Doutorado por região

DOUTORADO	CO	NE	S	SE	Total
PSICOLOGIA	2	2	4	5	13
PSICOLOGIA (PSICOLOGIA SOCIAL)				1	1
PSICOLOGIA SOCIAL		1	4		5
PSICOSSOCIOLOGIA DE COMUNIDADE E ECOLOGIA SOCIAL				1	1
Total	2	3	4	11	20

Já sobre as pesquisas de Mestrado, 52% foram realizadas na região Sudeste, 21% na região Sul, 17% na região Nordeste, 6% na região Centro-Oeste e 4% na região Norte.

Tabela 17

Distribuição de produções de Mestrado por região

MESTRADO	CO	N	NE	S	SE	Total
PSICOLOGIA	5	4	19	23	41	92
PSICOLOGIA (PSICOLOGIA CLÍNICA)					1	1
PSICOLOGIA (PSICOLOGIA SOCIAL)					15	15
PSICOLOGIA DA SAÚDE			1			1
PSICOLOGIA SOCIAL					2	2
PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL				1		1
PSICOLOGIA SOCIAL, DO TRABALHO E DAS ORGANIZAÇÕES (PSTO)	2					2
PSICOSSOCIOLOGIA					1	1
Total	7	4	20	24	60	115

Os estados de São Paulo e Rio Grande do Sul lideram as produções sendo responsáveis por 15% cada um.

Os estados de São Paulo (20%), Minas Gerais (12%), Rio de Janeiro (12%), Rio Grande do Sul (10%) e Pernambuco (9%) detém 63% das produções em Mestrado nos Programas de Pós-Graduação em Psicologia/Psicologia Social. Já no Doutorado, São Paulo (30%), Rio de Janeiro (15%) e Rio Grande do Sul (15%) lideram com 60% das produções.

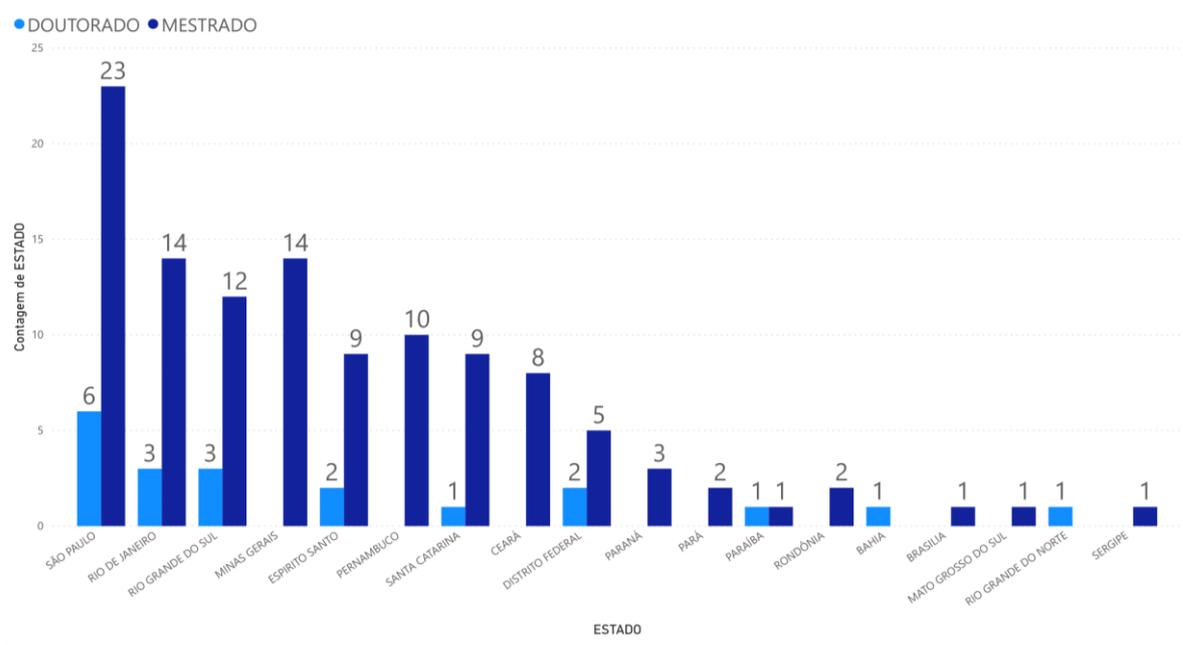


Figura 26. Distribuição de produções por estado.

As cidades do Rio de Janeiro, de Porto Alegre, de São Paulo, de Belo Horizonte e de Vitória lideram metade dos trabalhos em masculinidade(s) no país.

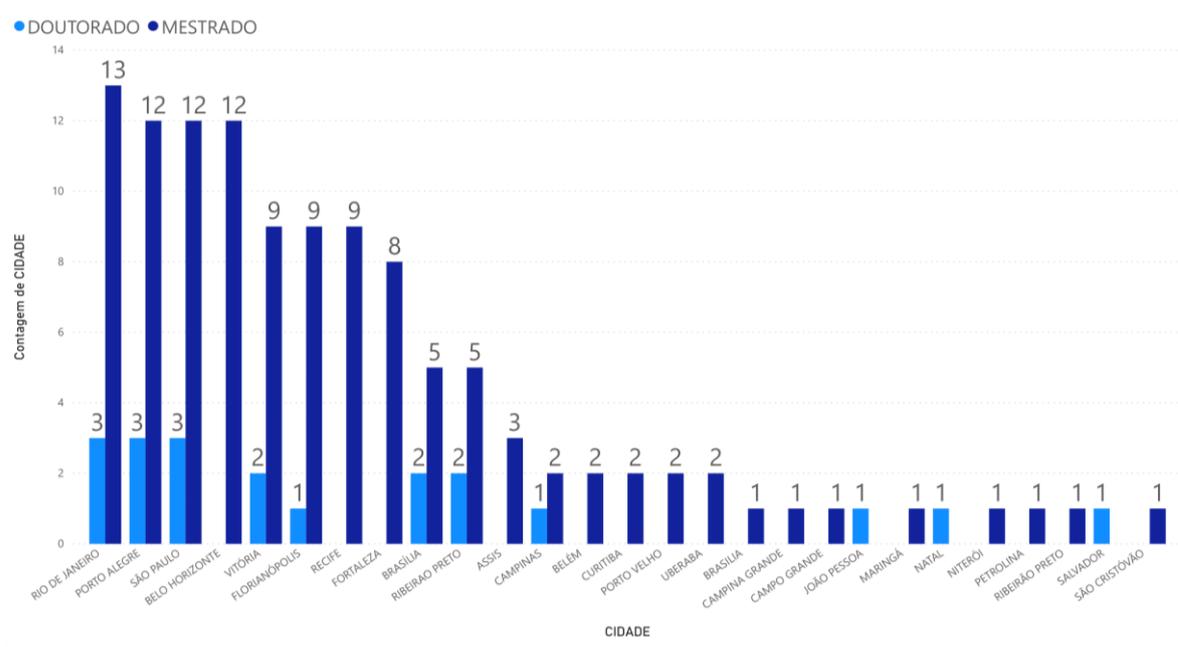


Figura 27. Distribuição de produções por cidade.

Em torno de 85% dos trabalhos em Mestrado e Doutorado foram produzidos na capital.

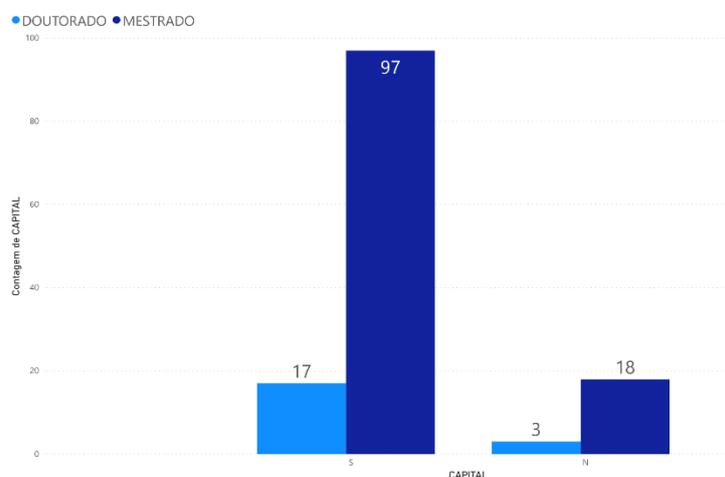


Figura 28. Distribuição de produções nas capitais por curso de Pós-Graduação.

Com exceção da região Sudeste, todas as demais regiões tiveram intervalos em suas produções por vezes apresentando mais de um ano sem produções relacionadas ao tema. Destacamos que só no ano de 2011 tivemos a primeira produção relacionada ao tema na região Norte.

Tabela 18

Distribuição de produções por região e ano.

ANO	CO	N	NE	S	SE	Total	
1994					1	1	
1995					1	1	
1996				2	1	3	
1997	1			1	6	8	
1998					1	1	
1999				1	2	3	
2000	2				2	4	
2001					1	1	
2002	1		2	2	2	7	
2003				3	1	4	
2004					4	4	
2005				1	2	3	
2006	1			1	5	7	
2007				3	3	6	
2008				2	5	7	
2009			2	1	4	7	
2010				2	2	2	6
2011	2	1		1	3	7	
2012				1	2	1	4
2013					5	5	
2014				5	4	9	
2015	1		1	2	4	8	
2016		1	1	2	2	6	
2017	1	2	1	3	5	12	
2018				5	2	4	11
Total	9	4	23	28	71	135	

Notamos que as pesquisadoras lideram todas as produções em masculinidade(s): 70% na região Nordeste e 65% maior no Norte, 60% nas regiões Sul e Sudeste e 56% na região Centro-Oeste.

Tabela 19

Distribuição de produções por região e sexo

"SEXO"	CO	N	NE	S	SE	Total
F	5	3	16	17	43	84
M	4	1	7	11	28	51
Total	9	4	23	28	71	135

Sem variação a partir do sexo, 85% dos trabalhos foram produzidos na capital.

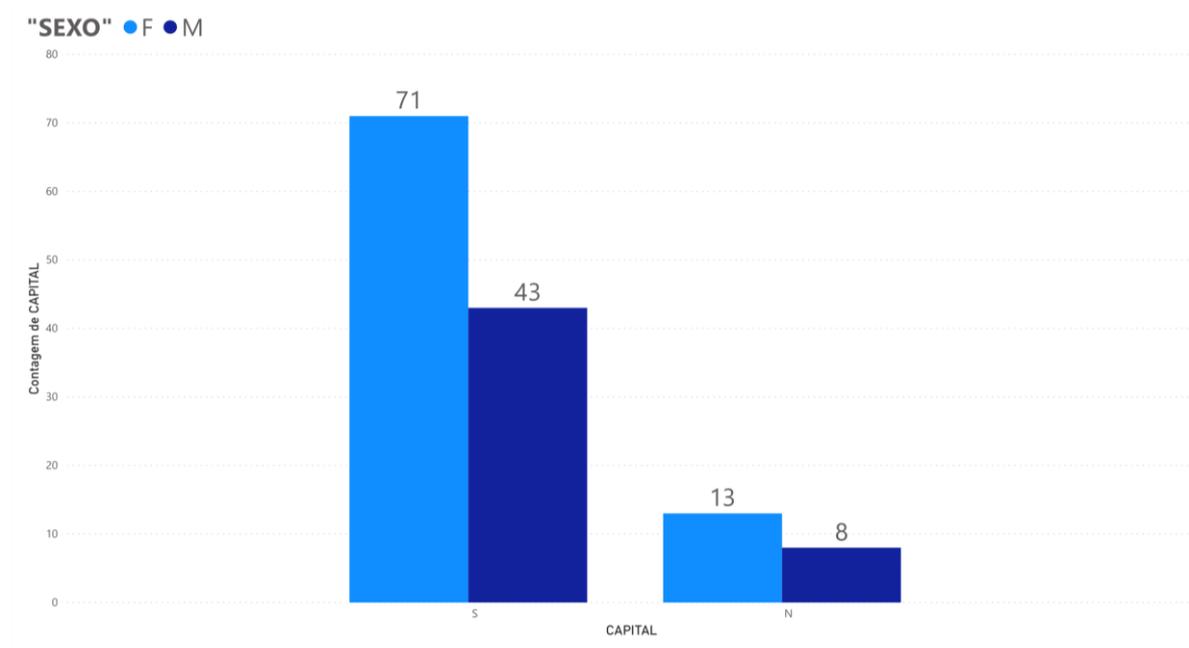


Figura 29. Distribuição de produções por capital e sexo.

SEXO

As pesquisadoras são responsáveis por 62% das produções, enquanto os demais 38% foram por pesquisadores.

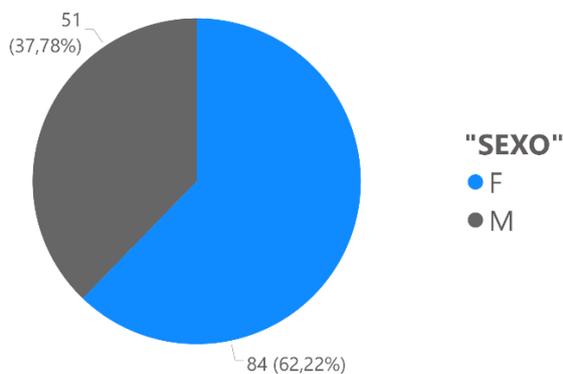


Figura 30. Distribuição de produções por sexo.

Dos trabalhos de Mestrado, 63% foram realizados por pesquisadores do sexo feminino e 37% do sexo masculino. Já nos trabalhos de Doutorado a discrepância é menor, 60% foram realizados por pesquisadora e outros 40% por pesquisadores.

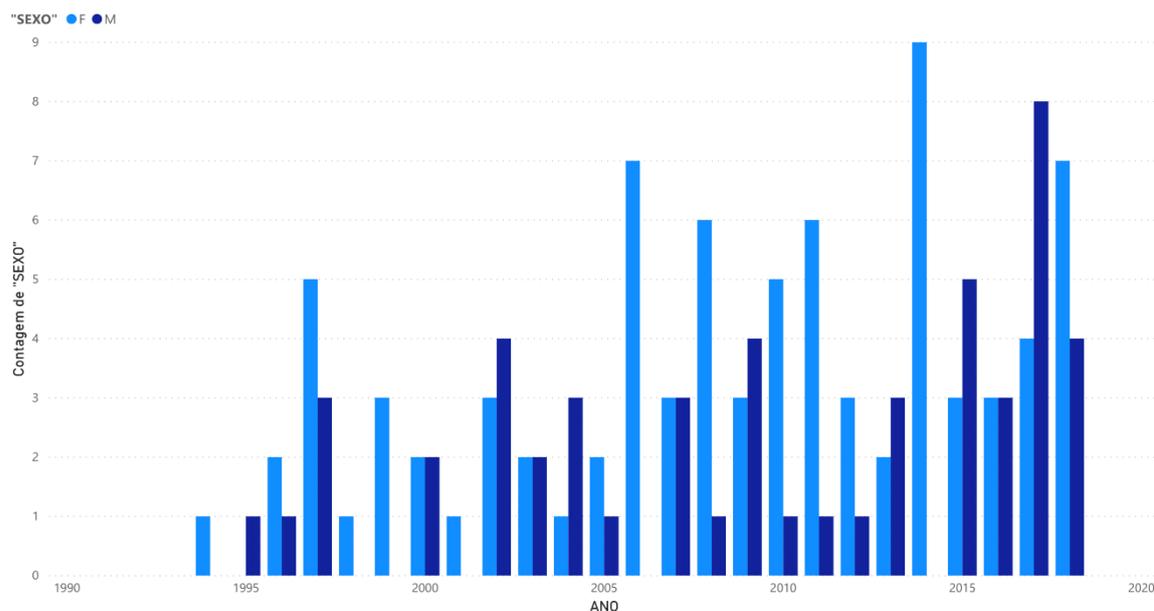


Figura 31. Distribuição de produções por sexo e ano.

VINCULO EMPREGATICIO

Dos 51 trabalhos catalogados que constam informações relacionadas ao vínculo empregatício das(os) profissionais, 45% não declararam qualquer vínculo empregatício, 33% das(os) profissionais pesquisadoras(es) possuem vínculo empregatício conforme a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), 20% trabalha no serviço público, 2% trabalha como colaborador.

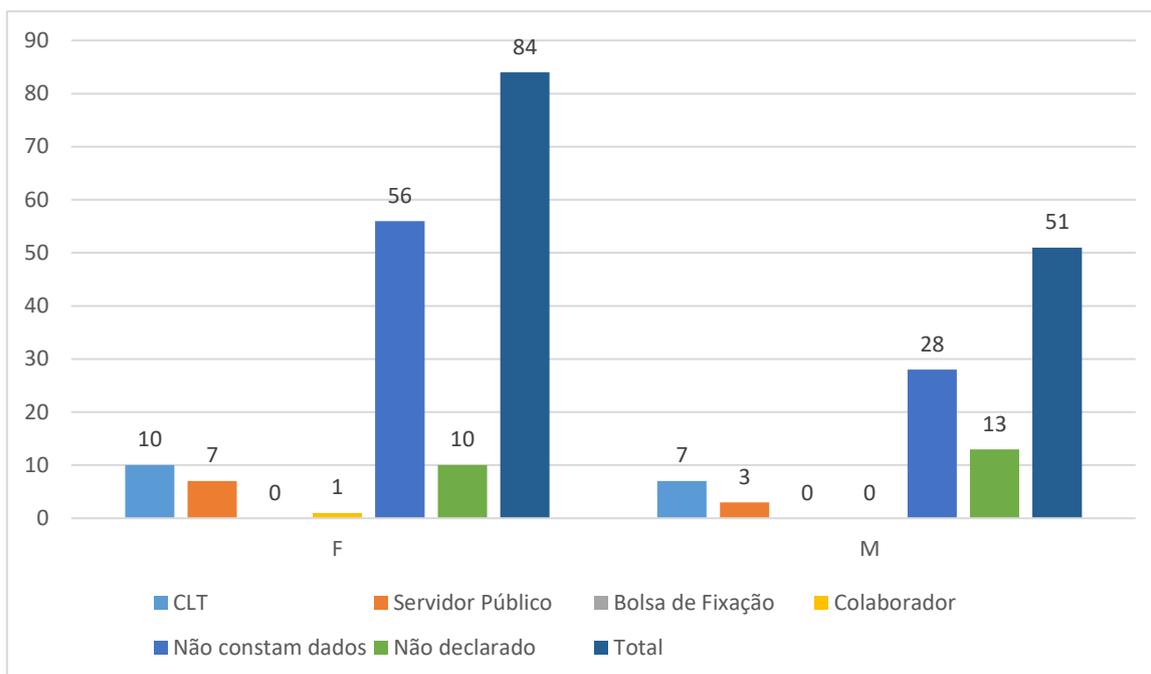


Figura 32. Tipo de vínculo empregatício por sexo.

Ainda considerando os 51 trabalhos, 45% não declararam informações relacionadas ao local de trabalho, 20% dos profissionais trabalham em Instituições de Ensino e Pesquisa, 17% trabalham em empresa pública ou estatal e 10% trabalham em empresas privadas e 8% relataram outro local de trabalho.

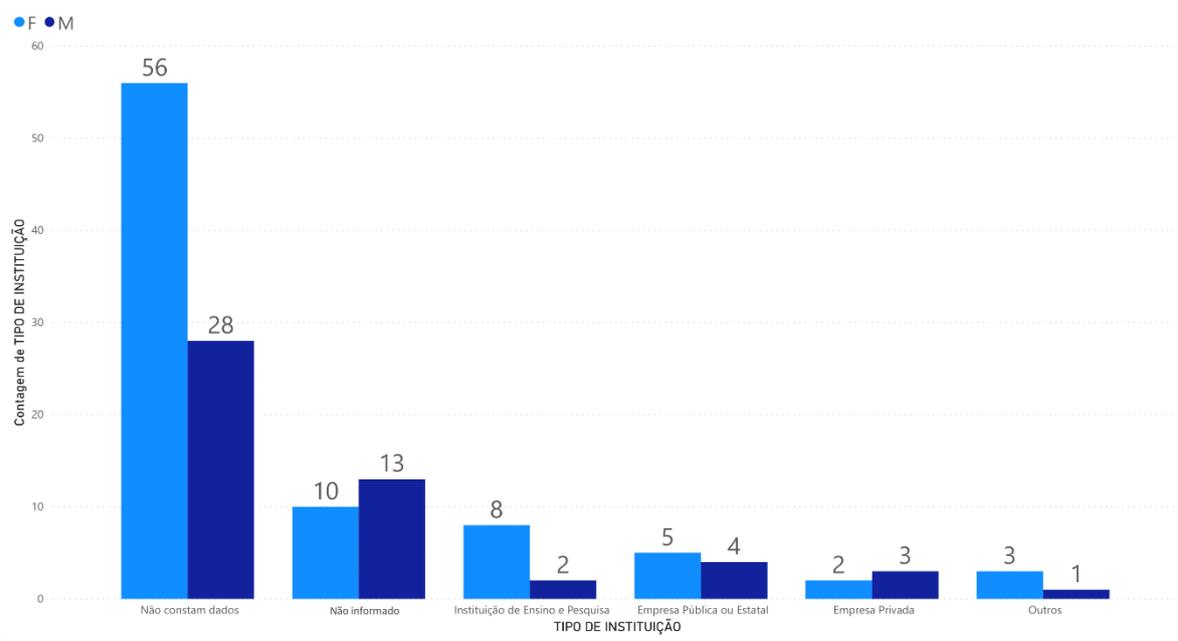


Figura 33. Local de vínculo empregatício por sexo.

ANEXO 2

TRATAMENTO DE DADOS – Estudo 2 - Pesquisas sobre homem e homens

Realizamos a coleta de dados de estudos sobre homens³⁸ produzidos pelos Programas de Pós-Graduação de Psicologia (PPG/Psi) entre os anos de 2013 e 2018 disponibilizados no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.

Considerando a discutida universalidade do masculino representado na palavra **HOMEM**, decidimos mapear apenas os dados disponíveis no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES entre os anos de 2013 e 2018, posto que a partir dos resumos pudemos triar quais trabalhos tão trabalham com homem como uma categoria universal. Assim, analisaremos ao todo 163 produções relacionados ao tema.

Assim como no estudo anterior, os dados serão apresentados ao longo de 15 categorias apresentadas em ordem alfabética, sendo elas: presença de anexo disponível para download; área de concentração; buscadores; composição da banca; distribuição de bolsas; expectativa de atuação; gestão; instituições de ensino superior; linhas de pesquisa; palavras-chave; produção/ano; programa; região; sexo; vínculo empregatício.

Para fins de organização dos dados, esses serão apresentados em ordem decrescente e os valores em % foram arredondados considerando uma casa decimal.

Descrição e análise de dados a partir dos seguintes buscadores: **HOMEM** e **HOMENS**

PRESENÇA DE ANEXO DISPONÍVEL PARA DOWNLOAD

Até a data da coleta dos dados, dia 30/07/2019, dos 163 trabalhos em homens, 109 (67%) trabalhos estão disponibilizados para download e 53 (33%) não estão.

³⁸ Adotamos os termos “sujeito de pesquisa” ou “sujeitos de um estudo” para nos referirmos a homens, em contraponto a outras posições que denominam participantes de uma pesquisa como “objetos de pesquisa” ou “objetos de estudo”. Entendemos que objetificar quem auxilia na construção dos dados que posteriormente serão analisados pelo(a) pesquisador(a) parece não apenas equivocado, mas soberbo.

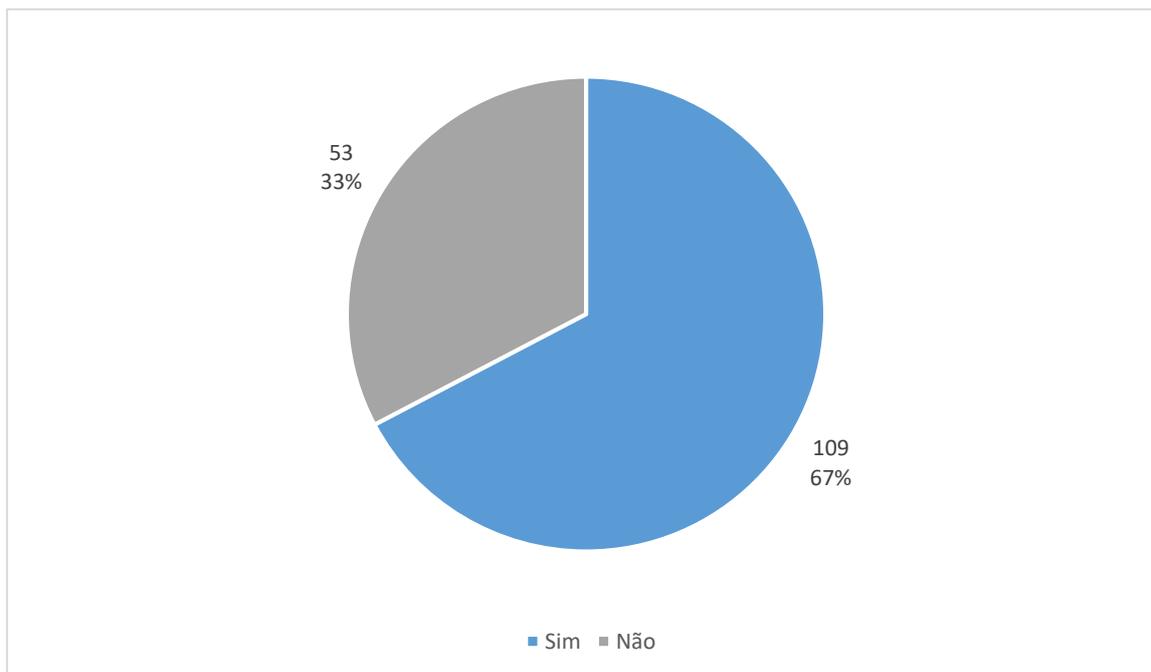


Figura 34. Disponibilidade de trabalhos com anexo para download entre 2013 e 2018.

Não há discrepância em relação à disponibilização para download entre pesquisas de Mestrado e Doutorado sobre homens.

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO

As áreas de concentração são campos teóricos dentro dos Programas de Pós-Graduação. Dos 163 trabalhos sobre homens, três áreas se destacam: 66 (41%) trabalhos foram realizados na área de PSICOLOGIA e 20 (12%) na área de PSICOLOGIA SOCIAL.

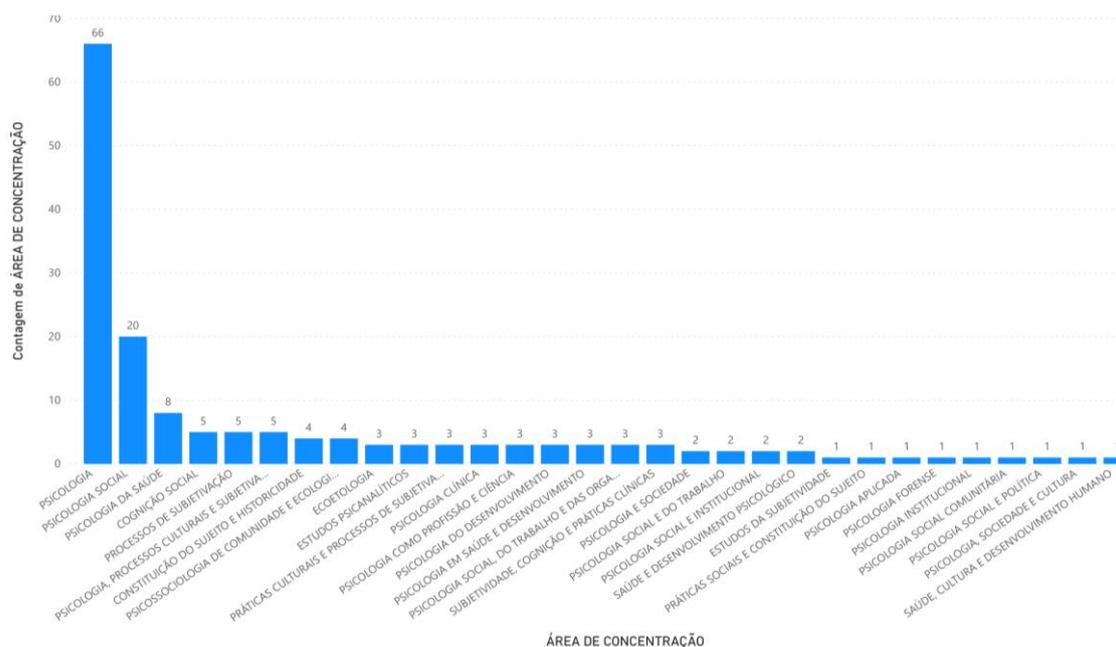


Figura 35. Área de concentração a qual os trabalhos desse estudo pertencem.

Dos 37 trabalhos de Doutorado nos Programas de Pós-Graduação em Psicologia/Psicologia Social, 27 trabalhos (73%) são realizados na área de concentração da PSICOLOGIA tendo 25% dessa produção se realizado apenas no ano de 2017.

Dos 127 trabalhos de Mestrado nos Programas de Pós-Graduação em Psicologia/Psicologia Social, 111 (87%) são realizados na área de concentração da PSICOLOGIA, tendo a produção igualmente distribuída entre os anos analisados.

BUSCADORES

Dos 163 trabalhos sobre homens entre os anos de 2013 e 2018, 132 trabalhos (81%) apresentaram os buscadores nos RESUMOS.

Os 163 trabalhos traziam no título, resumo ou palavra-chave o buscador **HOMEM** e/ou **HOMEM**, sendo desses 111 trabalhos (68%) realizados por pesquisadoras e 52 trabalhos (32%) por homens. Dos 163 trabalhos, 51 (31%) traziam no título, resumo ou palavra-chave o buscador **HOMEM** e também o buscador **MASCULINIDADE** e/ou **MASCULINIDADES**, sendo desses 51, 27 trabalhos (53%) realizados por pesquisadoras e 24 trabalhos (47%) por pesquisadores.

Das produções sobre homens no Doutorado, 81% apresentaram os buscadores no resumo. Apenas 3% apresentaram os buscadores no título, palavras-chave e resumo. Sobre as produções no Mestrado, 45% dos trabalhos apresentaram os buscadores no título, resumo e palavras-chave.

Tabela 20

Localização do buscador por curso de Pós-Graduação

ONDE ESTÁ O BUSCADOR?	DOUTORADO	MESTRADO	Total
PALAVRA-CHAVE		4	4
RESUMO	29	103	132
RESUMO; PALAVRA-CHAVE	2	4	6
TÍTULO	1	2	3
TÍTULO; RESUMO		1	1
TÍTULO; RESUMO	2	6	8
TÍTULO; RESUMO; PALAVRA-CHAVE	1	4	5
Total	35	124	159

COMPOSIÇÃO DA BANCA

Dos 163 trabalhos que constam dados relacionados à composição de banca entre os anos de 2013 e 2018, 80 (49%) deles tiveram como composição da banca Orientador, Docente Interno e Participante Externo.

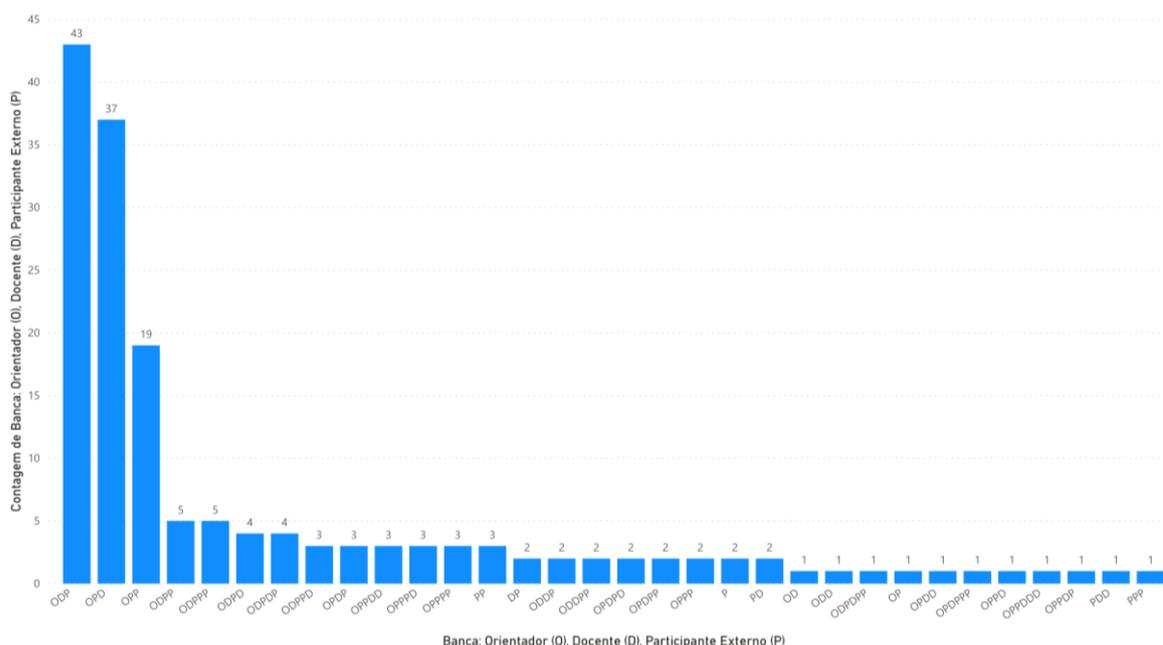


Figura 36. Composição da banca.

Dos 163 trabalhos sobre homens, 1 (0.6%) não apresentam informações sobre a participação na banca. Dos 163 trabalhos que constam dados relacionados a participação da banca, entre os anos de 2013 e 2018, 150 trabalhos (92%) contaram com a presença do orientador na banca, já 12 trabalhos (8%) não contaram com a presença do orientador na banca. Dos trabalhos no Doutorado 97% contaram com a participação do orientador na banca contra apenas 90% de participação em trabalhos de Mestrado.

Tabela 21

Contagem relacionada a presença de orientador(a) por curso de Pós-Graduação

O ORIENTADOR PRINCIPAL COMPÔZ A BANCA DO DISCENTE?	DOUTORADO	MESTRADO	Total
S	35	115	150
N	1	11	12
Não consta		1	1
Total	36	127	163

Não vemos discrepâncias em relação à ausência de orientadores na banca de pesquisadoras e pesquisadores.

Tabela 22

Contagem relacionada a presença de orientadoras(es) na banca ao longo por sexo

"SEXO"	N	S	Total
F	6	77	83
M	5	38	43
Total	11	115	126

DISTRIBUIÇÃO DE BOLSAS

Dos 163 trabalhos sobre homens entre os anos de 2013 e 2018, 97 (59%) foram realizados sem bolsa e 66 (41%) com bolsa.

Foram distribuídas 66 bolsas, sendo a CAPES é responsável por 68% das bolsas e CNPq por 18%, sendo as demais distribuídas por fundos estaduais.

Tabela 23

Distribuição de bolsas por agências de fomento em cursos de Pós-Graduação

	DOUTORADO	MESTRADO	Total
Sem bolsa	18	79	97
CAPES	9	36	45
CNPq	6	6	12
FACEPE	2	1	3
FAPEMIG		2	2
FAPESP	1	1	2
FAPES		1	1
UFSJ - PROGRAMA DE INCENTIVO À PÓS-GRADUAÇÃO		1	1
Total	36	127	163

Sobre as bolsas de fomento, 39% dos bolsistas de Doutorado em estudos sobre homens tiveram acesso ao longo dos 4 anos e 71% dos bolsistas de Mestrado ao longo dos 2 anos de estudo.

Tabela 24

Tempo de distribuição de bolsas em cursos de Pós-Graduação

NUMERO DE MESES	DOCTORADO	MESTRADO	Total
Sem bolsa	18	79	97
24	1	35	36
48	7		7
12		4	4
23		4	4
16	1	1	2
18	1	1	2
20		2	2
15	1		1
22		1	1
35	1		1
36	1		1
40	1		1
42	1		1
43	1		1
6	1		1
8	1		1
Total	36	127	163

Das 67 bolsas, 30 foram distribuídas para pesquisadores que relataram ter outros vínculos empregatícios. 57% dos bolsistas trabalham de acordo com a CLT.

Tabela 25

Distribuição de bolsas por agências de fomento por tipo de vínculo empregatício

	BOLSA DE FIXAÇÃO	CLT	COLABORADOR	SERVIDOR PÚBLICO	Não informado	Total
Sem bolsa	1	29	1	22	44	97
CAPES	1	12	3	5	24	45
CNPq	1	2	3		6	12
FACEPE		1			2	3
FAPEMIG		1			1	2
FAPESP					2	2
FAPES		1				1
UFSJ - PROGRAMA DE INCENTIVO À PÓS-GRADUAÇÃO					1	1
Total	3	46	7	27	80	163

Tabela 26

Distribuição de bolsas por agências de fomento por local de vínculo empregatício

	EMPRESA PRIVADA	EMPRESA PÚBLICA OU ESTATAL	INSTITUIÇÃO DE ENSINO E PESQUISA	OUTROS	Não informado	Total
Sem bolsa	8	19	17	8	45	97
CAPES	8	6	5	2	24	45
CNPq		2	2	2	6	12
FACEPE			1		2	3
FAPEMIG				1	1	2
FAPESP					2	2
FAPES			1			1
UFSJ - PROGRAMA DE INCENTIVO À PÓS-GRADUAÇÃO					1	1
Total	16	27	26	13	81	163

Entre 2013 e 2018 tivemos 67 bolsas distribuídas. A distribuição de bolsas dobrou de 2013 a 2018 passando de 8 para 19 e tendo como duração média o período de 24 meses.

Tabela 27

Distribuição de bolsas por agências de fomento por ano

ANO	CAPES	CNPq	FACEPE	FAPEMIG	FAPES	FAPESP	UFSJ - PROGRAMA DE INCENTIVO À PÓS-GRADUAÇÃO	Sem bolsa	Total
2014	5	1		1				28	35
2018	15	1				2		1	32
2017	6	3	2		1				15
2013	7	1							23
2015	9	2	1						23
2016	3	4		1					22
Total	45	12	3	2	1	2		1	163

Os estados de Minas Gerais, São Paulo e Pará são líderes no recebimento de bolsas, detendo os três estados 32 das 66 bolsas oferecidas para estudos dessa temática em Psicologia de 2013 a 2018.

Tabela 28

Distribuição de bolsas por agências de fomento por estado

ESTADO	CAPES	CNPq	FACEPE	FAPEMIG	FAPES	FAPESP	UFSJ - PROGRAMA DE INCENTIVO À PÓS-GRADUAÇÃO	Sem bolsa	Total
MINAS GERAIS	7	4		2			1	11	25
RIO DE JANEIRO	3	1						15	19
SÃO PAULO	7	4				2		3	16
PERNAMBUCO			3					11	14
ESPIRITO SANTO	3			1				9	13
PARÁ	4	1						5	10
PARANÁ	4							6	10
RIO GRANDE DO SUL	2							7	9
SANTA CATARINA	1							6	7
MATO GROSSO DO SUL	2							4	6
PARAÍBA	3	1						2	6
BAHIA	4	1							5
DISTRITO FEDERAL								5	5
AMAZONAS								4	4
RIO GRANDE DO NORTE	2							2	4
ALAGOAS	1							1	2
CEARÁ	1							1	2
GOIÁS								1	1
MARANHÃO								1	1
PERNAMBUCO								1	1
RONDÔNIA	1								1
SERGIPE								1	1
Total	45	12	3	2	1	2		1	163

A distribuição é 15% maior para pesquisadoras (65%) que para pesquisadores (35%).

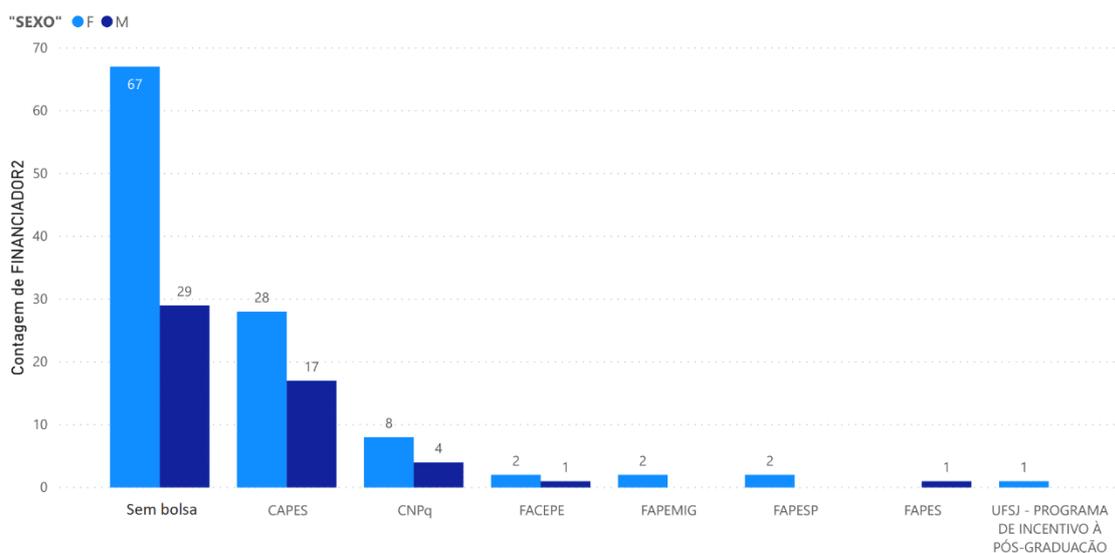


Figura 37. Distribuição de bolsas por agências de fomento por sexo.

EXPECTATIVA DE ATUAÇÃO

Dos 163 pesquisadores sobre homens em Psicologia de 2013 a 2018, 82 (50%) não responderam sobre suas expectativas de atuação ao finalizar a Pós-Graduação e 61 (37%) responderam ter interesse em seguir atuando no campo de ENSINO E PESQUISA.

Tabela 29

Expectativa de atuação após a formação em cursos de Pós-Graduação

EXPECTATIVA DE ATUAÇÃO	DOUTORADO	MESTRADO	Total
Não informado	13	69	82
ENSINO E PESQUISA	21	40	61
OUTROS	1	10	11
PROFISSIONAL AUTÔNOMO	1	5	6
PESQUISA		2	2
EMPRESAS		1	1
Total	36	127	163

Pesquisadoras sobre homens demonstram duas vezes mais interesse em seguir sua carreira no campo de ENSINO E PESQUISA que pesquisadores.

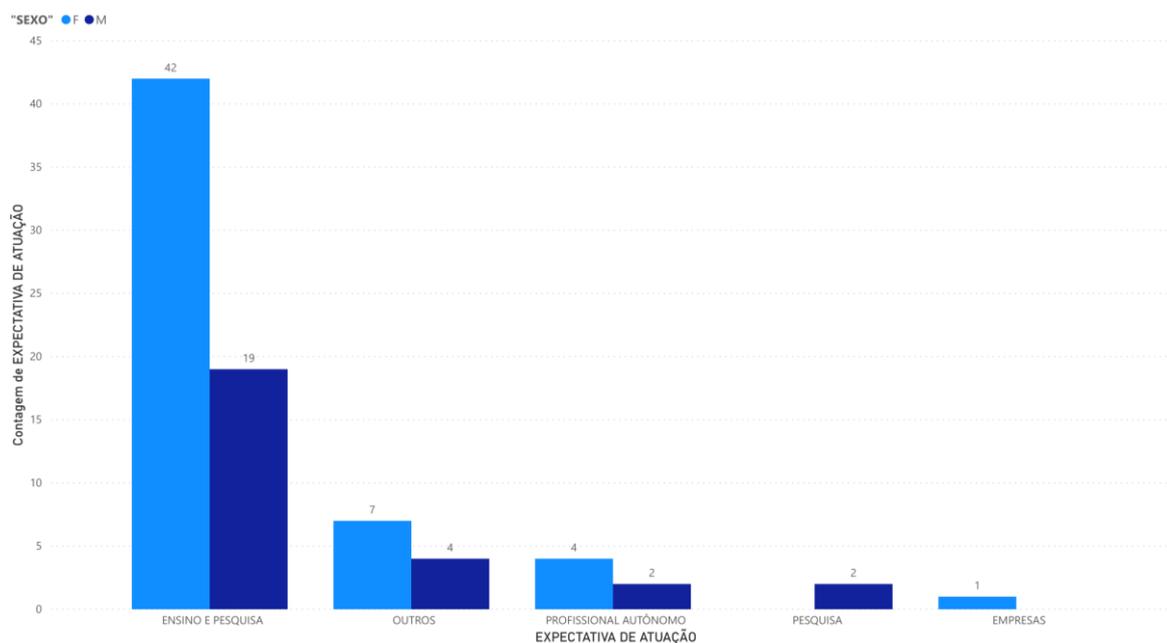


Figura 38. Expectativa de atuação após a formação em cursos de Pós-Graduação por sexo.

GESTÃO PÚBLICA/PRIVADA

Em relação às produções sobre homens, notamos que 80% são realizadas em IES Públicas e 20% em IES Privadas.

Dos 36 trabalhos de Doutorado, 75% foram realizados em IES Públicas, já os demais 25% foram em IES Privadas.

Dos 127 trabalhos de Mestrado, 80% foram realizados em IES Públicas já os demais 20% foram em IES Privadas.

Tabela 30

Tipo de gestão em cursos de Pós-Graduação

PÚBLICA/PRIVADA	DOCTORADO	MESTRADO	Total
PÚBLICA	30	101	131
PRIVADA	6	26	32
Total	36	127	163

Os estados do Rio de Janeiro (17%), do Mato Grosso do Sul (14%), de Minas Gerais (14%), de São Paulo (14%) e do Rio Grande do Sul (14%) detém 73% das produções em IES Privadas.

Os estados de Minas Gerais (12%), Pernambuco (9%), Espírito Santo (8%), Rio de Janeiro (8%), São Paulo (7%) e Pará (%) detém 50% das produções em IES Públicas.

Tabela 31

Tipo de gestão em cursos de Pós-Graduação por estado

ESTADO	PRIVADA	PÚBLICA	Total
MINAS GERAIS	5	20	25
RIO DE JANEIRO	6	13	19
SÃO PAULO	5	11	16
PERNAMBUCO		15	15
ESPÍRITO SANTO		13	13
PARÁ		10	10
PARANÁ	2	8	10
RIO GRANDE DO SUL	5	4	9
SANTA CATARINA		7	7
MATO GROSSO DO SUL	5	1	6
PARAÍBA		6	6
AMAZONAS		5	5
BAHIA		5	5
DISTRITO FEDERAL	2	3	5
RIO GRANDE DO NORTE		4	4
ALAGOAS		2	2
CEARÁ	1	1	2
GOIÁS	1		1
MARANHÃO		1	1
SERGIPE		1	1
RONDÔNIA		1	1
Total	32	131	163

Pesquisadoras sobre homens estão 22% mais presentes em IES Públicas e 6% mais presentes em IES Privadas que pesquisadores.

Tabela 32

Tipo de gestão em cursos de Pós-Graduação por sexo

"SEXO"	PRIVADA	PÚBLICA	Total
F	20	91	111
M	12	40	52
Total	32	131	163

INSTITUIÇÕES DE ENSINO

As Instituições de Ensino Superior que lideram o ranking dos estudos sobre homens nos Programas de Pós-Graduação do Brasil são a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) com 14 trabalhos; a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) com 13 trabalhos; a Universidade Federal do Pará (UFPA) com 10 trabalhos; Universidade de São Paulo (USP),

com 9 trabalhos; Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com 7 trabalhos cada.

Assim, UFPE, UFES, UFPA, USP UFMG, UFSC e UFRJ contam ao todo com 67 trabalhos (41%).

Tabela 33

Distribuição de trabalhos sobre homens por IES 1

INSTITUIÇÃO	DOUTORADO	MESTRADO	Total
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO	3	11	14
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO	3	10	13
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ	1	9	10
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS		7	7
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA	2	5	7
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO	4	3	7
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA	3	3	6
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PETRÓPOLIS		5	5
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (RIBEIRÃO PRETO)	2	3	5
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	2	3	5
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS		5	5
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS	1	3	4
UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO	2	2	4
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO		4	4
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO	1	3	4
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ		4	4
UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA	2	2	4
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL REI		4	4
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ		4	4
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL	1	2	3
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA	1	2	3
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA		3	3
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE	3		3
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS	1	1	2
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS		2	2
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA		2	2
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL	1	1	2
UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ		2	2
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA		1	1
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL		1	1
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS		1	1
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS		1	1
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS		1	1
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO	1		1
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA		1	1
Total	36	127	163

Tabela 34

Distribuição de trabalhos sobre homens por IES 2

INSTITUIÇÃO	DOCTORADO	MESTRADO	Total
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE	3		3
PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS	1	1	2
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS		2	2
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA		2	2
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL	1	1	2
UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ		2	2
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA		1	1
PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL		1	1
PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS		1	1
PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS		1	1
PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS		1	1
PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO	1		1
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA		1	1
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE DOM BOSCO		1	1
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA		1	1
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO/RIBEIRÃO PRETO	1		1
UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS	1		1
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO		1	1
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO (ASSIS)		1	1
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL		1	1
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA		1	1
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE		1	1
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ		1	1
UNIVERSIDADE FEDERAL DO GRANDE DO NORTE		1	1
UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO		1	1
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO		1	1
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO		1	1
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE	1		1
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO		1	1
UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO		1	1
UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA		1	1
Total	36	127	163

LINHAS DE PESQUISA

As 163 pesquisas sobre homens em Psicologia de 2013 a 2018 estão distribuídas em 68 linhas de pesquisa. Dessas, 7 linhas de pesquisa detêm 1/3 dos estudos: PROCESSOS PSICOSSOCIAIS, com 19 pesquisas ou 12%; PROCESSOS PSICOSSOCIAIS, PODER E PRÁTICAS COLETIVAS, com 11 pesquisas ou 7%; GRUPOS, RELAÇÕES DE PODER E SOCIEDADE e PSICOLOGIA, PROCESSOS CULTURAIS E SUBJETIVAÇÃO com 5 ou 3% cada; e CULTURA, MODERNIDADE E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO, PROCESSOS PSICOSSOCIAIS EM SAÚDE e PSICOSSOCIOLOGIA CRÍTICA, COMUNIDADES, REDES E POLÍTICAS DO COTIDIANO com 4 pesquisas ou 3% cada. Só a linha de PROCESSOS PSICOSSOCIAIS é responsável por 10% das produções sobre homens no Mestrado e por 15% das produções sobre homens no Doutorado.

Tabela 35

Distribuição de linhas de pesquisa por curso de Pós-Graduação

LINHA DE PESQUISA	DOUTORADO	MESTRADO	Total
PROCESSOS PSICOSSOCIAIS	6	13	19
PROCESSOS PSICOSSOCIAIS, PODER E PRÁTICAS COLETIVAS	3	8	11
GRUPOS, RELAÇÕES DE PODER E SOCIEDADE	2	3	5
PSICOLOGIA, PROCESSOS CULTURAIS E SUBJETIVAÇÃO	3	2	5
CULTURA, MODERNIDADE E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO		4	4
PROCESSOS PSICOSSOCIAIS EM SAÚDE	2	2	4
PSICOSSOCIOLOGIA CRÍTICA, COMUNIDADES, REDES E POLÍTICAS DO COTIDIANO	2	2	4
CONCEITOS FUNDAMENTAIS EM PSICANÁLISE E INVESTIGAÇÕES NO CAMPO CLÍNICO E CULTURAL		3	3
ECOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO		3	3
INTERVENÇÕES CLÍNICAS E SOCIAIS	1	2	3
POLÍTICAS PÚBLICAS, CULTURA E PRODUÇÕES SOCIAIS	1	2	3
PROCESSOS COGNITIVOS, INTERAÇÃO SOCIAL E PROBLEMAS SOCIAIS		3	3
PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO, GÊNERO E DIVERSIDADES		3	3
PROCESSOS SOCIOINTERATIVOS E DESENVOLVIMENTO HUMANO		3	3
PSICANÁLISE: TEORIA E CLÍNICA		3	3
PSICOLOGIA CLÍNICA		3	3
SAÚDE, DESENVOLVIMENTO E TRABALHO		3	3
TRANSIÇÕES DESENVOLVIMENTAIS E PROCESSOS EDUCACIONAIS		3	3
AValiação e assistência em saúde	1	1	2
COGNIÇÃO SOCIAL E DINÂMICAS INTERACIONAIS	2		2
EPISTEMOLOGIA E PSICOLOGIA: PROCESSOS E CONTEXTOS DE DESENVOLVIMENTO		2	2
FENOMENOLOGIA, TEORIA E CLÍNICA	1	1	2
HISTÓRIA, IMAGINÁRIO SOCIAL, CULTURA		2	2
INTERVENÇÕES PSICOLÓGICAS E PROCESSOS DE DESENVOLVIMENTO HUMANO	1	1	2
PRÁTICAS CLÍNICAS E SAÚDE	1	1	2
PROCESSOS PSICOLÓGICOS E SAÚDE		2	2
PROCESSOS PSICOSSOCIAIS E SOCIOEDUCATIVOS		2	2
PROCESSOS PSICOSSOCIAIS, HISTÓRICOS E COLETIVOS	1	1	2
PSICANÁLISE E CIVILIZAÇÃO		2	2
PSICANÁLISE E CULTURA - PSICOLOGIA		2	2
PSICOLOGIA, SOCIEDADE E SAÚDE		2	2
SAÚDE E CONTEXTOS DE DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO	1	1	2
SAÚDE, DESENVOLVIMENTO E CONTEXTOS SOCIAIS		2	2
SUBJETIVIDADE E PRÁTICAS SOCIAIS NA CONTEMPORANEIDADE		2	2
TEORIAS, TÉCNICAS E INTERVENÇÕES EM PSICOLOGIA CLÍNICA	1	1	2
CLÍNICA, SUBJETIVIDADE E POLÍTICA	1		1
COGNIÇÃO SOCIAL, ORGANIZAÇÕES E TRABALHO		1	1
COMPORTAMENTO, TRABALHO E ORGANIZAÇÕES	1		1
CONTEMPORANEIDADE E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO	1		1
CONTEÚDOS E PROCESSOS PSICOSSOCIAIS DO COMPORTAMENTO HUMANO		1	1
EDUCAÇÃO, TRABALHO E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE		1	1
EPISTEMOLOGIA E PSICOLOGIA SOCIAL		1	1
ESTUDO CRÍTICO-EPISTEMOLÓGICO DAS CATEGORIAS ANALÍTICAS DA PSICOLOGIA SOCIAL	1		1
FUNDAMENTOS TEÓRICOS E FILOSÓFICOS DA PSICOLOGIA		1	1
GÊNERO, GERAÇÕES E DIVERSIDADES		1	1
HISTÓRICO E FUNDAMENTOS DA PSICOLOGIA FORENSE		1	1
INSTITUIÇÕES, SAÚDE E SOCIEDADE		1	1
POLÍTICAS PÚBLICAS E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE		1	1
POLÍTICAS PÚBLICAS, TRABALHO E PROCESSOS FORMATIVO-EDUCACIONAIS		1	1
PREVENÇÃO E INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA		1	1
PREVENÇÃO E TRATAMENTO		1	1
PROCESSOS COGNITIVOS E MEDIDAS PSICOLÓGICAS		1	1
PROCESSOS COGNITIVOS, FUNDAMENTOS TEÓRICOS E APLICAÇÕES		1	1
PROCESSOS DE DESENVOLVIMENTO		1	1
PROCESSOS PSICOSSOCIAIS BÁSICOS: AS RELAÇÕES INDIVÍDUO-GRUPO		1	1
PROCESSOS PSICOSSOCIAIS E COLETIVOS		1	1
PROCESSOS PSICOSSOCIAIS EM SAÚDE E EDUCAÇÃO		1	1
PROCESSOS PSICOSSOCIAIS: IDENTIDADES, PRÁTICAS E CONTEXTOS		1	1
PROCESSOS SAÚDE-DOENÇA EM CONTEXTOS INSTITUCIONAIS		1	1
PROCESSOS SOCIAIS E RELAÇÕES INTERGRUPAIS		1	1
PROCESSOS SOCIOCÓGNITIVOS E PSICOSSOCIAIS		1	1
PRODUÇÃO E EXPRESSÃO SOCIOCULTURAL DA SUBJETIVIDADE		1	1
PROMOÇÃO DE SAÚDE NA COMUNIDADE		1	1
PSICOLOGIA E FAMÍLIA		1	1
PSICOLOGIA E PROCESSOS EDUCATIVOS		1	1
PSICOLOGIA E SAÚDE		1	1
PSICOLOGIA ESCOLAR E PROCESSOS EDUCATIVOS		1	1
PSICOLOGIA SOCIAL DA SAÚDE: SUJEITO, GRUPOS, INSTITUIÇÕES		1	1
PSICOLOGIA SOCIAL E SAÚDE		1	1
PSICOLOGIA SOCIAL, DO TRABALHO E DAS ORGANIZAÇÕES		1	1
SAÚDE MENTAL E AÇÕES TERAPÊUTICAS		1	1
SAÚDE, CLÍNICA E PRÁTICAS PSICOLÓGICAS		1	1
SUBJETIVIDADE, CULTURA E PRÁTICAS CLÍNICAS	1		1
SUBJETIVIDADE, POLÍTICA E EXCLUSÃO SOCIAL	1		1
SUJEITO E CULTURA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA		1	1
TRABALHO, ERGONOMIA DA ATIVIDADE E SAÚDE		1	1
Total	36	126	163

Das 9 linhas de pesquisa de maior representatividade, a presença das pesquisadoras é 8% maior que a dos pesquisadores.

Tabela 36

Distribuição de linhas de pesquisa por sexo

LINHA DE PESQUISA	F	M	Total
PROCESSOS PSICOSSOCIAIS	14	5	19
PROCESSOS PSICOSSOCIAIS, PODER E PRÁTICAS COLETIVAS	8	3	11
GRUPOS, RELAÇÕES DE PODER E SOCIEDADE	3	2	5
PSICOLOGIA, PROCESSOS CULTURAIS E SUBJETIVAÇÃO	3	2	5
CULTURA, MODERNIDADE E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO	2	2	4
PROCESSOS PSICOSSOCIAIS EM SAÚDE	4		4
PSICOSSOCIOLOGIA CRÍTICA, COMUNIDADES, REDES E POLÍTICAS DO COTIDIANO	3	1	4
CONCEITOS FUNDAMENTAIS EM PSICANÁLISE E INVESTIGAÇÕES NO CAMPO CLÍNICO E CULTURAL	2	1	3
ECOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO	2	1	3
INTERVENÇÕES CLÍNICAS E SOCIAIS	3		3
POLÍTICAS PÚBLICAS, CULTURA E PRODUÇÕES SOCIAIS	2	1	3
PROCESSOS COGNITIVOS, INTERAÇÃO SOCIAL E PROBLEMAS SOCIAIS	2	1	3
PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO, GÊNERO E DIVERSIDADES	2	1	3
PROCESSOS SOCIOINTERATIVOS E DESENVOLVIMENTO HUMANO	2	1	3
PSICANÁLISE: TEORIA E CLÍNICA	2	1	3
PSICOLOGIA CLÍNICA	2	1	3
SAÚDE, DESENVOLVIMENTO E TRABALHO	2	1	3
TRANSIÇÕES DESENVOLVIMENTAIS E PROCESSOS EDUCACIONAIS	2	1	3
AValiação e assistência em saúde	1	1	2
COGNIÇÃO SOCIAL E DINÂMICAS INTERACIONAIS	1	1	2
EPISTEMOLOGIA E PSICOLOGIA: PROCESSOS E CONTEXTOS DE DESENVOLVIMENTO HUMANO	1	1	2
FENOMENOLOGIA, TEORIA E CLÍNICA	2		2
HISTÓRIA, IMAGINÁRIO SOCIAL, CULTURA	2		2
INTERVENÇÕES PSICOLÓGICAS E PROCESSOS DE DESENVOLVIMENTO HUMANO	1	1	2
PRÁTICAS CLÍNICAS E SAÚDE	2		2
PROCESSOS PSICOLÓGICOS E SAÚDE	1	1	2
PROCESSOS PSICOSSOCIAIS E SOCIOEDUCATIVOS	1	1	2
PROCESSOS PSICOSSOCIAIS, HISTÓRICOS E COLETIVOS	1	1	2
PSICANÁLISE E CIVILIZAÇÃO	1	1	2
PSICANÁLISE E CULTURA - PSICOLOGIA	2		2
PSICOLOGIA, SOCIEDADE E SAÚDE	1	1	2
SAÚDE E CONTEXTOS DE DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO	2		2
SAÚDE, DESENVOLVIMENTO E CONTEXTOS SOCIAIS	2		2
SUBJETIVIDADE E PRÁTICAS SOCIAIS NA CONTEMPORANEIDADE	1	1	2
TEORIAS, TÉCNICAS E INTERVENÇÕES EM PSICOLOGIA CLÍNICA	1	1	2
Total	110	52	163

PALAVRAS-CHAVE

Os 163 trabalhos sobre homens, de 2013 a 2018, tem em média 5 palavras-chave. Dessas palavras-chave, as quatro mais presentes são GÊNERO, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, MASCULINIDADES, PSICANÁLISE representando 9% do total.

As principais palavras-chave utilizadas por pesquisadoras em seus trabalhos são GÊNERO e REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.

As principais palavras-chave utilizadas por pesquisadoras em seus trabalhos são MASCULINIDADES e REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.

Tabela 37

Distribuição de Palavras-Chave por sexo

KW	F	M	Total
GÊNERO	19	5	24
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	10	6	16
MASCULINIDADES	6	7	13
PSICANÁLISE	9	4	13
FAMÍLIA	6	2	8
FENOMENOLOGIA	6	2	8
MASCULINIDADE	3	5	8
PATERNIDADE	5	3	8
SAÚDE DO HOMEM	4	4	8
SEXUALIDADE	6	2	8
CORPO	6	1	7
ADOLESCÊNCIA	5	1	6
MATERNIDADE	6		6
PSICOLOGIA SOCIAL	4	2	6
SAÚDE	3	3	6
SUBJETIVIDADE	1	5	6
VIOLÊNCIA	4	2	6
HOMENS	3	2	5
MULHER	5		5
PSICOLOGIA	2	3	5
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER	5		5
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA	5		5
HOMEM	2	2	4
IDENTIDADE	3	1	4
INTERSECCIONALIDADE	3	1	4
QUALIDADE DE VIDA	2	2	4
SUICÍDIO	1	3	4
EDUCAÇÃO	1	2	3
ESCOLA	1	2	3
FEMININO	3		3
HISTÓRIA	2	1	3
HIV/AIDS	3		3
IDENTIDADE SOCIAL	2	1	3
JUVENTUDE	2	1	3
MÍDIA	1	2	3
Total	493	241	734

As principais palavras-chave utilizadas por pesquisadores de Mestrado são GÊNERO, MASCULINIDADE, MASCULINIDADES, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, correspondem a 42 palavras do total de 553, representando 8%.

Tabela 38

Distribuição de Palavras-Chave no Mestrado

KW	MESTRADO	Total
GÊNERO	20	20
MASCULINIDADES	11	11
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	11	11
PSICANÁLISE	10	10
SEXUALIDADE	8	8
FAMÍLIA	7	7
CORPO	6	6
FENOMENOLOGIA	6	6
MATERNIDADE	6	6
PATERNIDADE	6	6
SUBJETIVIDADE	6	6
VIOLÊNCIA	6	6
MASCULINIDADE	5	5
PSICOLOGIA	5	5
SAÚDE	5	5
SAÚDE DO HOMEM	5	5
ADOLESCÊNCIA	4	4
HOMEM	4	4
HOMENS	4	4
INTERSECCIONALIDADE	4	4
MULHER	4	4
PSICOLOGIA SOCIAL	4	4
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER	4	4
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA	4	4
ESCOLA	3	3
HISTÓRIA	3	3
IDENTIDADE	3	3
IDENTIDADE SOCIAL	3	3
QUALIDADE DE VIDA	3	3
ASSISTÊNCIA SOCIAL	2	2
CASAMENTO	2	2
CONFLITO CONJUGAL	2	2
CONSTRUCIONISMO SOCIAL	2	2
CRIMINOLOGIA	2	2
EDUCAÇÃO	2	2
Total	553	553

As principais palavras-chave utilizadas por pesquisadores de Doutorado são REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, GÊNERO e MASCULINIDADE correspondendo a 11 palavras do total de 170, representando 7%.

Tabela 39

Distribuição de Palavras-Chave no Doutorado

KW	DOUTORADO	Total
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	5	5
GÊNERO	3	3
MASCULINIDADE	3	3
ADOLESCÊNCIA	2	2
FEMININO	2	2
FENOMENOLOGIA	2	2
MASCULINIDADES	2	2
MODOS DE SUBJETIVAÇÃO	2	2
PATERNIDADE	2	2
PSICANÁLISE	2	2
PSICOLOGIA SOCIAL	2	2
RELAÇÕES DE GÊNERO	2	2
SAÚDE DO HOMEM	2	2
SUICÍDIO	2	2
VIOLÊNCIA ENTRE PARCEIROS ÍNTIMOS	2	2
ABERTURA AO MUNDO	1	1
ABORTO	1	1
ABUSO DE SUBSTÂNCIAS	1	1
AGRESSOR CONJUGAL	1	1
AMBIENTALISMO	1	1
AMOR	1	1
AMOR E GOZO	1	1
ANÁLISE DE DISCURSO	1	1
ANGÚSTIA	1	1
ANTROPOLOGIA SOCIAL	1	1
APEGO	1	1
ARQUIVO	1	1
ATOR-REDE	1	1
BIOGRAFEMA	1	1
CAPACIDADE PARA O TRABALHO	1	1
CAPRICHOS	1	1
CARTAS	1	1
CASAS	1	1
Total	170	170

As principais palavras-chave utilizadas por pesquisadores de instituições de ensino privada são GÊNERO e QUALIDADE DE VIDA, 8% do total.

As principais palavras-chave utilizadas por pesquisadores de instituições de ensino público são GÊNERO e REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, 6% do total.

Tabela 40

Distribuição de Palavras-Chave por tipo de gestão

KW	PRIVADA	PÚBLICA	Total
GÊNERO	5	18	23
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	2	14	16
MASCULINIDADES	1	12	13
PSICANÁLISE	1	11	12
FAMÍLIA		8	8
FENOMENOLOGIA	2	6	8
MASCULINIDADE	1	7	8
PATERNIDADE	1	7	8
SEXUALIDADE		8	8
CORPO		7	7
SAÚDE DO HOMEM	2	5	7
ADOLESCÊNCIA	2	4	6
MATERNIDADE	1	5	6
PSICOLOGIA SOCIAL	2	4	6
SAÚDE	1	5	6
SUBJETIVIDADE	2	4	6
VIOLÊNCIA		6	6
HOMENS		5	5
MULHER		5	5
PSICOLOGIA	1	4	5
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER	1	4	5
HOMEM	2	2	4
IDENTIDADE		4	4
INTERSECCIONALIDADE		4	4
QUALIDADE DE VIDA	3	1	4
SUICÍDIO	1	3	4
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA	2	2	4
EDUCAÇÃO		3	3
ESCOLA		3	3
FEMININO		3	3
HISTÓRIA		3	3
HIV/AIDS		3	3
IDENTIDADE SOCIAL		3	3
JUVENTUDE		3	3
MÍDIA		3	3
Total	136	587	723

Na região Sudeste repete-se as palavras-chave GÊNERO, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS. Na região Nordeste repete-se as palavras-chave REPRESENTAÇÕES SOCIAIS e SAÚDE DO HOMEM. Já na região Sul as seguintes palavras-chave se repetem: GÊNERO e PSICANÁLISE. Na região Norte as palavras-chave que se repetem são FENOMENOLOGIA, PSICANÁLISE, HOMEM. Por fim, na região Centro-Oeste a palavra-chave que se repete é SUBJETIVIDADE.

Tabela 41

Distribuição de Palavras-Chave por região

KW	CO	N	NE	S	SE	Total
GÊNERO	1	1	3	4	14	23
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	1		4		11	16
MASCULINIDADES		1	3	2	7	13
PSICANÁLISE		3	2	3	4	12
FAMÍLIA			2	2	4	8
FENOMENOLOGIA		3	1	1	3	8
MASCULINIDADE	1		1	2	4	8
PATERNIDADE			3		5	8
SEXUALIDADE		1	2	1	4	8
CORPO		1			6	7
SAÚDE DO HOMEM	1		4	1	1	7
ADOLESCÊNCIA			2		4	6
MATERNIDADE			1	2	3	6
PSICOLOGIA SOCIAL			2	1	3	6
SAÚDE		1	2		3	6
SUBJETIVIDADE	2			1	3	6
VIOLÊNCIA	1	1	1		3	6
HOMENS		1	3		1	5
MULHER				1	4	5
PSICOLOGIA		1		2	2	5
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER		1	1	1	2	5
HOMEM		2			2	4
IDENTIDADE		1		1	2	4
INTERSECCIONALIDADE			3	1		4
QUALIDADE DE VIDA	1			2	1	4
SUICÍDIO	1	1	1	1		4
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA				1	3	4
EDUCAÇÃO		1		1	1	3
ESCOLA	1				2	3
FEMININO			1	1	1	3
HISTÓRIA				1	2	3
HIV/AIDS		1	1	1		3
IDENTIDADE SOCIAL					3	3
JUVENITUDE			2	1		3
MÍDIA				3		3
Total	52	70	163	129	309	723

As palavras-chave que se repetem em mais de um trabalho no ano de 2013 são GÊNERO, PSICANÁLISE, MASCULINIDADES, FAMÍLIA, SEXUALIDADE, HISTÓRIA, MATERNIDADE, PSICOLOGIA SOCIAL E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS. Já no ano de 2014 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS dobram sua aparição enquanto GÊNERO aparece com metade da expressividade do ano anterior, FAMÍLIA e MASCULINIDADES seguem aparecendo tal como no ano anterior e outras palavras começam a surgir nesse cenário, como ADOLESCÊNCIA, FENOMENOLOGIA, IDENTIDADE, MASCULINIDADE, PATERNIDADE, SAÚDE, VIOLÊNCIA, VIOLÊNCIA DOMÉSTICA. No ano de 2015, GÊNERO, MASCULINIDADE e REPRESENTAÇÕES SOCIAIS encabeçam o ranking de palavras-chave, juntamente com VIOLÊNCIA e CORPO que também passa a aparecer em mais de um trabalho. Em 2016, GÊNERO e REPRESENTAÇÕES SOCIAIS voltam a se repetir em mais de um trabalho e também contamos com a presença das palavras PSICOLOGIA e ESCOLA. No ano de 2017, SUBJETIVIDADE encabeça o ranking de palavras-chave, seguida por PATERNIDADE, ADOLESCÊNCIA, GÊNERO, MASCULINIDADE, PSICANÁLISE e SAÚDE DO HOMEM. Já no ano de 2018 temos as palavras GÊNERO, MASCULINIDADES, FENOMENOLOGIA, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, PATERNIDADE, PSICANÁLISE, QUALIDADE DE VIDA, SAÚDE DO HOMEM, SEXUALIDADE, SUICÍDIO, VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER.

Tabela 42

Distribuição de Palavras-Chave por ano

KW	2013	2014	2015	2016	2017	2018	Total
GÊNERO	6	3	3	5	2	5	24
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	2	4	3	3	1	3	16
MASCULINIDADES	4	2	1	1	1	4	13
PSICANÁLISE	6	1	1	1	2	2	13
FAMÍLIA	3	2	1	1	1		8
FENOMENOLOGIA		2	1	1	1	3	8
MASCULINIDADE		2	3	1	2		8
PATERNIDADE		2		1	3	2	8
SAÚDE DO HOMEM	2	1		1	2	2	8
SEXUALIDADE	3		1	1	1	2	8
CORPO	1	1	2	1	1	1	7
ADOLESCÊNCIA		3		1	2		6
MATERNIDADE	2	1	1	1		1	6
PSICOLOGIA SOCIAL	2		1	3			6
SAÚDE	1	2	1	1	1		6
SUBJETIVIDADE	1	1			4		6
VIOLÊNCIA	1	2	1	1		1	6
HOMENS		1	1	1	1	1	5
MULHER	1	1	1	1		1	5
PSICOLOGIA		2		2	1		5
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER		1	1		1	2	5
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA		2	2			1	5
HOMEM		1	1	1	1		4
IDENTIDADE		3			1		4
INTERSECCIONALIDADE		1	1	1		1	4
QUALIDADE DE VIDA		1	1			2	4
SUICÍDIO		1		1		2	4
EDUCAÇÃO	1					1	3
ESCOLA		1		2			3
FEMININO		1	1			1	3
HISTÓRIA		2				1	3
HIV/AIDS	1	1			1		3
IDENTIDADE SOCIAL			1	1	1		3
JUVENTUDE			1		1	1	3
MÍDIA				1	1	1	3
Total	104	147	99	105	121	158	734

PRODUÇÃO/ANO

Temos um total de 163 trabalhos sobre homens, desses 127 (78%) foram produzidos no Mestrado e 36 (22%) foram produzidos no Doutorado. Existem três vezes mais produções do Mestrado que do Doutorado relacionado ao tema.

As produções em Mestrado e Doutorado fluíram da mesma forma durante os anos em que comparamos as produções, de 2013 a 2018, com exceção dos anos de 2016 que houve crescimento nas produções de Doutorado e queda nas de Mestrado e o inverso no ano de 2018.

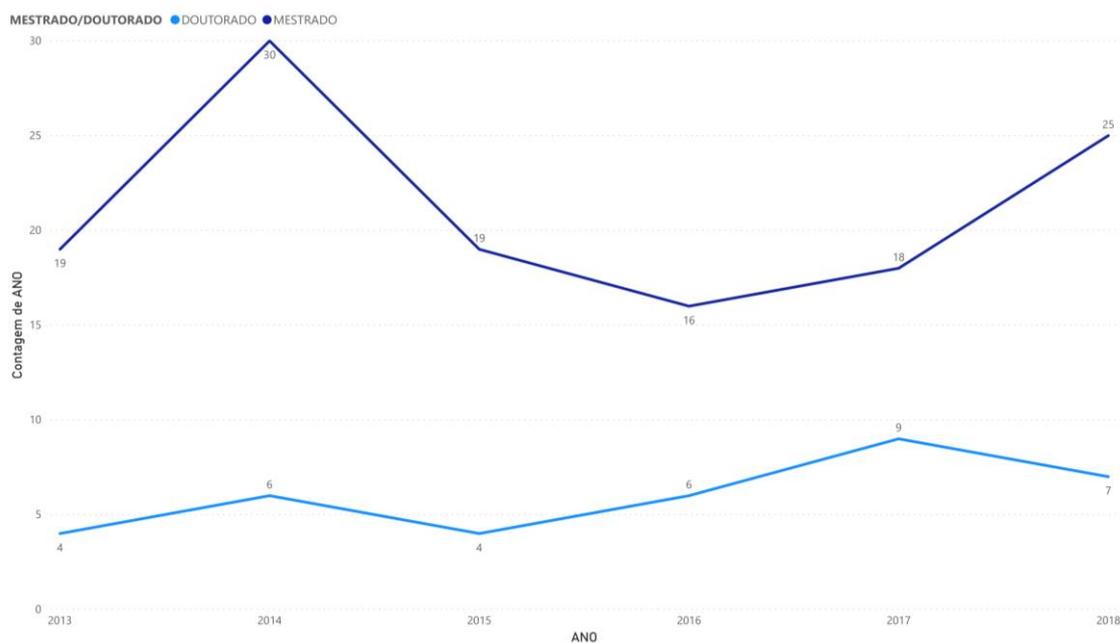


Figura 39. Distribuição de produções ao longo por curso de Pós-Graduação.

Analisando os dados colhidos dos anos de 2013 a 2018, todos tiveram participação majoritária de pesquisadoras.

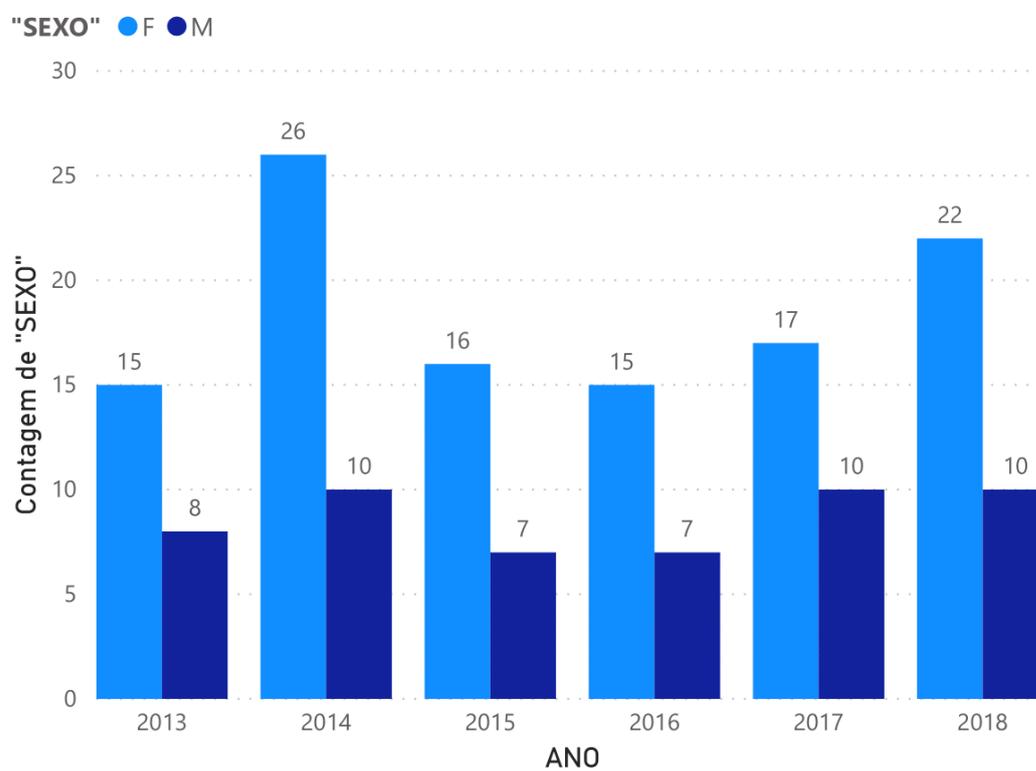


Figura 40. Distribuição de produções ao longo dos anos por sexo.

Os estudos sobre homens vêm num crescente, tendo alcançado o número de 32 trabalhos no ano de 2018, 6% mais que no ano de 2013 quando iniciamos a contagem, tendo uma média de 27 pesquisas relacionadas ao tema por ano.

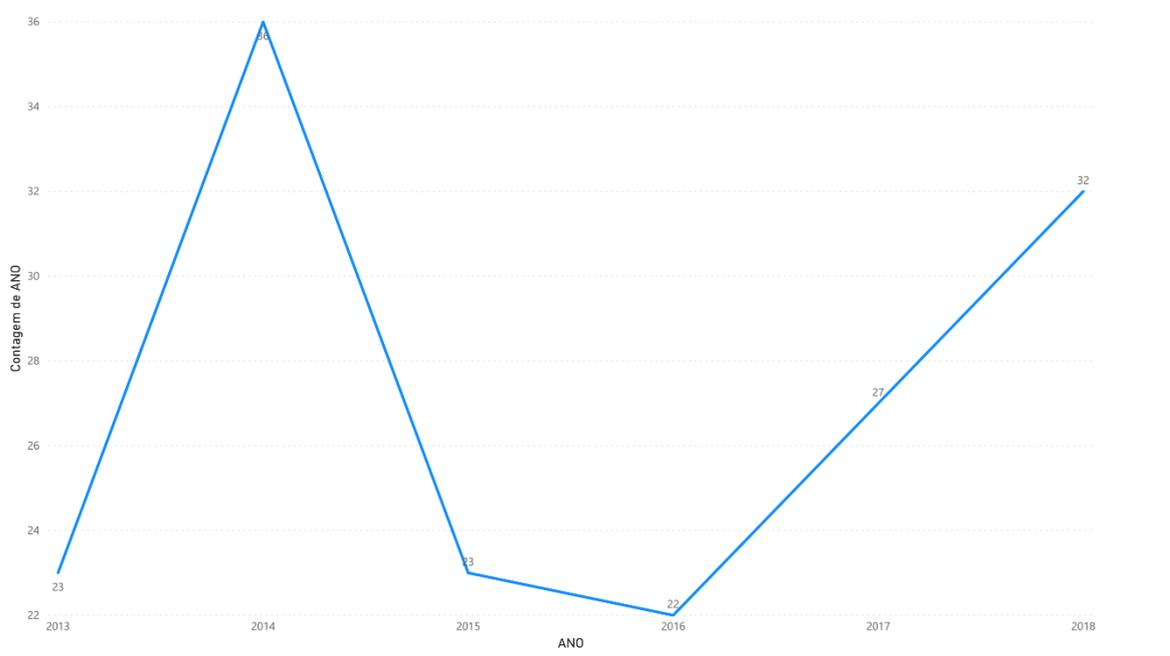


Figura 41. Distribuição de produções ao longo dos anos.

PROGRAMA

Os programas de PSICOLOGIA detêm 138 trabalhos sobre homens e de PSICOLOGIA SOCIAL detêm 7 trabalhos, sendo responsáveis por 92% do total de produções. Os demais trabalhos são de programas com outros nomes ou ênfases como: PSICOLOGIA (PSICOLOGIA SOCIAL), PSICOLOGIA (TEORIA E PESQUISA DO COMPORTAMENTO), PSICOLOGIA SOCIAL, DO TRABALHO E DAS ORGANIZAÇÕES.

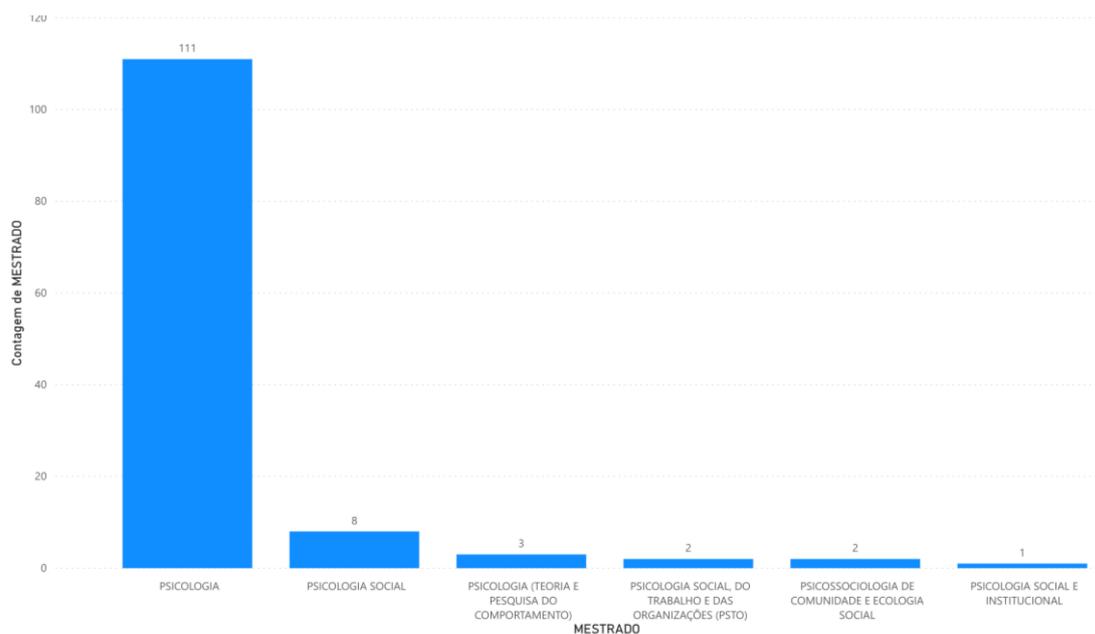


Figura 42. Áreas do conhecimento nos cursos de Mestrado.

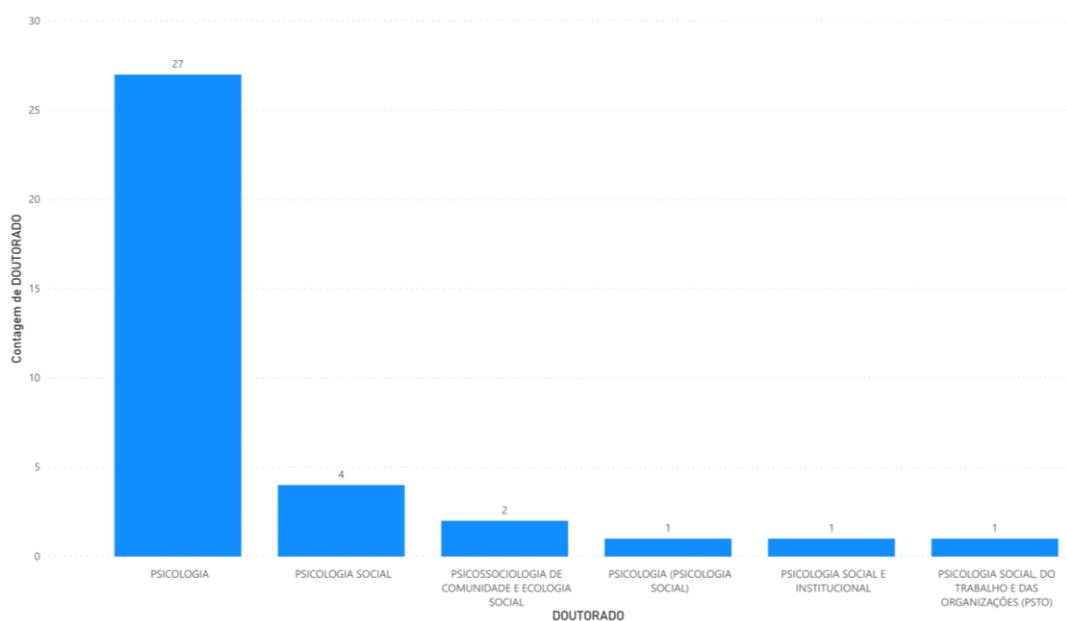


Figura 43. Áreas do conhecimento nos cursos de Doutorado.

REGIÃO

Das produções sobre homens, 44% se concentram na região Sudeste, 22% na região Nordeste, 17% na região Sul, 10% na região Norte e 7% na região Centro-Oeste.

Tabela 43

Distribuição de produções por região

REGIÃO	DOUTORADO	MESTRADO	Total
SE	17	55	72
NE	11	25	36
S	4	23	27
N	1	15	16
CO	3	9	12
Total	36	127	163

Notamos que, com exceção da região Centro-Oeste, as pesquisadoras lideram todas as produções sobre homens: 74% na região Sul, 72% na região Nordeste e 69% no Norte e 68% das produções na região Sudeste. Já na região Centro-Oeste as pesquisadoras detêm 41% das produções, distancia pequena das produções de pesquisadores da região Centro-Oeste em comparação às disparidades das produções que notamos em outras regiões.

Tabela 44

Distribuição de produções por regiões e sexo

"SEXO"	CO	N	NE	S	SE	Total
F	5	11	26	20	49	111
M	7	5	10	7	23	52
Total	12	16	36	27	72	163

Dos trabalhos de Doutorado, 47% desses trabalhos foram realizados na região Sudeste, 30% na região Nordeste, 11% na região Sul, 8% na região Centro-Oeste e 3% na região Norte. Já sobre os trabalhos de Mestrado, 43% desses trabalhos foram realizados na região Sudeste, 20% na região Nordeste, 18% na região Sul, 12% na região Norte e 7% na região Centro-Oeste. Os estados do Rio de Janeiro (17%) e de São Paulo (14%) lideram as produções.

Tabela 45

Distribuição de produções de Doutorado por região

DOUTORADO	CO	N	NE	S	SE	Total
PSICOLOGIA	2	1	8	3	13	27
PSICOLOGIA SOCIAL			3		1	4
PSICOSSOCIOLOGIA DE COMUNIDADE E ECOLOGIA SOCIAL				2		2
PSICOLOGIA (PSICOLOGIA SOCIAL)					1	1
PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL				1		1
PSICOLOGIA SOCIAL, DO TRABALHO E DAS ORGANIZAÇÕES (PSTO)	1					1
Total	3	1	11	4	17	36

Tabela 46

Distribuição de produções de Mestrado por região

MESTRADO	CO	N	NE	S	SE	Total
PSICOLOGIA	7	12	22	22	48	111
PSICOLOGIA SOCIAL			3		5	8
PSICOLOGIA (TEORIA E PESQUISA DO COMPORTAMENTO)		3				3
PSICOLOGIA SOCIAL, DO TRABALHO E DAS ORGANIZAÇÕES (PSTO)	2					2
PSICOSSOCIOLOGIA DE COMUNIDADE E ECOLOGIA SOCIAL					2	2
PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL				1		1
Total	9	15	25	23	55	127

Quando observamos as produções por estado, São Paulo entra no ranking e juntamente com Minas Gerais, Rio de Janeiro, Pernambuco e Espírito Santo detém 53% das produções sobre homens.

Só as cidades de Recife, Vitória, Belo Horizonte, Rio de Janeiro dominam 1/3 das produções sobre homens nos programas de Pós-Graduação em Psicologia em todo o país.

Tabela 47

Distribuição de produções por estado

ESTADO	DOCTORADO	MESTRADO	Total
MINAS GERAIS	3	22	25
RIO DE JANEIRO	6	13	19
SÃO PAULO	5	11	16
PERNAMBUCO	3	11	14
ESPÍRITO SANTO	3	10	13
PARÁ	1	9	10
PARANÁ		10	10
RIO GRANDE DO SUL	2	7	9
SANTA CATARINA	2	5	7
MATO GROSSO DO SUL	2	4	6
PARAÍBA	3	3	6
AMAZONAS		5	5
BAHIA	2	3	5
DISTRITO FEDERAL	1	4	5
RIO GRANDE DO NORTE	3	1	4
ALAGOAS		2	2
CEARÁ		2	2
GOIÁS		1	1
MARANHÃO		1	1
PERNAMBUCO		1	1
RONDÔNIA		1	1
SERGIPE		1	1
Total	36	127	163

Tabela 48

Distribuição de produções por cidade

CIDADE	DOCTORADO	MESTRADO	Total
RECIFE	3	11	14
VITÓRIA	3	10	13
BELO HORIZONTE	1	11	12
RIO DE JANEIRO	5	6	11
BELÉM	1	9	10
RIBEIRÃO PRETO	3	5	8
FLORIANÓPOLIS	2	5	7
CAMPO GRANDE	2	4	6
CURITIBA		6	6
JOÃO PESSOA	3	3	6
PORTO ALEGRE	2	4	6
BRASÍLIA	1	4	5
MANAUS		5	5
PETROPOLIS		5	5
SALVADOR	2	3	5
JUIZ DE FORA	2	2	4
MARINGÁ		4	4
NATAL	3	1	4
SÃO JOÃO DEL REI		4	4
CAMPINAS	1	2	3
SÃO PAULO	1	2	3
UBERLÂNDIA		3	3
ASSIS		2	2
FORTALEZA		2	2
MACEIÓ		2	2
NITERÓI	1	1	2
SANTA MARIA		2	2
GOIÂNIA		1	1
PETROLINA		1	1
PORTO VELHO		1	1
SÃO BERNANDO DO CAMPO		1	1
SÃO CRISTÓVÃO		1	1
SÃO LEOPOLDO		1	1
SÃO LUÍS		1	1
SEROPÉDICA		1	1
Total	36	127	163

Em torno de 75% dos trabalhos de Mestrado e Doutorado sobre homens foram produzidos na capital.

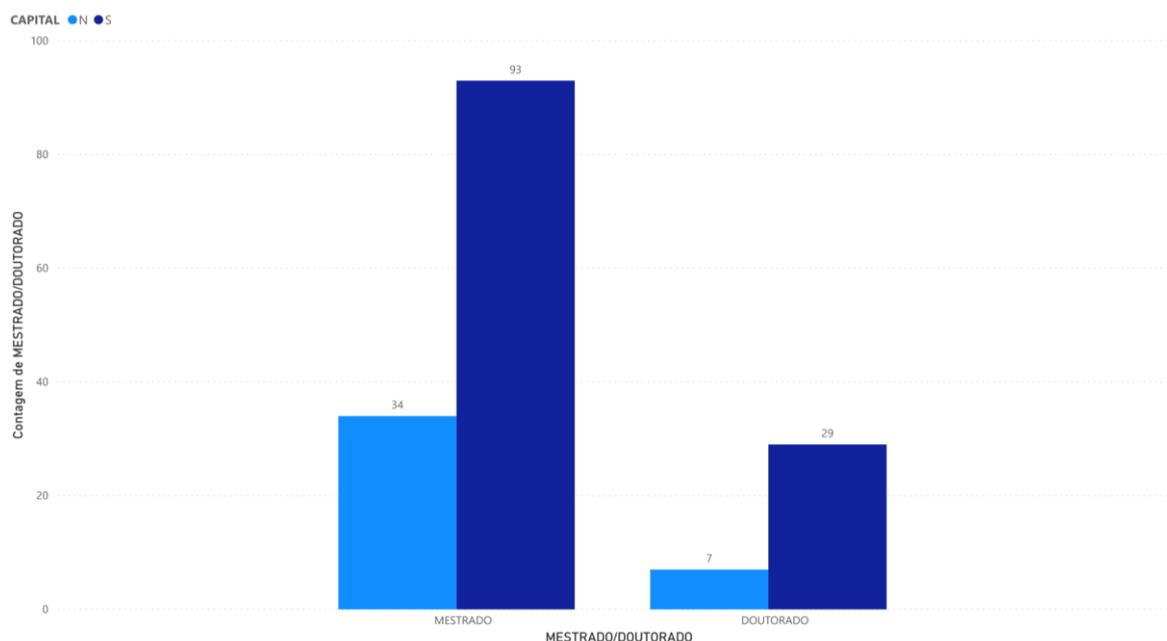


Figura 44. Distribuição de produções em capitais por curso de Pós-Graduação.

Dos pesquisadores sobre homens, 10% são de Brasília, cidade que curiosamente não apresenta pesquisadoras no tema.

Das pesquisadoras sobre homens, 9% são de Recife, lugar que por sua vez apresenta muitos pesquisadores no tema.

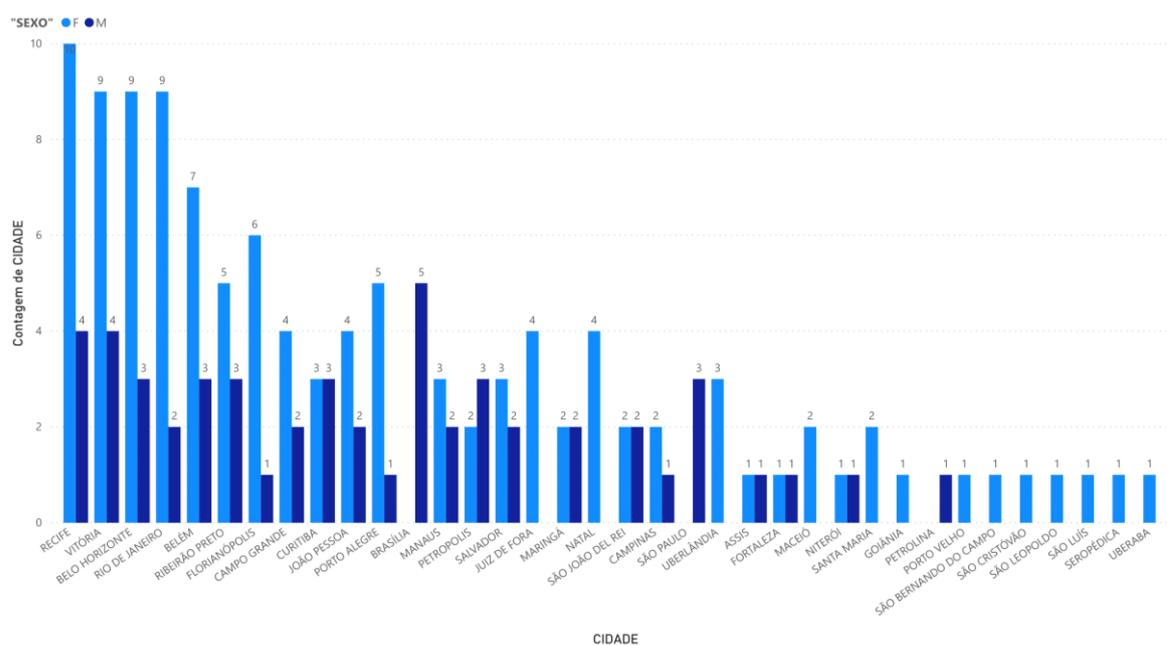


Figura 45. Distribuição de produções por cidade por curso de Pós-Graduação.

SEXO

As pesquisadoras são responsáveis por 68% das produções, enquanto os demais 22% foram produzidas por pesquisadores.

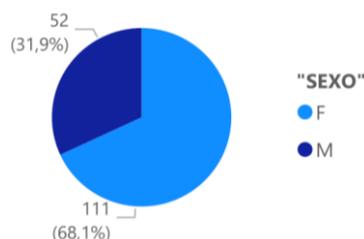


Figura 46. Distribuição de produções por sexo.

Nas produções de Mestrado a participação de pesquisadoras é de 66% e de 34% de pesquisadores. Já nas produções de Doutorado a discrepância aumenta sendo composto 75% por pesquisadoras e 25% por pesquisadores.

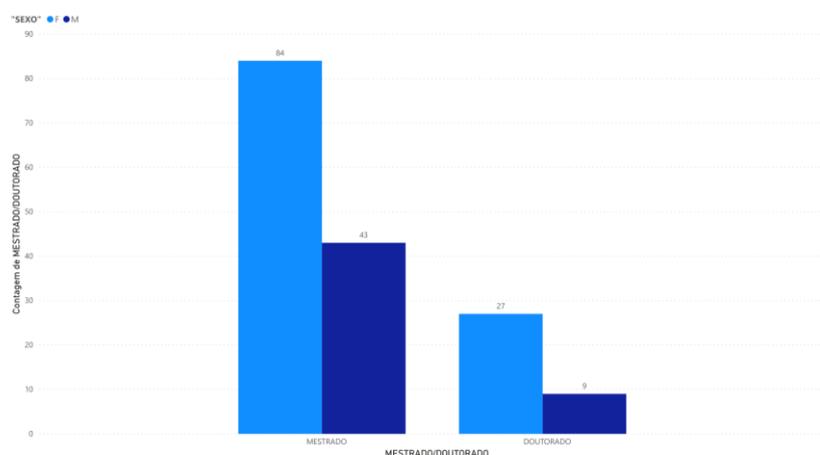


Figura 47. Distribuição de produções por sexo e curso de Pós-Graduação.

Foram produzidos na capital 75% dos trabalhos sobre homens, as pesquisadoras são responsáveis por 83% dessas produções. Dos 25% produzidos fora da capital, 68% foi pelas mãos de pesquisadoras.

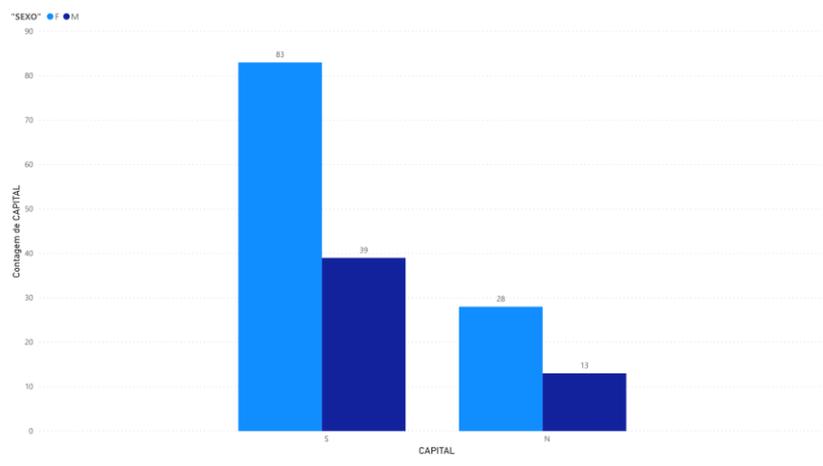


Figura 48. Distribuição de produções por sexo em capitais.

VINCULO EMPREGATICIO

Dos 163 trabalhos catalogados que constam informações relacionadas ao vínculo empregatício das(os) profissionais, 28% das(os) profissionais pesquisadoras(es) possuem vínculo empregatício conforme a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), 17% trabalha no serviço público, 4% trabalha como colaborador e 2% relatam possuir bolsa de fixação de pesquisador. Os demais 49% não ofereceram informações relacionadas ao vínculo empregatício.

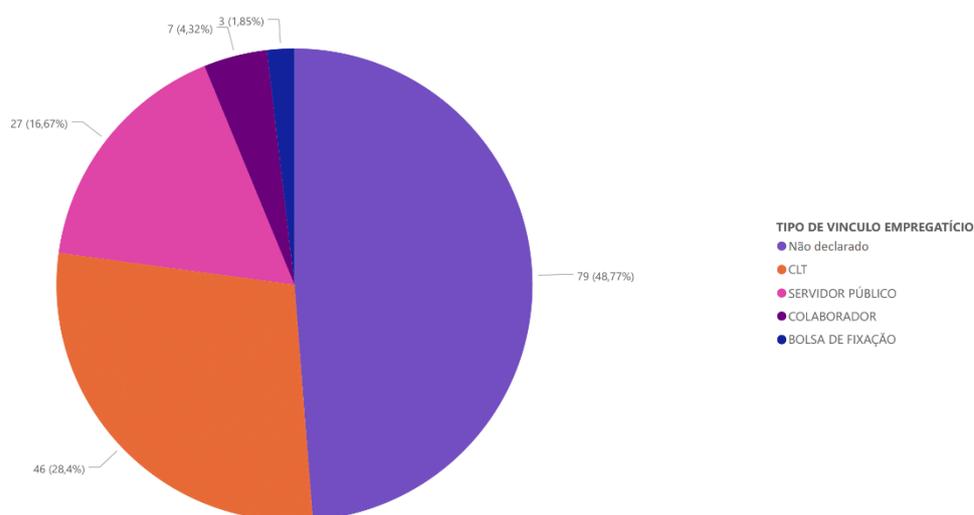


Figura 49. Tipo de vínculo empregatício.

Ainda considerando os 163 trabalhos, 50% não declararam informações relacionadas ao local de trabalho, 17% trabalham em empresa pública ou estatal, 16% dos profissionais

trabalham em Instituições de Ensino e Pesquisa, 10% trabalham em empresas privadas e 8% relataram outro tipo de vínculo.

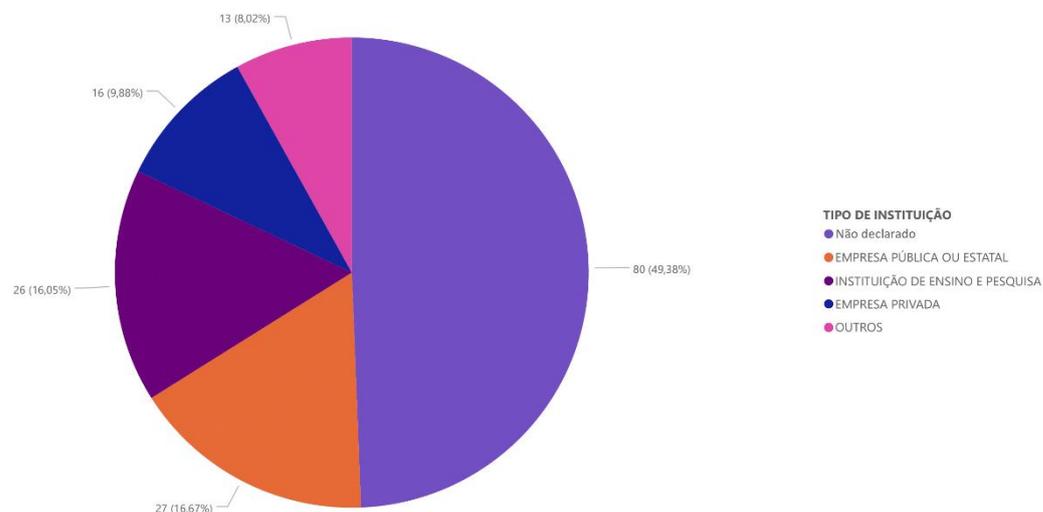


Figura 50. Local de vínculo empregatício.

ANEXO 3

BRASIL Simplifique! Participe Acesso à informação Legislação Canais

FALE CONOSCO DÚVIDAS FREQUENTES SERVIÇO DE INFORMAÇÃO AO CIDADÃO - SIC ALTO CONTRASTE TAMANHO DA FONTE

Catálogo de Teses e Dissertações

Busca

MASCULINIDADES Buscar

Panel de informações quantitativas (teses e dissertações)

Início > Busca

505 resultados para MASCULINIDADES Exibindo 1-20 de 505

Refinar meus resultados

Tipo: 4 opções

Mestrado (Dissertação) 346

Doutorado (Tese) 147

Ano: 22 opções

2017 76

2016 59

2015 51

2013 40

2014 39

Autor: 495 opções

Alexandre do Nascimento Almeida 2

EDNA MIRTES DOS SANTOS GRANJA 2

GUSTAVO ANDRADA BANDEIRA 2

JOHANNA COELHO VON MUHLEN 2

JOSEANE DA ROCHA DANTAS CAVALCANTI 2

Orientador: 389 opções

FERNANDO SEFFNER 17

LUIZ PAULO DA MOITA LOPES 11

Claudia Pereira Vianna 5

MARCIA THERESA COUTO FALCAO 5

BENEDITO MIEDRADO DANTAS 4

Banca: 1174 opções

LUIZ PAULO DA MOITA LOPES 10

DAGMAR ELISABETH ESTERMANN MEYER 9

FERNANDO SEFFNER 9

Fernando Seffner 9

JANE FELIPE DE SOUZA 8

Grande Área Conhecimento: 10 opções

CIÊNCIAS HUMANAS 183

CIÊNCIAS HUMANAS 129

CIÊNCIAS DA SAÚDE 38

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES 31

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES 30

- NUNES, BARBARA SILVA. **EM BUSCA DO CORPO MASCULINO IDEAL: higiene, atividade física e moda masculina em Teresina (1900 - 1930)** 12/08/2014 181 f. Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ, Teresina Biblioteca Depositária: Biblioteca Comunitário Carlos Castelo Branco Detalhes
- Ribeiro, Claudia Regina Santos. **"Sexualidade, Corpo e Saúde Masculinos: transformações e permanências nos discursos de homens e da revista men'shealth"**. 01/04/2011 154 f. Doutorado em SAÚDE COLETIVA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: CBC Trabalho anterior à Plataforma Sucupira
- Carvalho, Veruska Lauriana da Silva de. **A CIDADE E AS MASCULINIDADES: TORNAR-SE HOMEM EM PARNAÍBA-PI 1900-1950** 01/08/2011 160 f. Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ, Teresina Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Jornalista Carlos Castelo Branco Trabalho anterior à Plataforma Sucupira
- MATOS, MAIRA DE MELLO CABRAL E. **À deriva: juventude e masculinidades**. 01/05/2011 164 f. Mestrado em SAÚDE PÚBLICA Instituição de Ensino: FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: Lincoln de Freitas Filho Trabalho anterior à Plataforma Sucupira
- SILVA, HENRIQUE FLÁVIO MELO. **Um nordeste de "cabras-machos" e de "homens sensíveis": pedagogias culturais de gênero no repertório musical de Luiz Gonzaga** 01/10/2009 121 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL, Canoas Biblioteca Depositária: Biblioteca Martinho Lutero - ULBRA Trabalho anterior à Plataforma Sucupira
- GRANJA, EDNA MIRTES DOS SANTOS. **Entre crimes e castigos : matriz de (im)possibilidades na atenção integral aos homens autores de violência de gênero** 01/02/2008 125 f. Mestrado em PSICOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, RECIFE Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFPE Trabalho anterior à Plataforma Sucupira
- GUERRA, OSCAR ULLOA. **Como ser homens nestes tempos? Pedagogias de gênero no Manual H**. 26/02/2015 130 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre Biblioteca Depositária: Central da UFRGS Detalhes
- Saboya, Maria Clara Lopes. **Direção Escolar: na interface do masculino e feminino. Um estudo de gênero sobre diretores de escolas e suas representações sobre seu trabalho** 01/04/2004 176 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: FEUSP Trabalho anterior à Plataforma Sucupira
- SILVA, FERNANDA ALVES E. **Hipertexto como um novo espaço para o evento social da leitura: a construção das masculinidades** 01/06/2003 168 f. Mestrado em INTERDISCIPLINAR LINGUÍSTICA APLICADA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: Banco de Teses da Faculdade de Letras Trabalho anterior à Plataforma Sucupira
- SILVA, LUCIANO FERREIRA DA. **MIND THE GAP: PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO E MANUTENÇÃO DAS MASCULINIDADES E DISTANCIAMENTOS NO DESEMPENHO ESCOLAR MENINOS E MENINAS** 01/07/2012 170 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE Biblioteca Depositária: Biblioteca Setorial de Educação Trabalho anterior à Plataforma Sucupira
- TILIO, ROGERIO CASANOVAS. **Masculinidades hegemônicas e subalternas: uma análise socio-discursiva de uma história de vida**. 01/11/2001 160 f. Mestrado em INTERDISCIPLINAR LINGUÍSTICA APLICADA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: Banco de Dados da Pós-graduação da Fac. de Letras da UFRJ Trabalho anterior à Plataforma Sucupira
- Souza, Ezequiel de. **DO GÊNÉRICO AO GÊNERO: AS EXPERIÊNCIAS MASCULINAS COMO PONTO DE PARTIDA PARA O FAZER TEOLÓGICO** 01/07/2009 102 f. Mestrado em TEOLOGIA Instituição de Ensino: ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA, São Leopoldo Biblioteca Depositária: EST Trabalho anterior à Plataforma Sucupira
- MONTEIRO, MARIANA KUBILIUS. **Trajetórias na docência: professores homens na educação infantil** 13/02/2014 undefined f. Mestrado em EDUCAÇÃO FÍSICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, Campinas Biblioteca Depositária: BC-UNICAMP Detalhes
- SILVA, NATANAEL DE FREITAS. **Do Croquettes: invenções, experiências e práticas de si. Masculinidades e Feminilidades vigiadas** 19/05/2017 174 f. Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, Seropédica Biblioteca Depositária: biblioteca central Detalhes
- Beiras, Adriano. **A Negociação de Sentidos sobre Masculinidades e Paternidades em Contextos Populares de Florianópolis** 01/03/2007 119 f. Mestrado em PSICOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, FLORIANÓPOLIS Biblioteca Depositária: Central Trabalho anterior à Plataforma Sucupira
- Silva, Margaret Marthá Arilha. **Masculinidades e Gênero: discursos sobre responsabilidade e reprodução**. 01/05/1999 117 f. Mestrado em PSICOLOGIA (PSICOLOGIA SOCIAL) Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO Biblioteca Depositária: PUC/SP Trabalho anterior à Plataforma Sucupira
- CESARO, HUMBERTO LUIS DE. **OS ALQUIMISTAS DA VILA: MASCULINIDADES E PRÁTICAS CORPORAIS DE HIPERTROFIA NUMA ACADEMIA DE PORTO ALEGRE**. 01/09/2012 111 f. Mestrado em CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE Biblioteca Depositária: EDGAR SPERB Trabalho anterior à Plataforma Sucupira
- Júnior, Edyr Batista de Oliveira. **Masculinidades em cena: o modo de ser e de pensar o metrossesual a partir das telenovelas** 01/10/2012 162 f. Mestrado em ANTROPOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, BELÉM Biblioteca Depositária: ICH/UFPA Trabalho anterior à Plataforma Sucupira
- Kohn, Kelly Cristina. **A (NOVA) POLÍTICA DE SAÚDE PARA HOMENS: ABRINDO CAMINHOS PARA OS DISCURSOS MASCULINOS**. 01/01/2012 97 f. Mestrado em PSICOLOGIA Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre Biblioteca Depositária: Irmão Jose Otão Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

20. BRASILINO, JULLYANE CHAGAS B. **Masculinidades no juizado de violência doméstica e familiar contra a mulher: performances em cena** 01/02/2010 147 f. Mestrado em PSICOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, RECIFE Biblioteca Depositária: Biblioteca da Universidade Federal de Pernambuco
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

Área Conhecimento: 62 opções

- EDUCAÇÃO 53
- EDUCAÇÃO 49
- SOCIOLOGIA 35
- PSICOLOGIA 31
- LETRAS 29

Área Avaliação: 44 opções

- EDUCAÇÃO 57
- EDUCAÇÃO 51
- PSICOLOGIA 37
- SOCIOLOGIA 36
- LETRAS / LINGUÍSTICA 30

Área Concentração: 145 opções

- 205
- EDUCAÇÃO 35
- ANTROPOLOGIA SOCIAL 12
- SOCIOLOGIA 12
- PSICOLOGIA 11
- SOCIOLOGIA 24

Instituição: 98 opções

- UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL 48
- UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO 26
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO 28
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO 28
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA 23

Biblioteca: 334 opções

- Biblioteca Setorial de Educação 15
- FEUSP 11
- Biblioteca Central 7
- Biblioteca Central da UFPE 6
- PUC/SP 6

Catálogo de Teses e Dissertações
Central de Atendimento - 0800 616161
Copyright 2016 Capes. Todos os direitos reservados.
Versão: 0.0.41

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA

Figura 51. Página do buscador do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES

